

Márcio de Oliveira Guerra  
Organizador



# MOSAICO

VOLUME 3



Márcio de Oliveira Guerra  
Organizador



# MOSAICO

VOLUME 3



Juiz de Fora  
2024



©Editora UFJF, 2024

Este livro ou parte dele não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização expressa da editora. O conteúdo desta obra, além de autorizações relacionadas à permissão de uso de imagens ou textos de outro(s) autor(es) são de inteira responsabilidade do(s) autor(es) e/ou organizador(es)



**UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE JUIZ DE FORA**

**Reitor**

Marcus Vinicius David

**Vice-Reitoria**

Girlene Alves da Silva

**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**

**Diretora da Faculdade de Comunicação**

Profa. Dra. Erika Savernini Lopes

**Vice-Diretor da Faculdade de Comunicação**

Prof. Dr. Rodrigo Fonseca Barbosa

**PRODUTORA DE MULTIMEIOS DA UFJF**

**Diretor da Produtora de Multimeios da UFJF**

Márcio de Oliveira Guerra

**Técnicos Administrativos em Educação**

Giovani Duarte Verazzani

Vinicius Faza Paiva

**Textos**

Natália Ramalho

**Projeto Gráfico**

Beth Talha



**Diretor da Editora UFJF**

Ricardo Bezerra Cavalcante

**Conselho Editorial**

Jorge Carlos Felz Ferreira (Presidente)

Charlene Martins Miotti

Elson Magalhães Toledo

Emerson José Sena da Silveira

Jair Adriano Kopke de Aguiar

Maria Lúcia Duriguetto

Rafael Alves Bonfim de Queiroz

Taís de Souza Barbosa

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UFJF.

Mosaico, vol.3 / Organizador Márcio de Oliveira Guerra. – Juiz de Fora, MG: Editora UFJF/ Gestão e Avaliação educacional, 2024.

Dados eletrônicos (1 arquivo: 12 mb)

153 p.: il. col.

ISBN: 978-85-93128-63-9

1. História – Juiz de Fora (MG). 2. Memória de Minas – Juiz de Fora (MG). 3. Patrimônio histórico. I. Guerra, Márcio de Oliveira. II. Título.

CDU: 719(815.12JUIZ DE FORA)

**Editora UFJF**

Campus Universitário, Rua José Lourenço Kelmer, s/n -

São Pedro, Juiz de Fora - MG, CEP: 36036-900

Telefone (32) 2102-3586

editora@ufjf.br / distribuicao.editora@ufjf.br

www.ufjf.br/editora

Filiada à ABEU



Associação Brasileira  
das Editoras Universitárias

# Agradecimentos

A cada bolsista que passou pela Produtora de Mídias e contribuiu para que essa história fosse contada até hoje;

Aos técnicos-administrativos em educação, Giovani Verazanni e Vinícius Faza, por dividirem comigo a orientação aos alunos nessa empreitada;

Aos diretores da Facom, Jorge Felz e Marise Mendes, que permitiram dirigir a Produtora de Mídias nesses anos todos;

A cada fonte que se dispôs a contar sua história e, assim, contribuiu para a construção desse Mosaico;

Aos dirigentes do Sistema Regional de Comunicação, que desde o seu fundador, Josino Aragão, deram espaço na TVE Juiz de Fora para o nosso sonho;

Ao meu companheiro, Flávio Galone, por estar a meu lado, cuidando de mim com amor e carinho.

Aos meus irmãos, pelo amor incondicional;

Aos meus pais, Nízio e Alvair, por tudo que me ensinaram e por terem me dado a chance de ser quem sou;

À deputada federal Margarida Salomão, por mais uma vez estar a meu lado. Uma amiga e exemplo;

Ao Nelson Júnior, pelo apoio desde o primeiro dia de Mosaico, através do Supermercado Bahamas;

Ao talento da Beth Talha na diagramação e ao texto de Natália Romualdo;

Aos amigos como Rita Nascif, Simone Ferraz, Ana Paula Dutra, Christiane Paschalino, Ana Livia Coimbra e minha prima Cecília Rodrigues, por sempre me oferecerem o ombro e a palavra amiga nos dias difíceis;

Tia Zinha, obrigado por não me abandonar nunca.



# Apresentação

Chegar ao terceiro volume do Mosaico é motivo de celebração. Temos motivo de sobra para comemorar porque aqui se amplia o sonho da preservação da memória de Juiz de Fora. Além do acervo em DVD e da disponibilização do programa no YouTube, ter essas histórias impressas assegura um lugar de garantia a mais para que pessoas, instituições, projetos e talentos sejam divulgados. Neste volume, trazemos programas que falaram de gente que tem seu nome confundido com a nossa história, como Procópio Teixeira, Maria José Baeta, Dormevilly Nóbrega, Moacyr Borges de Mattos, Arides Braga, José Carlos de Lery Guimarães, Aldo Manfrói, Ademar Andrade e Ernani Ciuffo.

Outros que cedo nos deixaram, como o jornalista Antônio Marcos, o radialista Ronaldo Mineiro e o rei momo Júlio Guedes. Mostramos onde funcionou o primeiro Mercado Municipal de Juiz de Fora. Falamos da Banda Daki. Com nosso programa ficaram preservadas as histórias do Clube Ginástico e das Aldeias SOS. Temos neste livro espaço dedicado ao rádio. Contamos sobre a antiga Difusora e a recente Catedral. Fizemos um especial sobre o rádio da cidade através de depoimentos de seus radialistas. Também apresentamos a TV Industrial, um marco da comunicação.

E por falar em comunicação, vários são os nomes do jornalismo local que foram destacados no Mosaico e aparecem nesse livro: Ivan Elias, César Romero, Ivan Costa, Tuca e Antônio Maria, Ricardo Ribeiro, Andreia Andrade, Xico Teixeira, Humberto Nicoline, Cristina Maia, Álvaro Americano, entre outros que têm seu trabalho reconhecido.

Mas também contamos a história de nomes importantes das artes. Como no especial dedicado ao mestre do teatro e da comunicação, José Luiz Ribeiro, Maria do Carmo Carriço, Flavinho da Juventude, Joãozinho da Percussão, Mamão, Alessandra Crispim e outros. Na religião, este volume apresenta a história do famoso Padre Wilson Vale da Costa, do Monsenhor João Carlos (Paróquia de São Jorge), Padre Leles e as grutas de Juiz de Fora. Mostramos duas instituições de ensino tradicionais da cidade: o Instituto Vianna Júnior e o Machado Sobrinho.

O esporte sempre nos rendeu muitas boas pautas. Contamos a história da equipe do Sport bicampeão mineiro de vôlei; falamos do extinto time do Volante; de nomes como Flávio Vilela, Ademilson, Júlio Gasparette. Destacamos a projeção de Labibe Simão como figurinista da Globo. Fizemos um especial sobre moda em Juiz de Fora e, dentro do tema, destacamos a trajetória de Patrícia Alvim.

Fizemos vários programas especiais, como o que mostrou a atividade e a vida dos carroceiros de Juiz de Fora, a história das mulheres que chegaram ao cargo de vereadoras, as bibliotecas da cidade, Miss Gay, e também falamos de projetos marcantes aqui realizados, como a Sopa dos Pobres, o Gedae e a AMAJF.

Ao folhear cada página, convidamos todos e todas a perceberem a importância desse projeto para a conscientização do quanto preservar nossa memória é fundamental para entendermos a cidade em que vivemos e que nem sempre é cuidada à altura pelas autoridades e seus moradores. Vida longa ao Mosaico. Que venham novos volumes e que mais gente se envolva e conheça tudo isso. Boa leitura e viagem no tempo e na história.

*Márcio Guerra*

# Sumário

<b>Mosaico 71</b>	<b>10</b>	<b>Mosaico 80</b>	<b>37</b>
Ronaldo Mineiro Adenilde Petrina Sociedade Beneficente Sopa dos Pobres		Instituto Vianna Júnior Cristina Maia Humberto Nicoline	
<b>Mosaico 72</b>	<b>13</b>	<b>Mosaico 81</b>	<b>40</b>
Especial Aniversário de Juiz de Fora		Mamão TV Industrial Mosteiro Pequeno Monge	
<b>Mosaico 73</b>	<b>16</b>	<b>Mosaico 82</b>	<b>43</b>
Especial Aniversário de Juiz de Fora - 163 anos		Família Bracher	
<b>Mosaico 74</b>	<b>19</b>	<b>Mosaico 83</b>	<b>46</b>
Rádio em Juiz de Fora		César Romero Bibliotecas de Juiz de Fora Gedae	
<b>Mosaico 75</b>	<b>22</b>	<b>Mosaico 84</b>	<b>49</b>
Ivan Elias Curso de Gastronomia do CES Armando Falconi		Eduardo Gomes Sindicatos Escoteiros	
<b>Mosaico 76</b>	<b>25</b>	<b>Mosaico 85</b>	<b>52</b>
Carlos e Júlio Guedes Corais de Juiz de Fora		Miss Gay 2013	
<b>Mosaico 77</b>	<b>28</b>	<b>Mosaico 86</b>	<b>54</b>
Radialista Telê Rio Paraibuna Monsenhor João Carlos		Usina de Marmelos Maria Helena Sleutjes Cristina Mansur	
<b>Mosaico 78</b>	<b>31</b>	<b>Mosaico 87</b>	<b>57</b>
Edifício Baependy Tairone Vale Maria do Carmo Carriço		Time de Volêi do Sport Rádio Difusora	
<b>Mosaico 79</b>	<b>34</b>	<b>Mosaico 88</b>	<b>60</b>
Vereadoras em Juiz de Fora Flavinho da Juventude		Ademilson Correa Clodesmidt Riani Teatro Paschoal Carlos Magno	

<b>Mosaico 89</b>	<b>63</b>	<b>Mosaico 98</b>	<b>90</b>
Grutas Religiosas Pró-Música Ângelo Savastano		Murilo Hingel Padre Wilson Vale da Costa	
<b>Mosaico 90</b>	<b>66</b>	<b>Mosaico 99</b>	<b>93</b>
Parque da Lajinha Padre Leles Time Volante		Talentos de Juiz de Fora que se Expressam por suas Vocações	
<b>Mosaico 91</b>	<b>69</b>	<b>Mosaico 100</b>	<b>95</b>
Tuca Prazeres Toninho Maria Gil Horta Palhaço Trombetinha		Comemoração de 100 Programas no Formato Novo	
<b>Mosaico 92</b>	<b>72</b>	<b>Mosaico 101</b>	<b>97</b>
Gráficas de Juiz de Fora Luiz Gamonal Joãozinho da Percussão		Márcio Sabones Carroceiros Cristiane Hübner	
<b>Mosaico 93</b>	<b>75</b>	<b>Mosaico 102</b>	<b>100</b>
Alexandre Silveira Fundação Machado Sobrinho Andréa Andrade		Bairro Estrela Sul Raquel Silvestre e Dormevilly Nóbrega	
<b>Mosaico 94</b>	<b>78</b>	<b>Mosaico 103</b>	<b>103</b>
Labibe Simão Cacá Salermo Maria José Baeta Reis		Família Bara José Gilberto de Melo	
<b>Mosaico 95</b>	<b>81</b>	<b>Mosaico 104</b>	<b>106</b>
Paulo Medina Júlio Gasparette Moda em Juiz de Fora		William Boy Flávio Villela Arlete Heringer	
<b>Mosaico 96</b>	<b>84</b>	<b>Mosaico 105</b>	<b>109</b>
Álvaro Americano Xico Teixeira Mirantes de Juiz de Fora		Antônio Marcos Patrícia Alvim Primeiro Mercado Municipal de Juiz de Fora	
<b>Mosaico 97</b>	<b>87</b>	<b>Mosaico 106</b>	<b>112</b>
Especial José Luiz Ribeiro		Melhor Assim Moacyr Borges de Mattos Adhemar Rezende de Andrade	
		<b>Mosaico 107</b>	<b>115</b>
		Ivan Costa Negro Bússola Flora Nanibe	

<b>Mosaico 108</b> Ernani Ciuffo Terezinha Bóbio Alessandra Crispim	<b>118</b>	<b>Mosaico 118</b> Paulo Gonçalves Ricardo Ribeiro Jairo Souza	<b>145</b>
<b>Mosaico 109</b> AMAJF Aldeia SOS Reciclagem	<b>120</b>	<b>Mosaico 119</b> João Carlos Coelho Júnior Eduardo Monsanto Carlos Fernando Ferreira	<b>148</b>
<b>Mosaico 110</b> Vereadores Homenageados na Câmara Municipal Banda Daki Pedro Guedes	<b>123</b>	<b>Mosaico 120</b> Rádio Catedral Ângelo Atalla Família Procópio Teixeira	<b>151</b>
<b>Mosaico 111</b> O Carnaval de Juiz de Fora	<b>126</b>		
<b>Mosaico 112</b> José Carlos Lery Guimarães História do Comércio de Juiz de Fora	<b>128</b>		
<b>Mosaico 113</b> Mestre Pinheiro Associação de Belas Artes Antônio Parreiras Helena Bittencourt	<b>131</b>		
<b>Mosaico 114</b> Marcelo Van Gasse Renê Matos Padre Expedito de Castro	<b>134</b>		
<b>Mosaico 115</b> Clube Acadêmicos Aldo Manfrói Turma do São Roque	<b>137</b>		
<b>Mosaico 116</b> Especial Arides Braga	<b>140</b>		
<b>Mosaico 117</b> Clube Ginástico Ítalo Paschoal Luiz Leonardo de Freitas e Fabiano	<b>142</b>		



## Ronaldo Mineiro, Adenilde Petrina e Sociedade Beneficente Sopa dos Pobres

O programa Mosaico de número 71 foi exibido no dia 20 de maio de 2013 e mostrou a história do ex-radialista Ronaldo “Mineiro” Ozório, de uma das figuras mais conhecidas do Bairro Santa Cândida, Adenilde Petrina, e da Sociedade Beneficente Sopa dos Pobres.

A primeira entrevistada desse programa foi a presidente da Sociedade Beneficente Sopa dos Pobres, Vanda Fonseca Coelho. Ela contou que a história do local começou em 1910, quando Ludgero Otaviano Moreira e sua esposa Alcides Guimarães Moreira (Tita), em comemoração ao aniversário de sua filha, ofereciam um jantar às crianças pobres, cujo número variava de 60 a 100.

Em 1931, Ludgero teve a ideia de transformar o jantar anual em sopa diária, estendendo, assim, o benefício aos adultos necessitados, às famílias numerosas etc. Amadurecida a ideia e encorajado pela esposa, Ludgero, junto com Ludovido Bargiona e o professor Raimundo Tavares, percorreram a cidade angariando dinheiro, parceiros e sócios.

Em 1936, a Sociedade Beneficente Sopa dos Pobres (SBSP) recebeu o prédio onde funcionou o extinto “Tiro de Guerra nº17”, situado na Rua Santo Antônio. Essa doação foi feita graças à iniciativa de Jesus de Oliveira, que, por esse gesto, foi agraciado com o título de Sócio Benemérito da Instituição. A partir de 1939, a SBSP passou a funcionar no referido local, onde se encontra até hoje.

Vanda também disse que, além de oferecer a sopa diariamente, a SBSP também distribui cobertores no inverno e, durante o ano, vestuário,

enxovais para recém-nascidos, cestas básicas e kits infantis no natal.

Para executar todo o serviço, a SBSP contava com cinco funcionários e 11 voluntários. Uma dessas funcionárias era a auxiliar de escritório Roselaine Ribeiro Assunção, que atuava na Sociedade há mais de dez anos, e cujos avô e mãe também trabalharam no local. Ela afirmou que a relação dos funcionários com os frequentadores era a melhor possível, pois eles faziam amizade com os usuários, ouviam suas histórias de vida e participavam do crescimento dos filhos dessas pessoas.

Na entrevista com o ex-radialista Ronaldo “Mineiro”, ele revelou que seu apelido veio da época em que era apresentador de quadra na escola de samba Real Grandeza. Ele contou que, ao participar de um campeonato de samba, precisou de um pseudônimo e, por ter nascido nas Minas Gerais, escolheu esse apelido.

Ronaldo também era conhecido como o “Homem da Cachorra”, pois aonde ia levava sempre sua cachorra chamada Mel. Sua história com Mel começara quando decidira comprar um cão e foi a uma feira procurar. Em um dos estandes estava Mel, que, logo quando foi para os braços de Ronaldo, lambeu-lhe o rosto e fez com que ele se apaixonasse.

Ele ainda explicou que o fato de ser deficiente físico não o impediu de ter uma infância especial, pois sua mãe o havia preparado para a vida e o ensinou seu valor como pessoa.

Além disso, ele acrescentou que desde criança seu sonho era ser radialista e, quando realizou



esse sonho, cometeu uma das maiores gafes de sua vida, da qual nunca se esqueceria. Ele contou que, quando Tarcísio Delgado fora eleito prefeito, foi congratulá-lo e acabou dizendo: “Satisfeito estou e espero que o nosso candidato promova uma grande gestação”. Todos no estúdio riram e Ronaldo ficou extremamente constrangido com a situação.

A entrevista com “Mineiro” continuou na Escola de Samba Real Grandeza, pela qual o ex-racialista revelou ser apaixonado. Ele fora convidado para participar da escola pelo ex-vereador Lincoln Brand, por saber cantar e tocar violão. Acabou ingressando como um dos diretores. Ele ainda se revelou apaixonado pelo Tupi e apreciador “consciente” do Flamengo.

A conversa com Adenilde começou com ela explicando que seu nome fora uma homenagem feita por seu pai à cantora de chorinho Adenilde Fonseca e o sobrenome “Petrina” foi porque nasceu no dia de São Pedro.

Adenilde é professora de História e revelou que, no Santa Cândida, existia a Rádio Mega, que surgiu com os movimentos estudantis da Escola Estadual Professor Cândido Mota Filho. Quem teve a ideia de fundar a rádio comunitária foi o irmão de Adenilde, conhecido como DJ Nonô, que participava da rádio escola do Cândido Mota Filho. O grêmio estudantil abraçou a ideia e a espalhou por todo o bairro. O objetivo da Rádio Mega era dar voz à comunidade, algo que não acontecia nas mídias tradicionais.

De acordo com a professora, o grande sucesso da Mega foi devido à seriedade com que desenvolveram seus trabalhos. Esse veículo também ficou conhecido por retomar a cultura Hip Hop, que surgira em Juiz de Fora na década de 1980.

Ela revelou que já tinha trabalhado na Biblioteca Redentorista e, por ser envolvida com a cultura hip hop, decidiu montar uma em sua casa. Seu objetivo era viabilizar e democratizar o acesso à informação que, para Adenilde, “é o ouro do século XXI”. Dessa forma, os jovens da comunidade frequentavam a biblioteca da professora também para buscar inspiração para escrever suas letras de rap.

Adenilde esperava o dia em que o Santa Cândida pudesse contar com um Centro Cultural, que sua biblioteca fosse levada para o novo local, onde pudesse atender um número cada vez maior de pessoas.



#### FICHA TÉCNICA

**Apresentação:** Débora Almada, Natália Oliveira e Priscila Oliveira

**Produção:** Ingridy Castro, Mariana Cardoso, Júlia Horta e Luana Alencar

**Edição:** Cíntia Charlene, Mariana Müller e Priscila Oliveira

**Câmeras:** Douglas Ribeiro, Lucas Godinho e Victor Marcelino

**Divulgação:** Bruno Stephan, Carolina de Paula e Vanessa Ferreira

**Vinheta:** Davi Ferreira

**Apoio técnico imagens e edição:** Gildo Leonel e Rodrigo Paschoalino





## Especial Aniversário de Juiz de Fora

O Mosaico 72 foi especial, pois comemorou o aniversário de 163 anos de Juiz de Fora. Para a comemoração, o diretor da Produtora de Múltiplos da UFJF, Professor Doutor Márcio de Oliveira Guerra, decidiu dividir o programa em duas partes. Na primeira, a história da cidade foi contada por três alunos da UFJF, três músicos foram escolhidos para cantar uma música que falasse de Juiz de Fora e outros três foram selecionados para interpretar um trecho da história da cidade.

Naquele ano, completavam-se 163 anos que o pequeno vilarejo de Santo Antônio do Paraibuna havia nascido. Trinta anos após a fundação do vilarejo, ele foi elevado à condição de cidade.

De acordo com a estudante Maria Antônia Sampaio, a origem do nome “Juiz de Fora” se deveu ao fato de o lugar não possuir um juiz que atuasse diretamente na resolução das situações jurídicas da cidade. Então, vinha uma pessoa, no caso um “juiz de longe, de fora”, para resolver as questões judiciais do local.

Outro fato que a estudante destacou foi a Estrada do Paraibuna, que foi criada em 1835 por Henrique Halfeld. Ele tinha o intuito de ligar Vila Rica (atual Ouro Preto) ao Rio de Janeiro. Esse foi um marco tão importante para a cidade, que o caminho ainda existe e é conhecido como a principal avenida de Juiz de Fora, a Avenida Barão do Rio Branco.

Com a construção da Usina de Marmelos, a qual foi inaugurada em 1889, a cidade foi primeira na América Latina a contar com uma hidrelétrica, e a instalação de luz elétrica aconteceu no local antes

mesmo que ocorresse em Nova Iorque. Com isso, ela recebeu o apelido de “Farol de Minas”.

Quando a corte portuguesa veio para o Brasil, Juiz de Fora foi um dos destinos de Dom Pedro II e da Princesa Isabel. A estudante Paula Takeuchi afirmou que a princesa tinha o hábito de se sentar em um banco, localizado no Museu Mariano Procópio, para ler romances. E ela não gostava de ser incomodada durante esse momento.

Em 1888, foi fundada em Juiz de Fora a Companhia Têxtil Bernardo Mascarenhas. A partir desse momento, a cidade teve um “boom” no desenvolvimento industrial. A estudante Beatriz Antunes explicou que muitos imigrantes vieram trabalhar na indústria têxtil.

Quem aceitou o desafio de criar cenas de teatro que retratassem um pouco da história de Juiz de Fora foram os atores Gustavo Burla e Tássia Souza. Integrantes do grupo de teatro TOC (Teatro Obsessivo Compulsivo), eles decidiram fazer uma montagem no Centro Cultural Bernardo Mascarenhas.

A peça foi composta por dois personagens, um homem e uma mulher que visitaram as dependências da fábrica de Bernardo Mascarenhas e tentaram capturar o que era mais importante na personalidade do fundador do local e de sua esposa. E, dentro dessa perspectiva, Bernardo observava a jornada dos personagens.

O ator Adelino Benedito também aceitou o desafio de interpretar um trecho da história de Juiz de Fora. Ele optou por dar vida ao escravo Teófilo, que foi homenageado pela cidade com uma praça



que leva seu nome (a qual se encontra no Bairro Vitorino Braga), por acreditar que os escravos resistiram à escravidão. Teófilo foi um desses escravos que resistiram, fugindo da casa de seus senhores. Mas foi capturado, castigado e faleceu devido ao castigo.

Já o ator Vitor Medeiros escolheu encenar a chegada do homem que dá nome à cidade, o “juiz de fora”, nos dias atuais. A encenação foi feita no Morro do Cristo, porque, segundo o ator, esse é um dos locais, em toda a cidade, no qual mais se notam as transformações por que Juiz de Fora passou.

No cenário musical, o grupo Samba D’Loko foi convidado para compor uma música que celebrasse Juiz de Fora. Na composição eles falaram sobre a Avenida Barão do Rio Branco, o Calçadão da Rua Halfeld e o Cine-Theatro Central.

O MC Aice Andrade também aceitou o desafio de cantar sobre Juiz de Fora. Ele decidiu, junto com o Bboy Erê dos Palmares, falar sobre a natureza tão presente na cidade e sobre os artistas.

A última cantora desafiada a mostrar sua composição foi Alessandra Crispim, que falou sobre a importância da Maria Fumaça para Juiz de Fora.

E, com a música de Alessandra, foi encerrada a primeira parte da homenagem aos 163 anos da cidade.



#### FICHA TÉCNICA

**Apresentação:** Débora Almada, Natália Oliveira e Priscila Oliveira

**Produção:** Ingridy Castro, Mariana Cardoso, Júlia Horta e Luana Alencar

**Edição:** Cíntia Charlene, Mariana Müller e Priscila Oliveira

**Câmeras:** Douglas Ribeiro, Lucas Godinho e Victor Marcelino

**Divulgação:** Bruno Stephan, Carolina de Paula e Vanessa Ferreira

**Vinheta:** Davi Ferreira

**Apoio técnico imagens e edição:** Gildo Leonel e Rodrigo Paschoalino



## Especial Aniversário de Juiz de Fora - 163 anos

Esse Mosaico também foi um programa especial, por prosseguir com as homenagens aos 163 anos de Juiz de Fora.

Nesse programa, três pessoas que nunca haviam visitado o Cine-Theatro Central, o Morro do Cristo e a UFJF foram escolhidas e convidadas para conhecer esses locais. Além disso, três estrangeiros foram convidados a revelar qual havia sido a impressão que tiveram de Juiz de Fora quando aqui chegaram, e qual era a visão que tinham após terem vivido na cidade. E, para finalizar, o programa entrevistou três aposentados que estavam sempre no Parque Halfeld e tinham muita história para contar.

A primeira parada do programa foi o Parque Halfeld. O aposentado José Maria de Almeida era um dos mais antigos frequentadores do Parque e afirmou que, mesmo enquanto ainda trabalhava, encontrava tempo para se sentar no Parque Halfeld e jogar baralho com os amigos. Ele disse ainda que se orgulhava de morar em Juiz de Fora e que não tinha do que reclamar em relação à cidade.

O aposentado Teodoro Dias destacou que as principais mudanças pelas quais a cidade havia passado foram o aumento da população, a saída do carnaval das ruas Halfeld e Marechal e a extinção dos bondes. Teodoro destacou que a cidade era um bom lugar para se morar e que daqui não tinha vontade de se mudar. Por fim, o senhor destacou que sua rotina de jogar damas no Parque Halfeld com os amigos já durava 20 anos.

Já o aposentado Lincoln Ferreira revelou que o motivo pelo qual frequentava o Parque era por ser um local que o fazia esquecer de seus problemas.

O assunto seguinte do Mosaico foi o Cine-Theatro Central. A missão era apresentar o Teatro ao aposentado Evanir José de Paula, que nunca visitara o local, pois nunca tivera a chance e a curiosidade. Ele imaginava que o interior do Teatro era parecido com o interior de um cinema. Ao adentrar o recinto, ele se maravilhou com a beleza do ambiente e afirmou que a realidade superou suas expectativas, considerando-o como um “presente de Deus”.

A estudante Evanilda Mappa foi levada para conhecer a UFJF. Seu conhecimento sobre a Universidade se restringia somente às imagens que via do campus pela televisão. Após visitar algumas instâncias do campus, tal como a Praça Cívica, ela disse ter adorado o ambiente e afirmou que levaria seus pais para conhecerem a UFJF também.

Já o estudante Raphael de Oliveira não conhecia o Morro do Cristo e revelou que o motivo era por sempre adiar a visita ao local. Ele não tinha nem ideia de como era o Mirante do Morro do Cristo e ressaltou que parecia estar vendo outra cidade ao observar a vista panorâmica de Juiz de Fora. Raphael também se maravilhou ao olhar a cidade através das lentes da luneta terrestre. Ele disse ser uma lástima as pessoas perderem a oportunidade de prestigiar uma vista tão bonita quanto a que se pode apreciar do Mirante do Morro do Cristo.



No terceiro bloco do programa, foi a vez dos estrangeiros que vieram morar em Juiz de Fora contarem suas histórias.

A primeira entrevistada foi a empresária Mi Laeng Leg Yee, que viera da Coreia do Sul para Juiz de Fora e abriu uma loja de roupas na cidade. Ela revelou que as culturas coreana e brasileira eram muito diferentes, principalmente no que se referia aos costumes e aos alimentos. Mas ela disse gostar muito do jeito amigável e acolhedor dos brasileiros e dos juiz-foranos.

O garçom José Filipe de Souza era natural de Portugal e veio para o Brasil pela primeira vez para passar férias. Instalou-se em Juiz de Fora e se apaixonou tanto pela cidade que não quis mais voltar para sua cidade natal. Ele disse que a vida noturna de Juiz de Fora se assemelhava muito às de Portugal.

Já o atendente administrativo Smail Sadiki viera do Marrocos para Juiz de Fora. Ele revelou adorar a vista do Morro do Cristo e passear no Museu. As principais diferenças que citou entre a cultura marroquina e a brasileira foram o idioma, a grande quantidade de feriados no Brasil e o clima, que em Juiz de Fora pode existir o verão e o inverno no mesmo dia, algo que não ocorre em seu país. Ele afirmou que a cordialidade do brasileiro também se constitui como uma grande diferença.





#### FICHA TÉCNICA

**Apresentação:** Flávio Christo, Júnio Nogueira e Raíssa Ferreira

**Produção:** Ingridy Castro, Júlia Horta, Marcela Valladares e Vitor Ramos

**Edição:** Cíntia Charlene, Júnio Nogueira, Mariana Müller, Matheus Sampaio e Priscila Oliveira

**Câmeras:** Lucas Godinho, Natália Oliveira, Victor Marcelino e Vitor Ramos

**Divulgação:** Bruno Stephan, Carolina de Paula, Layrha Moura e Vanessa Ferreira

**Vinheta:** Davi Ferreira

**Apoio técnico imagens e edição:** Gildo Leonel e Rodrigo Paschoalino



## Rádio em Juiz de Fora

Os personagens do rádio são conhecidos por suas vozes marcantes. Mas, no Mosaico 74, eles mostraram a sua face.

O primeiro rosto revelado e que começou a construir a história da Rádio Industrial foi o do radialista Geraldo Magela. Ele relatou que a Rádio Industrial foi inaugurada em 1949, por Alceu Fonseca, e seu primeiro local de funcionamento foi o edifício Baependi, na Rua Halfeld. Graças à necessidade de expansão, foi necessário mudar de sede e, assim, a Rádio foi transferida para a Rua Batista de Oliveira, onde, posteriormente, foi instalada a sede do Sindicato dos Bancários.

De acordo com Magela, foi Alceu quem implantou em Juiz de Fora a tradição dos programas de auditório, das telenovelas, esquetes culturais, transmissão de jogos de futebol e carnaval.

Como a Rádio Industrial era a mais importante da cidade, a PRB-3 foi vendida para os Diários Associados, com o intuito de que fosse reformulada para que se tornasse tão forte quanto a Industrial.

Magela revelou que sempre que passava perto do local onde foi o estúdio da Rádio se via na extinta Rádio Industrial, esperando o momento para entrar no estúdio e começar seu programa.

Já Maurício Menezes contou que havia uma grande rivalidade entre as rádios PRB-3 e a Rádio Industrial, sendo a última de grande importância para sua vida, uma vez que foi através dela que fez a primeira transmissão internacional do rádio esportivo de Juiz de Fora.

Menezes ainda revelou que seu amor por esportes o acompanhava desde que era criança, quan-

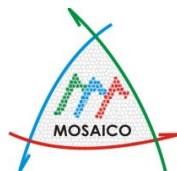
do jogava botão com seus amigos, ouvia a Rádio Nacional, do Rio de Janeiro, e narrava os jogos. Logo, decidiu fazer um teste para trabalhar na PRB-3. Mário Helênio era o chefe de esportes e gostou da atuação de Maurício. Assim, sua participação na Rádio se tornou frequente.

Maurício foi um dos integrantes da equipe da Rádio Panorama em 2003. Ele revelou que aceitara o convite para trabalhar na Rádio, pois a proposta de ter o público acompanhando a programação ao vivo, apenas com um vidro separando o locutor do ouvinte, o atraiu.

Mesmo a Rádio não existindo mais, o locutor Glaucio Fassheber guardava boas memórias de seu tempo como radialista. Ele disse que a Rádio possuía um estúdio para testes, um para o locutor, um auditório para cerca de 500 pessoas, uma grande orquestra comandada pelo maestro Mário Vieira e um transmissor de 25 metros, através do qual era possível se corresponder com emissoras de vários países.

A radioatriz Vilca de Oliveira foi a primeira mulher a fazer parte de radionovelas na Rádio Industrial. Noiva do pianista Randal de Oliveira, ela estava acostumada a acompanhá-lo nos eventos em que se apresentava e, assim, recebeu o convite para participar de uma radionovela. Ela fez o teste, foi aprovada e fez a sua primeira novela.

Com o fim da Rádio Industrial, vozes que se falavam diariamente se distanciaram. Duas delas foram as do radialista Jair Macedo e Maurício Menezes. O Mosaico promoveu o encontro dessas duas personalidades.



Jair revelou que foi repórter de Maurício e que o mesmo já narrava jogos quando era soldado. O diretor de esportes e comentarista Bié descobriu Menezes e o levou para trabalhar no rádio. A história deles teve início na PRB-3 e continuou quando foram para a Rádio Industrial.

O ex-radialista Natálio Luz também narrou sua história com a Rádio Industrial. Ele afirmou que, antes de se tornar radialista, trabalhou como vendedor de uma quitanda, localizada em frente à PRB-3. Um dia, foi convidado para fazer um teste para ser ator de radionovela e passou. Ele já trabalhara com teatro no Rio de Janeiro e fora pintor, além de ter atuado na televisão.

O ex-radialista Kléber Ramos destacou que um programa importante da Industrial era o noticiário T-9 (uma referência ao prefixo da Rádio, que era ZYT-9), que era dividido em várias edições durante o dia e transmitido através de dois alto-falantes para o Calçadão. Um desses alto-falantes ficava apontado para a Rua Batista de Oliveira e o outro, para a Avenida Rio Branco.

Kléber disse que tanto a Rádio Industrial quanto a TV foram vendidas, a primeira para a Rádio Capital, de São Paulo, e a última para a TV Globo.

A emissora que inovou na forma de fazer rádio não perdeu seu brilho nem quando encerrou suas transmissões. A Rádio Industrial continua viva na voz e na lembrança de seus personagens, cada um com sua forma de narrar e de lembrar daquela época de ouro.





#### FICHA TÉCNICA

**Apresentação:** Caio Zóia, Tainá Voltas e Victor Silva

**Produção:** Juliana Braga, Luana Alencar, Mariana Cardoso, Matheus Marcos, Rômulo Heleno e Yuri Fernandes

**Edição:** Glória Maria Baltazar, Mariana Müller e Priscila Oliveira

**Câmeras:** Lucas Godinho, Luciany Oliveira e Natália Oliveira

**Divulgação:** Bruno Stephan, Carolina de Paula, Layrha Moura e Vanessa Ferreira

**Vinheta:** Davi Ferreira

**Apoio técnico imagens e edição:** Gildo Leonel e Rodrigo Paschoalino



## Ivan Elias, Curso de Gastronomia do CES e Armando Falconi

No Mosaico 75, foi contada a história do especialista em terapia naturalista Armando Falconi, a história do curso de Gastronomia do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES) a trajetória do jornalista Ivan Elias.

O programa começou com Armando Falconi revelando ser natural de Astolfo Dutra, cidade que fica a cerca de 120 km de Juiz de Fora. Ele foi pioneiro em Juiz de Fora no ramo de terapias naturais. Em 1979, fundou o Centro Cultural Oriente Ocidente, primeira clínica registrada de acupuntura chinesa em Minas Gerais. No Centro, eles trabalham com fitoterapia (uso de plantas medicinais) e com iridologia, terapia que diagnostica as condições do organismo analisando a íris.

Falconi contou que residiu em um mosteiro budista e, além de aluno, tornou-se discípulo nessa instituição. Por volta do ano 2009, Falconi foi, juntamente com mais nove médiuns, participar de uma experiência na área da mediunidade. Para isso, o grupo viajou para os Estados Unidos.

O terapeuta naturalista comentou que ainda participava de um programa na Rádio Solar, veiculado às segundas-feiras, de 11h30 às 12h, no qual dava dicas de como se alimentar de maneira saudável.

Falconi contou que desde criança via coisas que ninguém via e falava com coisas que ninguém falava. Depois que se tornou espírita, essa mediunidade se desenvolveu e ele se tornou vidente e disse conseguir psicografar mensagens de espíritos.

Ele ainda desenvolve atividades na Fundação Espírita Allan Kardec (FEAK), localizada no bairro Cascatinha. Entre as atividades oferecidas estão: palestras, grupos de estudos, oficinas de capacitação e treinamento, cursos e atendimento fraterno em diversos horários etc.

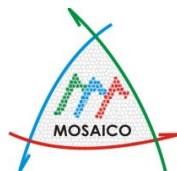
O coordenador do curso de Gastronomia do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES-JF), Tibério Alfredo da Silva, explicou que o curso foi criado em 2010, tendo atendido à primeira turma em 2011. O curso é de caráter tecnológico e atende pessoas a partir dos 17 anos.

No primeiro período, os alunos têm uma introdução à Gastronomia, com aulas sobre tipos de molhos e de cortes. Já no segundo período, os alunos aprendem mais sobre carnes e saladas, panificação e confeitaria.

Segundo Tibério, o curso também era voltado para a história dos alimentos, legislação, higiene, nutrição e empreendedorismo, e não era preciso saber cozinhar para ser aluno.

Ivan Elias contou que sua escolha pelo jornalismo ocorreu no mesmo período em que começou a acompanhar o futebol com muita frequência. Sua carreira como jornalista teve início da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), quando recebeu um convite para participar de uma transmissão esportiva na Super B-3, que se tornou a Rádio Solar.

O jornalista também trabalhou na editoria de esportes do jornal Tribuna de Minas. O convite veio logo após ter se graduado. Passou, então, a conciliar o serviço no Jornal com as transmissões esportivas.



Ele participava de alguns programas televisivos de esportes, tanto na atual TV Integração (Panorama Esporte, Copa Panorama de Futsal) quanto na TV Alterosa (Alterosa Esporte). Em uma dessas aparições na TV Alterosa, Ivan relatou que discutiu ao vivo com o árbitro do jogo, que sugeriu que ele trocasse de óculos. Em resposta, o jornalista sugeriu que o árbitro trocasse de profissão.

Ivan possui atualmente o site Toque de Bola. Ele explicou que o site era a oportunidade de voltar ao jornalismo diário e de fazer tudo o que não era possível executar nos outros meios de comunicação.



#### FICHA TÉCNICA

**Apresentação:** Débora Almada, Michele Ferreira e Natália Oliveira

**Produção:** Elisa Martins, Isabella Paiva, Júlia Horta, Marcella Valadares, Michele Ferreira e Thaiza Gribel

**Edição:** Cíntia Charlene, Débora Almada, Júnio Nogueira, Matheus Sampaio e Priscila Oliveira

**Câmeras:** Lucas Godinho, Luciany Oliveira, Vitor Ramos, Victor Marcelino e Yuri Fernandes

**Divulgação:** Bruno Stephan, Carolina de Paula e Vanessa Ferreira

**Vinheta:** Davi Ferreira

**Apoio técnico imagens e edição:** Gildo Leonel e Rodrigo Paschoalino



## Carlos e Júlio Guedes e Corais de Juiz de Fora

O programa de número 76 apresentou ao telespectador um pouco da trajetória dos irmãos Carlos e Júlio Guedes e falou sobre alguns dos corais musicais de Juiz de Fora.

O ponto de partida foi o Coro Municipal, um dos mais importantes da cidade. A fundadora do Coro, Cirinéia Xavier, contou que ele fora criado em 1995 por um grupo de amigos que adorava se reunir para fazer o coral. A fundadora ainda explicou que o Coro Municipal se tratava de uma associação.

Segundo o regente do Coro, Domício Procópio, os coralistas executavam um trabalho de técnica vocal, estudavam canto e trabalhavam de forma individualizada nos aspectos básicos da arte com a voz.

Domício acrescentou que o Coro Municipal era de extrema importância para a cidade e região, uma vez que levava para outros lugares a cultura de Juiz de Fora. Ele ainda falou sobre o FestCoros, o maior evento da música coral no Brasil. Promovido anualmente no mês de setembro em Juiz de Fora, o evento recebia corais de todo o país e do mundo.

O regente afirmou que o festival fazia parte da Associação Artística e Cultural Coro Juiz de Fora. Os componentes do Coro Municipal participam diretamente das atividades do FestCoros.

O segundo coral mostrado foi o Coral Happy Singers, uma das subdivisões do coral evangélico Filadélfia. O regente do coral, Wallace Jesus, contou que o grupo fora criado em 1999 e foi evoluindo, e se apresentando em cada vez mais lugares no decorrer do tempo.

Outro coral que foi mostrado foi o Gavroche, que ensinava a língua francesa através da música. A coordenadora do Coral, Gilda Surerus, disse que a história do Gavroche começara em 1989. Quando a Revolução Francesa completou 200 anos, o grupo começou a cantar músicas sobre ela juntamente com os alunos. Os estudantes adoraram a iniciativa, que se tornou uma prática constante. Gilda explicou que “Gavroche” é um personagem de Victor Hugo, da obra “Os Miseráveis”, que gostava de cantar.

O Mosaico também contou um pouco da história do Coral da Cesama, que é composto por funcionários da empresa e por várias pessoas da comunidade juiz-forana. O coral foi fundado em abril de 1991, com o intuito de integrar os trabalhadores da empresa. No início, o coral cantava apenas canções no estilo da Música Popular Brasileira (MPB). Mas, com o passar do tempo, o grupo passou a interpretar músicas gospel e clássicas.

A presidente do coral, Creuza Menon, orgulhou-se ao dizer que o grupo já se apresentara em várias cidades dentro e fora do Brasil. Um dos países visitados fora a Argentina.

O coral mais antigo de Juiz de Fora, dos meninos cantores do Colégio Academia, o Mater Verbi, não poderia ficar de fora do programa. Com mais de 50 anos de história, o grupo propagava o evangelho através da música.

A secretária do coral, Jeni Januzi, contou que o grupo já viajou e ganhou prêmios na Europa e também no Brasil.





Os irmãos Carlos e Júlio Guedes são gêmeos e, de acordo com Júlio, uma das grandes paixões que eles compartilham é o carnaval. O envolvimento com a festa de Momo começou quando foram convidados para assistir a um dos ensaios do bloco Domésticas de Luxo. Eles se apaixonaram e começaram a desfilar na Juventude Imperial. Em seguida, foram para a Turunas e passaram pela escola de samba Unidos do Ladeira e também pela Feliz Lembrança.

Carlos ainda revelou que já fez sambas-enredo e fantasias de carnaval para várias pessoas e escolas, não só de Juiz de Fora, mas também de cidades como Ubá e Bicas.

Júlio lembrou que eles já chegaram a desfilar em quatro escolas em apenas um dia. Só trocavam a roupa e mantinham, durante toda a festa, a mesma energia e disposição com que haviam começado. Ele disse que os dois se vestiam com roupas iguais, o que, junto com a beleza que tinham, chamava muita atenção.

Júlio afirmou que, quando assumiu o título de Rei Momo, não concorreu com ninguém, pois as inscrições do concurso foram abertas, mas não houve candidato além dele. Ele ficou com o título durante 12 anos e renunciou quando teve um problema com sua perna. Quem assumiu foi Carlos, que ficou durante quatro anos como Rei Momo. Após esse período, decidiram ceder a outras pessoas a oportunidade de possuir o título. Carlos destacou que o regulamento da Funalfa passara por uma adequação e que só era possível ser Rei Momo durante dois anos.

Além do amor pelo carnaval, eles também se envolveram em organizações de várias festas, como a do Gigante, feita em prol da Associação Atlética Clube do Gigante – um time de futebol do Bairro Bandeirantes. A festa contava com várias barraquinhas, parque de diversão e música sertaneja.



#### FICHA TÉCNICA

**Apresentação:** Priscila Oliveira e Yuri Fernandes

**Produção:** Caio Zóia e Ingridy Castro

**Edição:** Cíntia Charlene, Júnio Nogueira, Mariana Müller e Priscila Oliveira

**Câmeras:** Lucas Godinho, Luciany Oliveira, Natália Oliveira, Victor Silva e Yuri Fernandes

**Divulgação:** Bruno Stephan, Carolina de Paula, Layrha Moura e Vanessa Ferreira

**Vinheta:** Davi Ferreira

**Apoio técnico imagens e edição:** Gildo Leonel e Rodrigo Paschoalino



## Radialista Telê, Rio Paraibuna e Monsenhor João Carlos

O Mosaico 77 contou a história do radialista Telê, do Rio Paraibuna e do Monsenhor João Carlos.

O primeiro entrevistado foi o sacerdote católico João Carlos Teodoro, que contou que desde criança sonhava ser padre. Sua mãe, no dia de seu casamento, pediu a Deus a graça de ter um filho padre. E o seu pedido foi atendido. Quando descobriu que o filho seria vigário, o pai de João Carlos não recebeu muito bem a novidade. Mas, com o decorrer do tempo, percebeu que essa era a vocação do filho.

O sacerdote revelou que nunca se arrependera por ter escolhido seguir a vida sacerdotal e que seu nome é uma homenagem a São João Batista, pois nascera no mesmo dia em que o santo, em 24 de junho. Além disso, foi batizado no dia do martírio do mesmo santo, em 29 de agosto e ordenado padre no dia de seu aniversário. Desse modo, o padre destacou que a figura religiosa de São Batista tinha muito a ver com a sua pessoa.

O pároco ainda se revelou um leitor ávido e disse que tinha o desejo de cursar uma faculdade de Direito. Ele afirmou que seu pai o incentivava a fazer essa graduação e que a comunidade possuía muitas pessoas entendidas nessa área, o que alimentava seu interesse.

Além de desempenhar suas funções como sacerdote, João Carlos também estreara um programa na Rádio Globo, o “Momento de Oração”, que era veiculado todas as segundas-feiras, às 11h35, visando continuar a evangelização do povo de Juiz de Fora.

O Rio Paraibuna, cujo nome é de origem indígena e significa “grande rio de águas escuras”, nasce na cidade de Antônio Carlos (Minas Gerais) e deságua em Três Rio (Rio de Janeiro) e uma das pessoas que falaram a seu respeito foi o professor da Universidade Federal de Fora (UFJF) Pedro José de Oliveira Machado.

Ele disse que o Paraibuna foi o grande vetor da ocupação regional, que se intensificou quando o Caminho Novo fora criado, pois o mesmo seguia o curso do rio. Além disso, ele lembrou que houve um sistema de navegação fluvial no Paraibuna, o qual ligava a Rua Halfeld a Benfica. Esse sistema foi criado em 1914.

Antônio ainda ressaltou que a primeira Usina Hidrelétrica da América do Sul, a Usina de Marmelos, também fora construída no Rio Paraibuna. A partir dessa construção, em 1889, Juiz de Fora começou a se desenvolver industrialmente.

O aposentado Murillo Luiz de Araújo falou que, por volta de 1940, houve uma enchente que causou transtorno em toda a parte da cidade próxima ao Paraibuna. Ele afirmou que ruas como a Marechal Deodoro, a Floriano Peixoto, Getúlio Vargas, Halfeld, Praça da Estação e Largo do Riachuelo se transformaram em um verdadeiro rio.

Antônio revelou que a Avenida Brasil só existe porque, a partir dessa enchente, o Paraibuna foi reedificado e seu percurso foi modificado. Com isso, um trecho do rio foi desviado para o Bairro Poço Rico, próximo ao Clube Tupynambás. Isso promoveu a expansão da cidade para a região sudeste.





A jornalista Lucimar Brasil era uma das participantes do Movimento “O Rio da Minha Aldeia”, que surgira nas redes sociais com o objetivo de preservar a memória e o afeto da cidade em relação ao Paraibuna. Eles queriam contar a história do rio a partir das memórias de cada morador da cidade.

Lucimar também ressaltou o fato de não haver um controle sobre a população de capivaras, o que corroborou para o crescimento exacerbado delas, ao ponto de se tornarem um símbolo da cidade.

Outra pessoa que acompanhou de perto as mudanças do Paraibuna foi o motorista Geraldo Vieira Filho, que relatou que há cerca de 50 anos era possível nadar e pescar no Rio, pois ele era limpo.

O consultor de telefonia Ely Nascimento cresceu morando às margens do Paraibuna e afirmou que, quando era criança, soltava papagaio o dia todo com os amigos. Ele destacou que, nesse tempo, não havia arborização próxima ao Rio e a margem servia como lixão, onde todos despejavam seus lixos.

A conversa com o radialista Telê começou no Estádio Municipal Radialista Mário Helênio, com o personagem contando que seu nome verdadeiro é Jorge Pereira Pinto e que o apelido surgiu quando ele tinha 12 anos. Durante muito tempo, ele conviveu com o radialista e comentarista esportivo Luiz Mendes e com o jornalista e escritor João Saldanha. Certa vez, Saldanha o perguntou como sempre sabia que uma jogada resultaria em gol. Telê respondeu que, se a jogada estivesse bem articulada no meio campo, era praticamente certo que o gol aconteceria.

Telê cobriu duas Copas do Mundo, a de 1970, no México, e a de 1978, na Argentina. Uma das histórias que viveu no segundo evento, e da qual não se esquecia, foi quando um jornalista local o chamou e disse que o placar do jogo passaria dos quatro gols para a Argentina, pois a partida havia

sido comprada. E, de fato, o resultado final foi de seis a zero para a seleção da casa.

Telê também esteve próximo de Pelé e de Zico. Com muito orgulho e satisfação, ele relatou que, no jogo de despedida do Zico, em Juiz de Fora, fez uma exigência que deixou o jogador emocionado. O radialista pediu para que o jogador trouxesse sua esposa e sua mãe para assistir à partida. Ele contou que Zico ficou emocionado, pois era um pedido inusitado.



#### FICHA TÉCNICA

**Apresentação:** Tainá Voltas, Victor Silva e Vitor Ramos

**Produção:** Isabella Paiva, Marcella Valladares, Tainá Voltas, Vitor Ramos e Yuri Fernandes

**Edição:** Cíntia Charlene, Glória Maria Baltazar, Júnio Nogueira, Mariana Müller e Matheus Sampaio

**Câmeras:** Luciany Oliveira, Vitor Ramos e Yuri Fernandes

**Divulgação:** Bruno Stephan, Carolina de Paula, Layrha Moura e Vanessa Ferreira

**Vinheta:** Davi Ferreira

**Apoio técnico imagens e edição:** Gildo Leonel e Rodrigo Paschoalino



## Edifício Baependy, Tairone Vale e Maria do Carmo Carriço

O programa 78 contou a história do Edifício Baependy, um dos prédios mais antigos da cidade, do ator e publicitário Tairone Vale e da bailarina Maria do Carmo Carriço.

O Mosaico começou com uma conversa com a bailarina Maria do Carmo. Natural do Rio de Janeiro, Maria se envolveu com o mundo das artes muito cedo. Ela disse que perdeu a mãe aos oito anos e, em seguida, foi morar em um internato.

A diretora da instituição, que a observava sempre e tinha grande apreço por Maria, indagou-lhe se ela gostaria de aprender a tocar piano. A dançarina disse que aprendeu a tocar em dois anos. Percebendo que Maria possuía talento para a arte, a benfeitora perguntou se ela gostaria de aprender a dançar balé. A menina não sabia do que se tratava e, assim, a diretora levou-a ao Teatro Municipal. Ao ver a bailarina dançando, Maria decidiu que também queria fazer exatamente aquilo.

E assim foi. A jovem treinava durante seis horas por dia e seu grupo, o Conjunto Coreográfico Brasileiro, foi o primeiro a se apresentar fora do país.

Em 1952, Maria do Carmo trouxe para Juiz de Fora os movimentos do balé. Ela lembrou que, na primeira apresentação de balé que ocorreu na cidade, conheceu seu esposo, com quem se casou dois meses depois do evento. Após o matrimônio, a bailarina teve que deixar a carreira de lado, a pedido de seu marido e por causa dos costumes da época, em que dançar balé não era considerado uma atividade recomendada para moças “direitas”.

Uma de suas peças, a qual a deixava mais orgulhosa, foi “O Corcunda de Notre Dame”, em que passou três meses dentro de um quarto escolhendo as músicas e foi um grande sucesso.

Maria também falou de sua forte ligação com o espiritismo. Ela revelou ter tido uma visão aos seis anos e ter se apavorado com isso. Resolveu, então, investigar para descobrir o que estava lhe acontecendo e ingressou para o espiritismo.

A ex-bailarina criou, ainda, a primeira escola de balé de Juiz de Fora, a Ana Pavlova, na década de 1950. O nome foi uma homenagem à bailarina russa de mesmo nome.

Na sequência do programa, o entrevistado foi o ator e publicitário Tairone. Nascido em Brasília, morou no Rio de Janeiro e, depois, veio para Juiz de Fora. Quando criança, ele morava na antiga Avenida Independência (atual Avenida Itamar Franco) e adorava brincar de videogame, subir nas árvores que existiam na rua e viajar para Leopoldina, onde moravam seus familiares.

Tairone afirmou que começou a faculdade de Comunicação Social porque não sabia o que fazer de sua vida e um conhecido havia lhe dito que sua voz era boa e que deveria fazer Comunicação. E assim ele fez.

Ao concluir o curso, trabalhou com jornalismo político durante dois anos e, logo em seguida, foi para uma empresa de publicidade e propaganda, que o fez adquirir experiência e confiança suficientes para abrir sua própria empresa de publicidade.



O teatro e a publicidade andavam juntos na vida de Tairone. Ele relatou que, em suas peças publicitárias e em seus filmes, era comum utilizar elementos teatrais, tal como sempre utilizar o fio condutor de uma história.

A primeira peça de Tairone foi feita na escola, aos sete anos. Mas ele começou a atuar de maneira efetiva durante o período da faculdade, quando fez parte do Grupo Divulgação. Ele tinha grande carinho pela peça “As Bruxas de Salém”, pois ele havia jurado não atuar mais. No entanto, o referido espetáculo marcou seu retorno aos palcos.

O ex-radialista Humberto Zaguetto trabalhava no edifício Baependy. Ele contou que o prédio fora construído em 1948 e, quando ele foi trabalhar no local, lá existiam vários escritórios, como de dentista, advogados, contadores e a Rádio Industrial, que começou suas atividades no local em 1949.

O médico fisiologista Fernando Melo possuía seu consultório no edifício havia mais de 50 anos. Ele contou que, quando escolhera aquele local para abrir seu estabelecimento, o prédio era composto quase que exclusivamente por consultórios médicos. No momento em que o programa foi gravado, o prédio era majoritariamente ocupado por advogados.

Fernando lembrou da época em que a Rádio Industrial funcionava no Baependy. Ele disse que, por isso, o prédio era bem movimentado, uma vez que havia programas de auditório, principalmente aos sábados.

O médico ainda revelou que o prédio de 12 andares possuía um elevador muito pequeno e que, várias vezes, moradores e frequentadores ficavam presos nele.

O SINPRO (Sindicato dos Professores) também se mudou para o Baependy em julho de 1989.

De acordo com o professor Roberto Jorge Abou Kalam, a antiga sede do sindicato era no prédio da Receita Estadual. A nova sede começou a funcionar com uma sala, a 602, e, com o tempo, adquiriu uma sala no quarto e outra no sexto andar.

Roberto explicou que a aquisição de salas no Baependy foi importante para a categoria dos professores, visto que se tornou fácil para os educadores utilizarem os serviços do Sindicato e chamava mais a atenção da população por ser na área central da cidade.

Outro Sindicato que possuía sede no Baependy era o dos jornalistas. Segundo o jornalista Ricardo Miranda, a sede se encontrava no local desde 1975, no período em que ele disse ter sido “áureo” para o jornalismo em Juiz de Fora. Isso porque, nessa época, o jornalismo impresso ganhou força e a TV Globo se fortaleceu.

O aposentado Joacy Madeira Cruz foi síndico do edifício durante vários anos. Ele foi um dos responsáveis pela modernização do elevador, que era sanfonado, além de ter cuidado das reformas da fachada do prédio e do hall de entrada.

Joacy ressaltou que o prédio sempre foi comercial e foi uma novidade na cidade, uma vez que foi o primeiro arranha-céu de Juiz de Fora.



#### FICHA TÉCNICA

**Apresentação:** Caio Zóia, Glória Maria Baltazar e Michele Ferreira

**Produção:** Juliana Braga, Livia Honório, Luana Alencar, Ludmila Azevedo, Mariana Cardoso e Rômulo Oliveira Castro

**Edição:** Cíntia Charlene, Glória Maria Baltazar, Júnio Nogueira, Mariana Müller e Priscila Oliveira

**Câmeras:** Luciany Oliveira, Vitor Ramos e Yuri Fernandes

**Divulgação:** Bruno Stephan, Carolina de Paula, Layrha Moura e Vanessa Ferreira

**Vinheta:** Davi Ferreira

**Apoio técnico imagens e edição:** Gildo Leonel e Rodrigo Paschoalino





## Vereadoras em Juiz de Fora e Flavinho da Juventude

O programa 79 contou a história de vereadoras que legislaram em Juiz de Fora, assim como do Flavinho da Juventude.

O músico Flavinho da Juventude relatou ser natural de Ubá e que, quando sua mãe decidira vir para Juiz de Fora, ele trabalhou como “carregador de almoço” e engraxate. Ele era um morador antigo do Bairro Olavo Costa, residindo no local desde 1958 até o momento da gravação do programa, em 2013. Sua carreira começou em 1963, quando ele tinha uma banda chamada “Super Som Lorde Trouxa”, e o então presidente da Juventude Imperial, Roberto Medeiros, viu-o tocando e o convidou para interpretar o enredo “Zumbi – Rei Negro dos Palmares”.

Seu nome verdadeiro é Flávio Aloísio Carneiro, mas ficou conhecido como “Flavinho da Juventude” graças ao radialista Claudinei Coelho, ao dizer que, se havia o “Neguinho da Beija-Flor”, então tinha que existir, também, o “Flavinho da Juventude”. E o apelido pegou.

O músico já tinha história na Juventude Imperial, uma vez que começou na escola como passista ainda criança. Flavinho também foi compositor nessa escola de samba e disse que descobriu esse talento quando reescreveu, com suas próprias palavras, um poema retirado de um livro de Língua Portuguesa, do autor Guilherme de Almeida, intitulado “Dia-a-Dia”. Ele contou que sua versão do poema fez sucesso.

Flavinho tinha planos de lançar, pela Lei de Incentivo à Cultura Murilo Mendes, o CD “Flavinho da Juventude: Uma História de Vida”, que retrata-

va sua carreira musical na década de 1980, fora do mundo do samba. Ele também fora integrante do grupo “Batuque Afro-brasileiro de Nelson Silva”, o maior símbolo de resistência da cultura negra em Juiz de Fora. Seu interesse pelo grupo surgiu quando ouviu alguns integrantes cantarem uma música que exaltava a Princesa Isabel. Assim, decidiu ingressar no grupo para ao menos tentar impedir que isso continuasse. Ele disse que entrou para o grupo e lá permaneceu durante anos.

Ele ainda revelou que seu grande sonho era ser um grande militante pelos direitos humanos.

O Mosaico lembrou ao telespectador que, até o momento em que o programa fora veiculado, apenas dez mulheres haviam chegado ao legislativo da cidade. Um dos períodos com maior número de mulheres no legislativo foi entre 1989 e 1992.

A primeira delas foi Vera Faria (entre 1964 -1968), que relatou ter trabalhado na Prefeitura durante muitos anos. Ela sentiu que o povo queria mudança e que votar em uma mulher talvez fosse a mudança que as pessoas tanto queriam. Vera lutou pelos menores carentes e pelas obras sociais do município, tendo sido responsável, também, pela fundação do Clube Educativo dos Engraxates Dom Bosco Juiz de Fora.

Cidinha Louzada foi outra legisladora (de 1989 – 1992) que se candidatou por acreditar que a única forma de modificar a política era através da política. Ela disse que seu projeto mais importante fora a criação da coleta seletiva do lixo hospitalar.



Sueli Reis exerceu seu mandato de 1997 a 2000. Ela revelou ter sido membro atuante no movimento estudantil no seu período de faculdade, tendo sido presidente do Diretório Acadêmico de Direito. Sueli também foi presidente do Centro de Pesquisas Sociais. Ela disse que propôs a criação do Conselho Municipal de Valorização da População Negra.

Nair Guedes exerceu a função de vereadora de 2002 a 2004, pelo Partido dos Trabalhadores (PT), e a convocação para que se candidatasse ao cargo foi feita em 1996, quando Marta Suplicy esteve em Juiz de Fora. Nair disse que criara o projeto que tornava obrigatória a presença de alguém escolhido pela gestante no momento do parto.

Já Rose França, que foi eleita para cumprir o mandato de 2005 a 2008, contou que o motivo para se candidatar foi o desejo de ajudar o próximo. Ela disse ter criado a lei que permitia a presença de crianças e adolescentes em lan-house.

Ana do Padre Frederico – eleita para os mandatos de 2009 a 2012 e de 2013 a 2016 – destacou que seu irmão, Amadeu Rossignoli, havia sido vereador. Com o falecimento dele, Ana decidiu dar continuidade ao trabalho que Amadeu começara.

Cidinha finalizou dizendo que optou por deixar de exercer mandato como legisladora, pois entendera que a política não era constituída apenas por um mandato, ela podia ser feita por todos, a todo momento.



#### FICHA TÉCNICA

**Apresentação:** Natália Oliveira, Priscila Oliveira e Tainá Voltas

**Produção:** Ingridy Castro, Isabella Paiva, Thaiza Gribel e Yuri Fernandes

**Edição:** Cíntia Charlene, Débora Almada, Glória Maria Baltazar e Priscila Oliveira

**Câmeras:** Douglas Ribeiro, Flavio Christo, Ingridy Castro, Vitor Ramos e Thaiza Gribel

**Divulgação:** Bruno Stephan, Carolina de Paula, Layrha Moura e Vanessa Ferreira

**Vinheta:** Davi Ferreira

**Apoio técnico imagens e edição:** Gildo Leonel e Rodrigo Paschoalino





## Instituto Vianna Júnior, Cristina Maia e Humberto Nicoline

Este programa contou um pouco sobre o Instituto Vianna Júnior, sobre a jornalista Cristina Maia e o fotógrafo Humberto Nicoline.

Humberto revelou que, um mês após ter se formado em Comunicação Social, um novo jornal foi criado em Juiz de Fora, o Tribuna de Minas. Desse modo, surgiu uma oportunidade de que Nicoline trabalhasse como fotógrafo desse veículo. Seu objetivo era se tornar repórter de rua, mas, com o passar do tempo, se apaixonou-se pela fotografia e por sua profissão. Ele trabalhou no jornal até 1987, quando se mudou de Juiz de Fora para Belo Horizonte, onde permaneceu até 2004. Em seguida, retornou à Juiz de Fora e assumiu a editoria de fotografia do Jornal Panorama.

O fotógrafo afirmou que em um dos trabalhos que estava fazendo para a Tribuna de Minas – que era a cobertura de uma manifestação do grupo de teatro “Tá na Rua”, comandado por Amir Haddad, em pleno Calçadão – foi parado pela polícia ao fotografar o momento em que os policiais impediam a manifestação e pediram que ele entregasse as fotos tiradas.

Humberto entregou o rolo de filme errado para a polícia e escondeu o correto em suas roupas íntimas. Contudo, foi levado para a delegacia de Santa Terezinha, onde teve de retirar suas vestimentas, e então descobriram o rolo de filme escondido. Uma semana depois do ocorrido, Nicoline recebeu um telefonema do tenente responsável por sua detenção parabenizando-o pelas fotos que havia tirado e dizendo que nunca haviam tirado fotos tão boas dele. Contudo, o fotógrafo nunca viu esses registros.

Humberto ainda falou sobre um dos registros que fez e que foi premiado no World Press, o maior concurso de fotojornalismo do mundo. Um grupo de crianças vestidas de anjos estava próximo à Igreja do Pilar, em Ouro Preto, esperando uma missa ter início. Ao ver a cena, o fotógrafo pediu a autorização das mães e levou as crianças para uma rua. Em seguida, pediu para que elas corressem em sua direção e fotografou o momento, o qual foi digno de premiação.

Ele também cobriu eventos esportivos, como o GP de Fórmula 1 na época de Ayrton Senna, além de jogos do Campeonato Brasileiro.

Na conversa com Cristina Maia, ela disse que sempre gostou de descobrir as histórias de outras pessoas e de relatá-las. Apesar disso, tinha dúvidas entre cursar a faculdade de Direito ou a de Comunicação Social. Decidiu seguir seu coração e optou por Comunicação, afirmando não ter se arrependido dessa decisão.

A jornalista contou que, logo após ter se graduado, apareceu uma oportunidade para que trabalhasse na TV Tiradentes, atual TV Bandeirantes. Quando deixou esse veículo, foi trabalhar no Jornal Tribuna de Minas, escrevendo para a editoria de comportamento do jornal. Ela ainda passou pela afiliada local da Rede Globo.

Contudo, a oportunidade de trabalhar na Rede Globo do Rio de Janeiro logo apareceu e Cristina então deixou as terras mineiras. Um dos programas pelo qual passou foi o Globo Repórter e, orgulhosa, afirmou ter tido a oportunidade de co-



nhecer Paris e Mônaco. Ela ainda disse que, através do programa de turismo Terra da Gente, chegou a viajar para a Antártida.

Cristina acrescentou que, certa vez, fez uma matéria sobre uma queimada no Parque Nacional do Itatiaia em que não era possível ir por terra. Então, alugaram um bimotor, o qual acabou caindo dentro de uma mata. Os ocupantes da aeronave ficaram perdidos nessa mata durante horas, mas foram resgatados sãos e salvos. Mas nem por isso Cristina deixou que o medo falasse mais alto. Ela afirmou que, apesar de sentir receio, continuava voando de avião sempre que o trabalho assim o requeria.

Cristina trabalhava na EPTV de Campinas quando o Mosaico foi gravado, e chegou a ter um quadro de paisagismo e de decoração, o “Hoje em casa.com”, no Jornal Hoje.

Já a então diretora-presidente do Instituto Vianna Júnior, Jacqueline Vianna, contou sobre a história do lugar. Ela disse que a instituição fora fundada em 1940 por seu pai, Romeu Vianna, e os irmãos dele, Joaquim, Walbert e Antônio. Eles já eram professores do Colégio São José e haviam fundado a Escola Técnica de Comércio do Instituto Vianna Júnior, a qual atuava na área de Administração e de Contabilidade.

A diretora-geral das faculdades, Celia Maria Fassheber, contou que a instituição possuía a Faculdade de Direito (a faculdade mais antiga), a de Administração, a de Economia, a de Gestão Ambiental e a de Sistemas para Web.

Ela revelou, com orgulho, que a Faculdade de Direito era, naquele momento, a única da região que havia ganhado, por quatro vezes consecutivas, o selo “OAB Recomenda”. Já a Faculdade de Administração foi considerada como a melhor do Brasil entre as instituições particulares.

O então presidente da subseção da OAB em Juiz de Fora e ex-aluno do Instituto, Denilson Clozato Alves, contou que a instituição exercera um papel fundamental em sua vida, pois ele havia começado estudando Contabilidade e, depois, foi para a Faculdade de Direito.



#### FICHA TÉCNICA

**Apresentação:** Michele Ferreira, Vitor Ramos e Victor Silva

**Produção:** Júlia Horta, Matheus Andrade e Tainá Voltas

**Edição:** Cíntia Charlene, Glória Maria Baltazar, Matheus Sampaio e Priscila Oliveira

**Câmeras:** Flávio Christo, Lucas Godinho, Maristela Rosa e Tainá Voltas

**Divulgação:** Layrha Moura e Vanessa Ferreira

**Apoio técnico imagens e edição:** Gildo Leonel e Rodrigo Paschoalino



## Mamão, TV Industrial e Mosteiro Pequeno Monge

O programa 81 foi uma homenagem ao compositor Armando Aguiar, mais conhecido como Mamão, à extinta TV Industrial e ao Mosteiro Pequeno Monge.

A primeira atração desse Mosaico foi o Mosteiro. O Frei Flávio Henrique explicou que o local fora criado a partir da viagem do eparca melquita Dom Fares, em 2003, para Roma, quando apresentou um documento ao Papa João Paulo II, propondo a fundação do Mosteiro. O Papa assentiu e assinou o documento.

O Mosteiro também teve relação com a Jornada Mundial da Juventude, promovida em 2013 no Brasil. Frei Flávio relatou que propusera ao mosteiro que confeccionasse, artesanalmente, lembrancinhas santas (crucifixos, imagens de santos, entre outras coisas) para vender para as pessoas que participassem do evento.

Os objetos foram produzidos pelos detentos da Penitenciária de Juiz de Fora. Uma parte do lucro foi endereçada para o próprio evento, e outra foi destinada para a construção de uma sede própria do Mosteiro.

O frei também revelou que, aos 30 anos, percebera que não encontrava satisfação em muitos campos de sua vida e decidiu se voltar para Deus. Ele passou, então, a observar como funcionava uma igreja. Com isso, foi se interessando e decidiu dedicar sua vida a servir a Cristo.

O diálogo com Mamão se iniciou com a explicação de seu apelido. Ele disse que era conhecido por “Alemão”, até que um colega de trabalho, que

era meio surdo, começou a chamá-lo de “Mamão”. O apelido pegou, e todos passaram a chamá-lo assim.

Mamão sempre gostou de samba e contou que seu pai fora presidente da escola de samba Feliz Lembrança, fato que fez a música estar muito presente em sua vida. Apaixonado por Juiz de Fora, Mamão nasceu e foi criado na cidade e afirmou que não tinha o desejo de sair daqui nem para ir para o céu, porque Juiz de Fora ele conhecia. Mas o céu, não.

O compositor também teve relação com o carnaval de Juiz de Fora, sendo um dos fundadores do Bloco do Beco. A ideia de criar um bloco surgiu no fim da década de 1960, quando Mamão se juntou a um grupo de amigos e constataram que o Carnaval de Rua na cidade passava por uma crise. Por isso, criaram o Bloco do Beco, com o intuito de preservar esse tipo de evento em espaços públicos.

Uma das histórias que marcaram o compositor sobre o Bloco do Beco foi quando o ex-prefeito Melo Reis tirou o Carnaval da Avenida Barão do Rio Branco. Ele contou que, nessa ocasião, foi promovida a última Festa de Momo na Rio Branco, que recebeu o nome de “Adeus Avenida”.

Irreverente, Mamão fez um enredo para o Bloco chamado “Não vou dizer Adeus”, em que contestava essa mudança de local do Carnaval e dizia que os responsáveis por essa mudança iriam se arrepender do que haviam feito, cedo ou tarde.

A TV Industrial começou a ser construída em 1963 e foi inaugurada em 1964, em plena Ditadura Militar. Ela funcionou no mesmo lugar, no Morro



do Imperador, até a década de 1980, quando foi vendida e encerrou suas atividades.

O aposentado Geraldo Magela relatou que a TV só foi viabilizada devido ao empenho e idealismo de Sérgio Mendes e de seus filhos, Geraldo e Guderceu. A inauguração, de acordo com Geraldo, foi um grande acontecimento social, na qual estavam presentes várias pessoas importantes da cidade.

Geraldo destacou que a programação da TV era muito variada, com espaço para o jornalismo, para o noticiário esportivo, para os programas de auditório e os populares telequetes (shows de luta livre, uma simulação na qual um finge que bate e o outro finge que apanha). A emissora ainda transmitia, duas vezes por semana, jogos de times do Rio de Janeiro, o que alavancava uma grande audiência.

O aposentado também contou que, quando trabalhava na TV, era preciso ir ao local em uma Kombi, pois o terreno era repleto de barro. Com o passar do tempo, o lugar passou a ser ponto de encontro para pessoas que queriam fazer piquenique no dia 31 de maio, comemorando o aniversário da cidade.

Cerca de 80% da programação da TV Industrial era local, e um dos programas que foram destacados no Mosaico foi o Camisa 10. O programa não possuía qualquer compromisso com a verdade. O que importava era que cada torcedor defendesse seu time. O aposentado Humberto Zaghetto disse que se tratava de um programa esportivo, líder de audiência na emissora e que fazia uma mesa de debates sobre o campeonato de futebol do Rio de Janeiro. Ele lembrou que, várias vezes, telespectadores saíram de suas casas e foram até a emissora apenas para contestar o torcedor que estava defendendo seu time naquele momento. E os ânimos se acirravam com as discussões.

O publicitário Carlos Sampaio afirmou que o Camisa 10 era ao vivo e começava no momento em que os jogadores saíam de campo. Ele lembrou de uma ocasião em que o então senador Itamar Franco participou do programa e defendeu seu time, o Fluminense.

Outro programa da TV Industrial que teve destaque no Mosaico foi o Anuar de Sales, apresentado pelo feirante Walter Pires. O comerciante contou que fora muito importante para ele estar à frente desse programa, pois representava os feirantes da cidade.

Walter ainda disse que uma barraca de feira foi montada dentro do estúdio da TV Industrial e que as pessoas mais humildes participavam ativamente desse programa de auditório.





#### FICHA TÉCNICA

**Apresentação:** Júnio Nogueira, Natália Oliveira e Yuri Fernandes

**Produção:** Caio Zóia, Luana Alencar e Rômulo Heleno

**Edição:** Cíntia Charlene, Débora Almada, Júnio Nogueira e Priscila Oliveira

**Câmeras:** Luciany Oliveira, Maristela Rosa, Natália Oliveira e Vitor Ramos

**Divulgação:** Layrha Moura e Vanessa Ferreira

**Vinheta:** Davi Ferreira

**Apoio técnico imagens e edição:** Gildo Leonel e Rodrigo Paschoalino





## Família Bracher

O programa 82 foi uma homenagem à família Bracher, uma família de sobrenome suíço que veio de Belo Horizonte na década de 1940 e se firmou como uma das principais referências na produção artística de Juiz de Fora.

Seja na produção de vasos de decoração, nas invenções de um patriarca à frente de seu tempo, na música ou na arquitetura, os Bracher ajudaram a construir a cultura local.

O arquiteto Décio Daniel Bracher contou que, em 1927, seu avô se mudara para Belo Horizonte junto com seu pai, para ajudar na administração de um sanatório. Nessa cidade, o último montou uma tipografia.

Paulo Eduardo Bracher acrescentou que tinha quatro irmãos, sendo que apenas um deles, o Carlos, era nascido em Juiz de Fora. Os demais eram de Belo Horizonte. A família chegou em Juiz de Fora no dia 7 de janeiro de 1940.

A artista plástica Nívea Rosa Bracher disse que, quando chegaram à Juiz de Fora, eles se estabeleceram no Bairro Mariano Procópio, e o patriarca foi trabalhar no Curtume Krambeck.

Décio destacou que seu pai tinha o dom de inventar coisas e que chegou a inventar uma máquina que batesse nas crianças, a fim de facilitar a vida dos pais. Contudo, o arquiteto não soube explicar como era o funcionamento desse instrumento.

O patriarca da família, Valdemar Bracher, também se destacou por criar mecanismos importantes para sua época. Durante o início da Segunda Guerra Mundial, Paulo disse que, com a escassez de vários produtos, como a gasolina, seu pai inventou

um álcool, que passou a ser usado para movimentar os motores dos caminhões do Curtume Krambeck e da Transportadora Picorelli.

Valdemar ainda criou uma fábrica de carvão para gasôênio, espécie de carvão vegetal para ser utilizado nos carros e aproveitou para comercializar, também, os subprodutos da produção desse carvão vegetal, que eram o piche e a acetona. O sucesso dos produtos foi imediato e o dono da fábrica foi convidado a lecionar na Faculdade de Engenharia da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

O patriarca dos Bracher foi responsável pelo sistema de captação de água da UFJF, além de ser um dos responsáveis pelo projeto de construção da Universidade. Ele também esteve por trás das obras de construção do Bairro Bom Pastor, criou a Garganta do Dilermando e, aliado com alguns portugueses, fundou a Louçarte, local onde trabalharam os melhores artistas em louça.

Nívea relatou que a casa onde a família habitava, na Rua Bernardo Mascarenhas, era um centro cultural, em que o telefone era usado por todos que dele precisavam e, na Páscoa, todas as pessoas que frequentassem a residência também ganhavam presentes.

A matriarca da família, Hermengarda Bracher, criou um coral, cujos integrantes, segundo Décio, passaram a frequentar o Coral do Pio XII e, depois, formaram o Coral da UFJF.

Os cinco irmãos Bracher – Nívea, Paulo, Décio, Carlos e Celina – se tornaram artistas. Celina, a caçula dos irmãos, fora envolvida com teatro e falecera aos 31 anos.



De acordo com Paulo, essa veia artística já estava presente em outros membros da família, como a mãe, que cantava e tocava piano, e o tio Frederico, que tocava violino.

O jornalista Jorge Sanglard disse que os Bracher foram importantes para o desenvolvimento das artes em Juiz de Fora. Eles foram diretamente responsáveis pela construção do prédio do Museu de Arte Moderna Murilo Mendes (MAMM), uma vez que o projeto foi feito por Décio Bracher, os cálculos ficaram a cargo de Valdemar e os desenhos foram de Carlos.

Eles também participaram das principais lutas culturais de Juiz de Fora. Uma delas foi a campanha para resgatar o Centro Cultural Bernardo Mascarenhas. Por esse motivo é que uma das galerias do local recebeu o nome de Celina Bracher. Eles foram pioneiros ao criar, em 1965, essa que foi a primeira galeria de cunho particular na cidade, a qual se constituiu como um ponto de partida para que a pintura fosse profissionalizada na cidade.

No entanto, quando foi fundado, o espaço cultural dedicado à Celina funcionava na Galeria Pio X, onde ficou até 1975. Com o passar do tempo, ele foi transferido para o Centro Cultural Bernardo Mascarenhas.

Jorge ainda afirmou que a família participou do movimento contra a venda da Casa do Bispo e que Carlos esteve na linha de frente na luta pela preservação do Museu Mariano Procópio.

Outro marco da família Bracher é o Castelinho, construído por Rafael Arcury. Décio contou que, quando eles se mudaram para Juiz de Fora, na década de 1940, ficaram hospedados em um local na Praça da Estação que dava vista para o Castelinho. Valdemar contou que olhava para o Castelinho e se perguntava: “Quem foi o louco que

construiu uma casa no alto do morro? Eu nunca moraria lá.” Algum tempo depois, Valdemar comprou dos Arcury o referido espaço.

Ao longo dos anos, o lugar ganhou várias obras de arte e, no momento em que o Mosaico foi gravado, a casa estava tomada por pinturas, vasos, louças e livros, presentes de cada visitante que se achava no direito de deixar uma lembrança na casa.



#### FICHA TÉCNICA

**Apresentação:** Priscila Oliveira

**Produção:** Livia Honório

**Edição:** Matheus Sampaio, Natália Oliveira e Priscila Oliveira

**Câmeras:** Victor Silva

**Divulgação:** Layrha Moura e Vanessa Ferreira

**Vinheta:** Davi Ferreira

**Apoio técnico imagens e edição:** Gildo Leonel e Rodrigo Paschoalino



## César Romero, Bibliotecas de Juiz de Fora e Gedae

O Mosaico 83 foi sobre a história de César Romero, das bibliotecas de Juiz de Fora e do Grupo Espírita de Ajuda aos Enfermos (Gedae).

De acordo com o diretor-presidente da fundação Gedae, Laércio Rocha, o objetivo do grupo é acolher os portadores do vírus HIV, os quais não recebiam atendimento em vários hospitais devido ao fato de possuírem o vírus.

Desde a sua fundação até o momento em que o Mosaico fora gravado, Laércio informou que o Gedae atendera cerca de mil pessoas e possuía um convênio com o Sistema Único de Saúde (SUS). Isso propiciava às pessoas que precisassem de atendimento médico ou de medicação o encaminhamento da fundação para alguma instituição do SUS.

A fundação era aberta para todas as pessoas que dela necessitassem e não era preciso um cadastro para fazer uso das instalações.

O Gedae também promove um trabalho voltado para as crianças que são portadoras do HIV. Segundo a educadora social, Maria Arimatéia da Silva, 53 crianças de 27 famílias eram atendidas no momento em que o Mosaico foi gravado. As crianças tinham acesso a aulas de dança, música, reforço escolar e customização de material reciclável.

A fundação contava com uma cozinha (onde eram oferecidos café da manhã, almoço, café da tarde e o jantar), a enfermaria masculina e feminina, a farmácia, a sala de televisão masculina, sala de oficinas (nesse local ocorriam as oficinas de bijuteria, artesanato, HIV e cidadania, dança e culinária) e a sala de reuniões. Nesse local, eram promovidos

os encontros espíritas, visto que a casa seguia essa doutrina e promovia uma reunião, às terças-feiras, para que as pessoas interessadas pudessem tomar um passe.

Em seguida, o programa abordou as bibliotecas de Juiz de Fora. A primeira biblioteca visitada foi a Murilo Mendes. Inaugurada em 1897, a biblioteca só passou a ocupar sua sede atual 100 anos depois. Por ela, circulam, aproximadamente, 15.000 pessoas por ano, dentre elas, várias crianças. Quem falou a respeito do setor infantil foi a coordenadora do projeto de leitura, Margareth Assis Marinho. Ela explicou que as atividades desenvolvidas (contação de histórias, oficina de leitura e um espaço adaptado para que as crianças menores tenham acesso aos livros) tinham o objetivo de incentivar a leitura e formar leitores.

A diretora da biblioteca, Gerda de Abreu Machado, explicou que o acervo da Murilo Mendes possui mais de 70.000 livros, os quais estão totalmente disponíveis à população. Além disso, a biblioteca ainda conta com uma sucursal no Bairro Benfica.

Outra biblioteca visitada foi a da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), a qual, de acordo com a bibliotecária Flávia Alvarenga, tinha o acervo dividido entre a área central do campus e as mais diversas faculdades, totalizando 16 bibliotecas. Os livros eram disponibilizados para a comunidade acadêmica e aos cidadãos de Juiz de Fora. Porém, os alunos da UFJF podiam levar os livros para casa, enquanto isso não era permitido para o restante da população.



O Arquivo Histórico da UFJF também foi apresentado no programa. A arquivista Alessandra de Carvalho Germano disse que o arquivo foi inaugurado na década de 1980 e continha documentos que relatavam a história da Universidade e, também, de Juiz de Fora. Em 2012, o local teve seu nome alterado para Arquivo Central da UFJF. O maior número de documentos que existia no acervo era sobre o Fórum Benjamin Colucci.

Já na entrevista com o jornalista César Romero, ele revelou que sua história com o jornalismo começou em um jornal semanal no Bairro Bom Pastor, no qual noticiava os acontecimentos na região. Ele tinha 14 anos e era o responsável por datilografar e distribuir os exemplares.

Certo dia, houve um deslizamento de terra na rua de César e o jornalista José Carlos Lery Guimarães, da Rádio Industrial, foi ao local e transmitiu, ao vivo, os acontecimentos. César acompanhou a movimentação da equipe de reportagem da Rádio e revelou ter sentido uma forte emoção por fazer parte daquele momento, o que cooperou para que seu amor pelo jornalismo florescesse.

César ressaltou que já foi colaborador da revista O Lince, no jornal A Verdade e assinou uma coluna no jornal Diário Mercantil, onde permaneceu até 1983, quando o periódico fechou. Ele disse que esse foi um momento que marcou sua vida, pois foi com pesar que viu o fato acontecer.

O jornalista possuía uma agência de publicidade, a qual promovia dois grandes eventos na cidade: a Feijoada do César Romero e a Noite Borbulhante. A ideia da Feijoada surgiu para comemorar o aniversário de César e foi inspirada na tradicional Feijoada de Ricardo Amaral, a qual disponibilizava uma camisa para os participantes

do evento. Parte da verba levantada era doada para instituições de caridade de Juiz de Fora.

César ainda disse que o nome do Estádio Radialista Mário Heleno foi uma sugestão sua, através da publicação de uma nota no dia seguinte ao falecimento do radialista. Ele publicou a nota, pois acreditava que essa era a maior homenagem que Juiz de Fora poderia fazer ao Mário Heleno.





#### FICHA TÉCNICA

**Apresentação:** Débora Almada, Victor Silva e Natália Oliveira

**Produção:** Ingridy Castro, Juliana Braga e Thaiza Gribel

**Edição:** Cíntia Charlene, Débora Almada, Glória Maria Baltazar, Mariana Müller e Natália Oliveira

**Câmeras:** Douglas Ribeiro, Maristela Rosa e Victor Silva

**Divulgação:** Layrha Moura e Vanessa Ferreira

**Apoio técnico imagens e edição:** Gildo Leonel e Rodrigo Paschoalino





## Eduardo Gomes, Sindicatos e Escoteiros

O Mosaico 84 contou a história de Eduardo Gomes, falou sobre os sindicatos e os escoteiros de Juiz de Fora.

Com um cenário sindical amplo, Juiz de Fora é uma referência em lutas sindicais por melhores condições para as classes trabalhistas. Uma das pessoas mais importantes de Juiz de Fora, e até nacionalmente, quando o assunto é sindicato, era o então deputado estadual Clodesmidt Riani. Ele disse que o sindicato é o órgão que representa o trabalhador e que cuida dos seus interesses.

Um dos sindicatos mais recentes da cidade, no momento em que o programa foi gravado, era o Sindicato dos Trabalhadores Domésticos (Sinderfamília) que, de acordo com o presidente Moacyr da Silva Filho, surgira para defender os direitos das pessoas que trabalhavam no âmbito doméstico.

Entretanto, os sindicatos não existem apenas para defender os direitos dos trabalhadores. Há, também, o sindicato da classe patronal, o qual busca conseguir o melhor para que as empresas continuem gerando lucro.

Um deles é Sindicato do Comércio (Sindicomércio). Para o vice-presidente do mesmo, Rui Mussel da Silva, é um sindicato importante por atuar na área política, trabalhista e no apoio logístico para as pessoas envolvidas com o comércio.

A conversa com Eduardo Gomes começou com o colunista social explicando que era estudante de Psicologia, em Belo Horizonte, e decidiu abandonar o curso para se tornar jornalista. Ele disse que era

funcionário da Telemig e, na empresa, havia um jornal interno, em que trabalhou durante algum tempo.

Quando se mudou para Juiz de Fora, decidiu continuar desempenhando o papel de jornalista. Logo chegou aos ouvidos de Josino Aragão, do jornal Diário Regional, que Eduardo havia se saído bem no jornal da Telemig. O empresário resolveu, assim, convidá-lo para trabalhar no Diário. Eduardo aceitou o desafio e construiu uma história de sucesso dentro do colunismo social.

Eduardo ganhou de seu pai uma agência de publicidade e resolveu expandir os negócios ao criar uma revista, a Shopping e Marketing, que já possuía mais de 25 anos até a gravação do programa. Ele confessou ser perfeccionista e ter mania de organização.

O colunista social também já foi convidado para ser enredo de carnaval. Isso ocorreu em 2006, e o convite partiu da escola de samba Acadêmicos do Manoel Honório. Ele revelou que essa foi uma das maiores alegrias de sua vida, principalmente porque adora carnaval.

Já sobre o escotismo, quem explicou as suas origens foi a arquiteta Marianna Oliveira. Ela afirmou que a prática fora desenvolvida por Robert Stephenson Smyth Baden-Powell, em 1907, na Inglaterra. Ele começou um projeto educacional para jovens, em que mostrava técnicas de campo, vida ao ar livre e trabalho em equipe.

O servidor público Júlio Crivellari contou que as atividades desempenhadas são jogos e a parte técnica – a qual envolve aprender a fazer nós. Além disso, os jovens são incentivados a praticar boas ações.



Ele ainda afirmou que homens e mulheres só passaram a frequentar o programa dos Escoteiros a partir da década de 1980, quando a União dos Escoteiros do Brasil implantou o projeto de coeducação. Antes disso, existia o grupo dos escoteiros, para os homens, e as bandeirantes, apenas para mulheres. Júlio disse que o grupo Alvorada foi um dos primeiros do país a adotar a política de interação.

O consultor ambiental Frederico Neves foi convidado para explicar quem foi Caio Viana Martins, homenageado com uma estátua localizada no Parque Halfeld. Frederico afirmou que Caio era escoteiro e se tornou um mártir no movimento escotista. Ele estava em um trem quando houve um acidente grave. Vários escoteiros ficaram feridos e muitos morreram. Ao ser socorrido, Caio disse que não queria ser carregado, porque “o escoteiro caminha com as próprias pernas”. Após dar três passos, ele morreu. A homenagem através da estátua de Caio foi prestada em 1942.

Frederico ressaltou que Juiz de Fora tinha uma grande participação dentro do movimento escotista e tinha os dois mais antigos grupos escoteiros de Minas Gerais, o Aymorés e o Caiuás.



#### FICHA TÉCNICA

**Apresentação:** Caio Zóia, Júnio Nogueira e Tainá Voltas

**Produção:** Marcela Valadares, Michele Ferreira e Yuri Fernandes

**Edição:** Débora Almada, Júnio Nogueira, Matheus Sampaio, Natália Oliveira e Priscila Oliveira

**Câmeras:** Danilo Pereira, Douglas Ribeiro, Lucas Godinho, Victor Silva e Yuri Fernandes

**Divulgação:** Layrha Moura e Vanessa Ferreira

**Vinheta:** Davi Ferreira

**Apoio técnico imagens e edição:** Gildo Leonel e Rodrigo Paschoalino



## Miss Gay 2013

O Mosaico 85 mostrou como foi o Miss Brasil Gay 2013. O evento foi promovido no Cine-Theatro Central e, de acordo com o organizador André Pavam, isso facilitou muito o seu trabalho, pois, por ser um teatro, o local já tinha toda a estrutura necessária para a organização de um grande evento.

Ele acrescentou que o Miss Gay era uma forma de resistência contra a homofobia e em favor dos direitos humanos, e que, diferente dos concursos votados para mulheres, esse não colocava a beleza em primeiro lugar, optando por destacar a simpatia, a elegância e a empatia do público para com as candidatas. Em referência a esse viés focado nos direitos humanos, os dois temas do concurso de 2013 foram relacionados à igualdade de direitos para os homossexuais, além do luxo e glamour.

A Miss Brasil Gay de 2009, Ava (Charles Simões), contou que venceu o concurso após duas tentativas (a primeira em 2007 e a segunda em 2008 – quando ficou em segundo lugar).

Já a Miss 2008, Lizandra (Luciano Silva), disse que, após a sua vitória, sempre participava do evento para prestigiar o trabalho das competidoras e para maquiá-las também. Ela acrescentou que, ao contrário do que muitas pessoas podiam pensar, o Miss Gay era um evento muito sério, principalmente por envolver os sonhos de várias pessoas, as quais viajavam durante horas para estarem na disputa.

Raika, que foi Miss em 2011, contou que vencer o concurso era seu sonho desde que era criança, e que cada centavo que empregou em seus trajes valeu a pena quando subiu no palco e as pessoas a ovacionaram.

A Miss 2010, Carol Zwick, explicou que as participantes não podem ter silicone ou inserir hormônios no corpo. Quando se tornam misses, as candidatas têm funções a cumprir, como serem juradas de outros concursos gays e se apresentarem na abertura ou encerramento desses eventos, em diferentes estados do país. Ela acrescentou que essas viagens eram pagas pela própria Miss, pois o concurso não recebia tantos recursos e investimentos quanto os concursos femininos.

Uma personalidade de Juiz de Fora que estava presente durante a organização do evento em 2013 foi o ex-cenografista Carlos Guedes, que contou que o Miss Brasil Gay surgira para angariar fundos para o desfile da escola de samba Juventude Imperial no Carnaval da cidade. O primeiro evento ocorreu no Ginásio do Esporte, onde quem marcou presença foram os policiais, visto que o policiamento foi muito grande, mas poucos ingressos do Miss Gay foram vendidos.

Apesar disso, o concurso continuou a ser promovido anualmente, e Carlos era o responsável por toda a cenografia do evento, tendo trabalhado na organização durante 24 anos. Ele ressaltou que o Miss Gay ganhou destaque dentro e fora do país, já tendo contado com a presença de Iolanda Costa e Silva (esposa do ex-presidente Artur da Costa e Silva) no desfile.

A aposentada Jasmina Jorge era participante assídua do evento e disse que era ótimo para movimentar a economia da cidade e proporcionar mais uma fonte de lazer para os juiz-foranos.



#### FICHA TÉCNICA

**Apresentação:** Caio Zóia

**Produção:** Douglas Ribeiro, Márcio Niheus e Yuri Fernandes

**Edição:** Júnio Nogueira, Luana Alencar, Mariana Müller, Matheus Sampaio e Natália Oliveira

**Câmeras:** Yuri Fernandes

**Divulgação:** Laura Santos, Layrha Moura e Vanessa Ferreira

**Vinheta:** Davi Ferreira

**Apoio técnico imagens e edição:** Gildo Leonel e Rodrigo Paschoalino





## Usina de Marmelos, Maria Helena Sleutjes e Cristina Mansur

O Mosaico 86 contou a história da Usina de Marmelos, da escritora Maria Helena Sleutjes e da dermatologista Cristina Mansur.

O programa começou com a entrevista de Cristina, que revelou ser natural de Paraíba do Sul e que veio para Juiz de Fora com 11 anos, pois queria estudar e construir uma carreira de sucesso, algo que disse ser inviável em sua cidade. Ela veio sozinha para Juiz de Fora e encontrou abrigo em um pensionato de irmãs.

O sonho da menina Cristina era ser médica e, para isso, estudava dia e noite. Como recompensa, conseguiu ser aprovada em segundo lugar no primeiro vestibular que prestou. Quando a mãe de Cristina descobriu que a filha seria dermatologista, não gostou muito da ideia, pois a profissão era desvalorizada. A mãe achava que todo o sacrifício de sua filha não seria recompensado se ela seguisse essa carreira.

Cristina ainda revelou ter conhecido seu esposo durante a faculdade, mas eles só começaram a namorar quando estavam no último período e se casaram algum tempo depois.

Assim como Cristina, Maria Helena também não nasceu em Juiz de Fora. Nascida no Rio de Janeiro, a escritora adotou a “Princesa de Minas” como sua cidade do coração. Há dez anos vivendo nesse lugar, ela faz parte da Academia Juiz-forana de Letras e já deixou seu nome na literatura local.

Ela disse que seu talento para escrever aflorou no período em que estudava e precisava fazer redações. Quando cresceu, começou a escrever seus

primeiros livros, dentre eles estavam alguns infantis e o livro “Presença”, composto apenas por poemas. Após essa obra, não parou mais de escrever.

Cristina disse que um de seus lugares favoritos em Juiz de Fora era a Usina de Marmelos, pois, quando ia visitar seus pais, sempre passava de ônibus pelo local e se sentia emocionada ao olhar para a construção.

Uma das características de Maria como escritora é o fato de escrever em parceria com outras pessoas. Ela explicou que gosta de adotar esse método, porque a vida perde o sabor quando desempenhamos nossas tarefas sozinhos.

A artista também revelou ter sido bibliotecária universitária durante 12 anos e que sua maior frustração era ficar em meio aos livros e não poder lê-los. Ela também contou que adorava escrever para crianças, por causa da espontaneidade dos pequenos ao expressarem suas opiniões sobre os livros que liam. A escritora afirmou ter um carinho especial pelo livro “Ana Balão”, pois ele foi produzido durante a infância de seus dois filhos. Essa obra foi ilustrada por seu filho, que na época tinha 12 anos.

O primeiro entrevistado a falar sobre a Usina de Marmelos foi o artista plástico Rogério José de Deus. Ele já havia retratado o local duas vezes nos seus trabalhos e afirmou que a construção da Usina representara um ato de coragem e de ousadia para aquela época, visto que fora a primeira hidrelétrica construída na América Latina.

O artista plástico revelou que o que mais o atraía na Usina de Marmelos era o som de água cor-





rente, diferente do som de buzinas tão típico no cenário da cidade. Ele acrescentou que o som único da Usina é como uma valsa de Bach ou de Beethoven.

A estudante de Turismo Alessandra Cristina Zanetti contou que a Usina fora construída principalmente devido aos esforços de Bernardo Mascarenhas, que encomendou dos Estados Unidos o maquinário necessário para a obra e contratou técnicos para atuarem na construção.

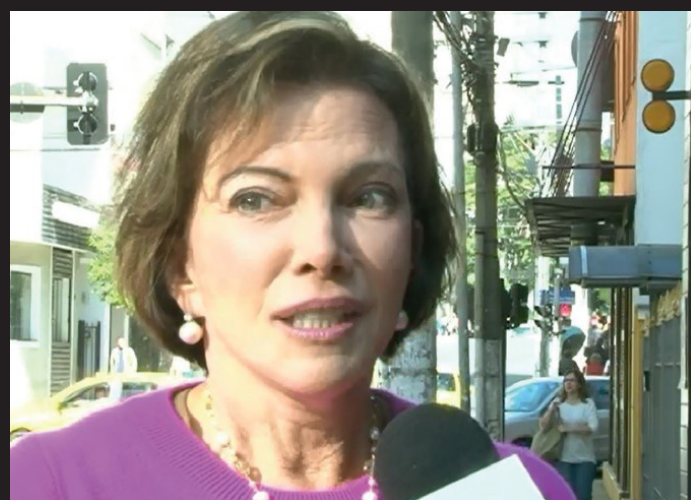
Contudo, alguns empecilhos surgiram nesse caminho: algumas peças encomendadas do Estados Unidos não foram entregues conforme o combinado, e os técnicos contratados não sabiam manusear os equipamentos que chegaram. Desse modo, Bernardo teve que aprender a utilizar os artefatos para ensinar aos funcionários.

Alessandra também relatou que a construção não foi bem recebida pelos juiz-foranos. Ela disse que foi difundido o boato de que a energia elétrica seria prejudicial e perigosa, na medida em que as pessoas corriam risco de levar choque quando estivessem na rua. Assim, Bernardo teve que conversar com a população e esclarecer que tudo seria feito com responsabilidade e colocando a segurança de todos em primeiro lugar.

Com o passar do tempo, foram surgindo outros problemas, já que a cidade foi se desenvolvendo rapidamente e a capacidade da Usina era limitada. Desse modo, começaram a ocorrer apagões, o que gerou grande descontentamento na sociedade juiz-forana.

Alessandra disse que, em 1983, tanto o Castelinho da Cemig quanto a Usina se tornaram patrimônio histórico de Juiz de Fora. Algum tempo depois, a hidrelétrica passou a receber os cuidados e reparos através da UFJF também.

Ela finalizou dizendo ser importante que as pessoas conheçam a história da Usina, pois isso poderia atrair turistas para a cidade.



#### FICHA TÉCNICA

**Apresentação:** Caio Zóia, Débora Almada e Yuri Fernandes

**Produção:** Matheus Andrade, Isabella Paiva e Tainá Voltas

**Edição:** Cíntia Charlene, Débora Almada, Glória Maria Baltazar, Mariana Müller, Matheus Sampaio e Natália Oliveira

**Câmeras:** Yuri Fernandes

**Divulgação:** Danilo Pereira, Lucas Godinho, Luciany Oliveira e Victor Silva

**Vinheta:** Davi Ferreira

**Apoio técnico imagens e edição:** Gildo Leonel e Rodrigo Paschoalino



## Time de Vôlei do Sport e Rádio Difusora

O Mosaico 87 falou sobre a trajetória do time de vôlei do Sport Club de Juiz de Fora e a Rádio Difusora.

O professor André Muzzi contou que a ideia, ao montar o time, era compor uma equipe de alto nível. Com isso, algumas jogadoras de alta performance foram contatadas, assim como o técnico Inaldo Manta, o qual atuava na seleção brasileira daquela época. O fato de todo o grupo estar empenhado em fazer seu melhor colaborou para que o conjunto se tornasse vitorioso.

Emocionado, ele contou que a conquista do bicampeonato, em 1984, foi uma obrigação após o time ter vencido em 1983. O jogo foi em Belo Horizonte, contra o Minas. O Sport perdia por 2 a 0, mas conseguiu virar o jogo e vencer por 3 a 2. O que restou no coração de André foi a sensação de dever cumprido.

O empresário Jairo Batitucci disse que a existência do time foi viabilizada pelos esforços do empresário Guilherme Sarmiento, que acreditava que Juiz de Fora merecia um time de vôlei feminino com excelência para vencer os campeonatos que disputasse.

A ideia inicial era que o time fosse da Coca-Cola. Contudo, isso era inviável, pois a empresa precisaria construir um ginásio para os jogos e treinos. Assim, Guilherme propôs que o novo time de vôlei fosse do Sport Club, patrocinado pela Coca-Cola.

O jornalista Márcio Guerra contou que duas pessoas que também fizeram parte da história do Sport foram Cláudio Temponi e Mário Helênio. O primeiro narrou o jogo em que o time ganhou a final do Campeonato Mineiro de 1983 e o último

foi o comentarista. Segundo Márcio, a narração de Cláudio – que foi jogador de vôlei – do último ponto marcado pelo Sport na partida foi emocionante.

O jornalista Fernando Luiz Baldioti acrescentou que o ginásio estava lotado, e que muitas pessoas dentro do local estavam sintonizadas na Rádio Difusora, ouvindo a transmissão.

A força da torcida também foi um dos elementos que colaborou para que o Sport se tornasse um time vitorioso. O time contou com uma torcida organizada, o Camburão Aliverde. O fundador dessa torcida, João Guilherme Freesz, relatou que um grupo de amigos apaixonados por vôlei e samba resolveu criar a organizada.

Ele disse que não havia derrota na cabeça dos membros da torcida organizada, uma vez que, mesmo quando o time perdia, a festa estava garantida. Ainda segundo o fundador da organizada, a torcida incendiava o ginásio e os torcedores adversários ficavam mais acuados, devido à animação e à paixão demonstrada pelo Camburão. Essa energia também contagiava os demais torcedores do Sport, que não ficavam de fora da festa que era feita nos ginásios.

Rosi Tristão foi uma das jogadoras em quadra na ocasião em que o Sport conquistou o bicampeonato. Ela falou da emoção que foi alcançar essa vitória, principalmente por ter sido uma vitória em cima do Minas, que era considerado um dos melhores times do Brasil, e revelou que o grupo treinava oito horas por dia para se preparar para a competição.

A jogadora Carla Caniato, que também defendeu a camisa do Sport em 1983 e 1984, revelou que



conquistar o primeiro título foi mais emocionante do que conseguir o segundo, devido ao peso de ganhar pela primeira vez. Ela também disse que isso foi motivo de grande orgulho pessoal, uma vez que sua história com o Sport começara quando tinha nove anos de idade, ao ingressar na escolinha de vôlei do clube.

Carla explicou que, após a conquista do bicampeonato, o time perdeu o patrocínio da Coca-Cola. Mas isso não foi motivo para que o time de vôlei acabasse. A história do Sport prosseguiu, só que com jogadoras da categoria juvenil e infantojuvenil.

O Sport também foi base para que algumas jogadoras chegassem à seleção brasileira de vôlei. Uma delas foi Márcia Fu, que lembrou de Ana Paula, Filó e Dora, as quais também defenderam a seleção. Márcia disse que vencer o Minas foi especial, pelo fato de o time ser um dos melhores do Brasil.

Sobre a Rádio Difusora, um dos entrevistados do programa foi o senhor Sebastião da Matta, que contou alguns detalhes sobre o prédio onde a rádio funcionava e sobre suas atividades na emissora. Ele disse que um desses prédios se localizava na Rua Halfeld e que trabalhara como motorista da empresa logo quando fora contratado, no ano de 1956. Em seguida, ele contou que chegou a trabalhar como operador de áudio e saiu da emissora em 1980.

O jornalista Glauco Fassheber também contou sua história com a Difusora. Ele começou trabalhando na Rádio Industrial e, mais tarde, foi para a Difusora. Glauco disse ter sido o primeiro locutor a utilizar o microfone da emissora, em outubro de 1956, em uma apresentação da Rádio para a sociedade juiz-forana. O evento, promovido no Cine-Theatro Central, ainda contou com um show do cantor Ivon Curi.

Glauco relatou ainda que seu programa “Boa Noite, Música” era o divertimento daqueles que ti-

nham que ficar em casa à noite. Com o tempo, ele acabou se tornando o dono da emissora. Isso porque Sérgio Mendes, proprietário da Rádio Industrial, da Difusora e da TV Industrial, precisou vender um dos meios de comunicação, pois o governo não permitia que uma pessoa fosse dona de dois veículos comunicacionais do mesmo segmento.

Então, Sérgio ofereceu a Rádio Difusora para Glauco, por saber que o último adorava esse veículo de comunicação. Após algum tempo negociando, Glauco adquiriu a Difusora.

Contudo, apesar dos esforços de Glauco, a Rádio fechou as portas, pois, ao assumi-la, o jornalista descobriu que ela possuía uma grande dívida. O então presidente da República, João Figueiredo, chamou Glauco para conversar e lhe disse que teria que cancelar a outorga da emissora e abrir outra concorrência. Segundo o jornalista, ele entraria nessa concorrência e a venceria. No entanto, cinco políticos se juntaram e venceram essa concorrência, porque o presidente tinha interesses em conceder a Rádio para os políticos.

A notícia do fechamento da Difusora se espalhou, e os taxistas se organizaram para fazer um protesto. Então, eles foram até a porta da rádio, buscaram Glauco e saíram rumo ao Bairro Bom Pastor em uma carreta. Eles foram até o Bairro Manoel Honório com o objetivo de convencer o governo a devolver a Difusora para Glauco, o que não foi possível.

Essa identificação toda que os taxistas tinham com Glauco se deveu ao fato de ele ter criado um programa de uma hora, voltado para essa categoria, no qual sorteava uma placa de táxi e o carro sorteado ganhava um tanque de gasolina.

Glauco finalizou dizendo que o legado da Rádio Difusora foi revelar bons profissionais para o mercado jornalístico.



#### FICHA TÉCNICA

**Apresentação:** Michele Ferreira e Priscila Oliveira

**Produção:** Júlia Horta e Letícia Silva

**Edição:** Cíntia Charlene, Junio Nogueira, Luana Alencar, Mariana Müller, Matheus Sampaio e Natália Oliveira

**Câmeras:** Douglas Ribeiro e Victor Silva

**Divulgação:** Layrha Moura e Vanessa Ferreira

**Vinheta:** Davi Ferreira

**Apoio técnico imagens e edição:** Gildo Leonel e Rodrigo Paschoalino





## Ademilson Correa, Clodesmidt Riani e Teatro Paschoal Carlos Magno

O Mosaico de número 88 foi uma homenagem ao Ademilson, do Tupi Futebol Clube, ao ex-líder sindical Clodesmidt Riani e contou a história do Teatro Paschoal Carlos Magno.

Paschoal Carlos Magno era um grande incentivador da cultura no Brasil. Foi responsável pela construção do Teatro dos Estudantes no país e veio a Juiz de Fora, na década de 1970, para uma apresentação do Grupo Divulgação. Foi nessa época que surgiu a ideia de fundar um teatro municipal em Juiz de Fora.

O professor José Luiz Ribeiro contou que a peça encenada foi “Nem Tudo É Azul No País Azul”, de Gabriela Rabelo e, na frente de toda a plateia, Paschoal fez com que o então prefeito Melo Reis promettesse a construção de um teatro municipal para Juiz de Fora. O chefe do executivo começou a construí-lo, mas, devido a problemas no terreno, não conseguiu finalizar a obra. A primeira interrupção na obra do Teatro ocorreu já no princípio da construção, o que impediu a conclusão do projeto e esgotou os recursos destinados ao Teatro.

José Luiz acrescentou que essa construção seria muito útil para os artistas, pois a cidade só possuía teatros de porte médio, como o Pró-Música e o Solar. Assim, Paschoal Carlos Magno atenderia às grandes demandas da classe dos artistas.

O professor universitário Ismair Zaghetto era superintendente da Fundação Alfredo Ferreira Lage (Funalfa) quando a construção do Teatro começou. Ele revelou que a ideia era que o ambiente fosse espaçoso o suficiente para comportar 496 poltronas.

Ismair ainda explicou que o terreno passou por uma espécie de “exame de verificação do solo”, para atestar se o projeto da construção era viável. E, nessa verificação, não foi detectado o grave problema que comprometeria a construção do teatro. Em uma tentativa de solucionar o problema, profissionais do Rio de Janeiro foram trazidos para Juiz de Fora. Com esse investimento, todo o recurso que a Prefeitura havia destinado para a obra se esgotou.

O ator e diretor Henrique Simões revelou ter sido contra a construção do teatro desde o início do projeto. Ele afirmou que se tratava de uma obra muito cara e contradisse José Luiz ao afirmar que o local não atenderia aos anseios de toda a classe artística, visto que companhias teatrais mais ousadas precisariam buscar outros espaços para encenar.

Com o passar dos anos, o teatro foi erguido e o espaço foi utilizado para alguns eventos. Contudo, Ismair destacou que a estrutura existente não oferecia o mínimo de conforto para os espectadores e que, mesmo assim, ela foi utilizada para duas encenações, alguns desfiles de moda e shows.

De acordo com o superintendente da Funalfa, Toninho Dutra, no momento em que o programa foi gravado, dos 50 milhões de reais destinados à obra, 45 milhões já haviam sido empregados com esse destino. Ele salientou que a conclusão era impossibilitada devido à falta de verba para prosseguir com a obra, e que uma saída para resolver o problema seria recorrer à ajuda privada para captar recursos e, finalmente, concluir o Teatro.





A conversa com Clodesmidt começou com seu relato sobre o início da sua trajetória na política. Ele disse que começou se candidatando a vereador, algo que causou comoção no partido através do qual se candidatara, o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), já que havia sido delegado do partido, mas não venceu a eleição.

Logo em seguida, candidatou-se a deputado estadual e foi eleito como o mais votado de Juiz de Fora. Ele creditou toda essa confiança do povo ao fato de ter sido líder sindical, algo que o tornou bem conhecido e popular na cidade. Além disso, afirmou que a popularidade também adveio das conquistas em favor do movimento operário, como a Previdência Social.

Clodesmidt revelou ter sido amigo do ex-presidente João Goulart e que, na primeira visita de Jango a Belo Horizonte, ele estava ao lado do ex-presidente para auxiliá-lo no que fosse necessário no que se referia aos movimentos sindicais.

Ainda jovem, Clodesmidt seguiu a carreira de eletricitista. E foi essa profissão que o aproximou do meio sindical. Ele disse ter trabalhado na Companhia Mineira de Eletricidade de Juiz de Fora.

A primeira reunião sindical da qual participou foi referente ao Sindicato dos Bondes e achou tudo muito interessante. Tão interessante que, quando foi fundado o Sindicato Hidrelétrico de Juiz de Fora, candidatou-se para representá-lo e foi eleito.

Após muitos anos de luta pelos direitos dos trabalhadores e de ter enfrentado a Ditadura Militar, Clodesmidt afirmou que tudo o que fizera valera a pena e se sentia satisfeito e agradecido por tudo o que havia conquistado.

Sobre sua trajetória no mundo do futebol, o jogador Ademilson Correa contou que sua família

era humilde e não possuía condições de alimentar o sonho que o garoto tinha de ser jogador. Sua sorte mudou no dia em que um desembargador apareceu e lhe ofereceu a oportunidade de realizar seu sonho. Ademilson agarrou essa oportunidade e seguiu trabalhando duro para alcançar seus objetivos.

Ademilson disse ter saído do Espírito Santo e ido para o Rio de Janeiro. Em seguida, mudou-se para o México, depois para a Turquia e Bélgica. Voltou para o Brasil, onde foi acolhido no Pará. Mas não permaneceu por lá. Mudou-se para São Paulo e, de lá, veio para Juiz de Fora.

O jogador ainda afirmou que tinha uma relação de proximidade muito grande com o Estádio Municipal Radialista Mário Helênio, considerando o local como sua casa. Ele disse ainda que um momento marcante em sua carreira foi quando o Tupi conquistou a Taça Minas, em 2008, dentro do Mário Helênio e destacou ser uma honra ter sido o maior goleador da história desse estádio.

Ele finalizou dizendo que sua paixão pelo Tupi começou em 2008, no Campeonato Mineiro, quando a torcida começou a encher os estádios e reconhecer o valor que o jogador tinha, ao gritar seu nome durante os jogos. A partir desse momento, Ademilson resolveu que queria fazer o máximo que pudesse para honrar o carinho da torcida e para se manter na cidade que conquistou seu coração.



#### FICHA TÉCNICA

**Apresentação:** Caio Zóia, Junio Nogueira e Vanessa Ferreira

**Produção:** Livia Honório, Thaiza Gribel e Yuri Fernandes

**Edição:** Débora Almada, Glória Maria Baltazar, Mariana Müller e Matheus Sampaio

**Câmeras:** Douglas Ribeiro, Lucas Godinho, Luciany Oliveira, Victor Silva e Yuri Fernandes

**Divulgação:** Laura Santos, Layrha Moura e Vanessa Ferreira

**Vinheta:** Davi Ferreira

**Apoio técnico imagens e edição:** Gildo Leonel e Rodrigo Paschoalino

## Grutas Religiosas, Pró-Música e Ângelo Savastano

O Mosaico de número 89 foi sobre as grutas religiosas de Juiz de Fora, o Centro Cultural Pró-Música e o fotógrafo Ângelo Savastano.

O primeiro entrevistado foi Ângelo, que contou que nasceu no Rio de Janeiro, veio para Juiz de Fora para trabalhar no Banco do Brasil e logo se apaixonou pela cidade, uma vez que, mesmo tendo ficado fora da cidade durante algum tempo, Savastano voltou para Juiz de Fora e resolveu colocar em prática seu amor pelas lentes objetivas das câmeras, cursando Jornalismo e se especializando em Fotografia.

Um dos prêmios que o fotógrafo ganhou foi concedido em 2012, pela Arquidiocese de Juiz de Fora, por uma fotografia denominada “Visita à base de pacificação do Morro do Alemão e Penha”. Ele revelou que, anteriormente, o local onde a foto foi tirada era destinado ao tráfico. Após a pacificação, algumas senhoras transformaram a casa em um espaço voltado para a arte e cultura. O momento registrado por Ângelo foi aquele em que algumas crianças tocavam instrumentos, instruídas por um maestro alemão.

Um dos momentos que o fotógrafo considerou ter sido especial em sua carreira foi quando o ex-presidente Itamar Franco faleceu e seu corpo foi trazido para Juiz de Fora. Ângelo disse que a cidade não se despedia de um político naquele instante, mas dizia adeus a um conterrâneo.

Além de fotografar o factual, como repórter fotográfico, Savastano também fazia fotos de rallies e, por isso, passava grande parte do tempo fora da

cidade e longe da família. No entanto, não reclamava, pois a fotografia era tudo em sua vida.

Uma das grutas religiosas famosas na cidade é a da Igreja Catedral. Para falar sobre o processo de pintura do local, o artista plástico Ricardo Barcellos foi entrevistado. Ele revelou que o espaço estava todo branco e que fez o molde de cada estrela, em tamanhos variados. O trabalho ficou pronto em dez dias. Além dessa gruta, Ricardo pintou a gruta de Nossa Senhora de Lourdes, na Santa Casa de Misericórdia. Após a finalização desse trabalho, a gruta foi tombada como Patrimônio Histórico.

Sobre a gruta de Nossa Senhora de Lourdes, o Padre José Leles da Silva explicou que essa é a santa que vela pelos enfermos. Por isso, a localização próxima à Santa Casa de Misericórdia é propícia, pois atende aos parentes dos enfermos que querem buscar consolo com a Santa.

Entretanto, nem todas as grutas religiosas recebiam a atenção de que precisavam. Uma dessas era a gruta de Fátima, localizada no final da Rua Halfeld, a qual era vítima constante do vandalismo. A aposentada Neiva Rocha Souza era uma das pessoas que sempre zelaram pela gruta. Ela se responsabilizava por acionar a Empresa Municipal de Pavimentação e Urbanização (Empav) para que a limpeza do local fosse promovida e custeou, junto com outras mulheres, parte dos gastos para a finalização da construção da gruta.

Sobre o Centro Cultural Pró-Música, a diretora e fundadora do espaço, Maria Isabel de Sousa, afirmou que o lugar possuía mais de 40 anos e, no



princípio, a fim de conseguir sócios e o apoio da população, foi necessário percorrer mais de 500 casas. Ela afirmou que toda a sua família se envolveu profundamente com o centro cultural. Um deles foi o filho de Maria Isabel, o Júlio César de Sousa, que se tornou vice-diretor da instituição.

Ao ser entrevistado, o vice-diretor do Pró-Música, Júlio César de Sousa, disse que, entre as atividades promovidas no espaço, estavam as exposições constantes, as Terças Musicais, o Festival de Jazz e o Festival de Música Colonial. Sobre o último evento, Júlio afirmou que ele foi inserido no calendário cultural de Juiz de Fora, constituindo-se como um festival importante para a cidade e para o Brasil.

Júlio ainda se revelou orgulhoso por fazer parte de uma instituição cujo significado era grande no cenário nacional. O sucesso do Pró-Música significava que todo o tempo dedicado ao centro cultural fora válido.

O Pró-Música possui, ainda, uma escola de artes, localizada no Bairro São Mateus. A coordenadora da instituição, Marília Ramos da Paixão, destacou que a escola oferecia cursos de musicalização, instrumentos de corda e de sopro, balé, desenho, pintura, capoeira e dança do ventre. As aulas eram oferecidas tanto para crianças, quanto para adultos e tinham duração de 50 minutos.

A Escola tinha, ainda, uma função social, na medida em que, anualmente, oferecia cerca de 330 bolsas de estudos para crianças carentes. De acordo com o professor Antônio Rosa, que já atuava na escola há 27 anos, ela já havia funcionado na Rua Antônio Carlos, no Bairro Granbery, e na Rua Espírito Santo, onde ficou durante 13 anos.



#### FICHA TÉCNICA

**Apresentação:** Caio Zóia, Tainá Voltas e Vanessa Ferreira

**Produção:** Ingridy Castro, Márcio Niheus, Tales Rodrigues e Yuri Fernandes

**Edição:** Cíntia Charlene, Júnio Nogueira, Luana Alencar, Mariana Müller, Matheus Sampaio e Natália Oliveira

**Câmeras:** Douglas Ribeiro, Maristela Rosa, Victor Silva e Yuri Fernandes

**Divulgação:** Laura Santos, Layrha Moura e Vanessa Ferreira

**Vinheta:** Davi Ferreira

**Apoio técnico imagens e edição:** Gildo Leonel e Rodrigo Paschoalino





## Parque da Lajinha, Padre Leles e Time Volante

O Mosaico de número 90 abordou as histórias do Parque da Lajinha, do Padre Leles e do time de futebol Volante.

O radialista José Eduardo Araújo contou que o Volante foi um time de futebol profissional de Juiz de Fora entre os anos 1950 e 1960, atuando sempre contra o Tupi, o Tupinambás, o Sport e outros times da região. O nome do time era uma referência aos taxistas, cuja associação custeava os gastos do Volante.

José Eduardo disse que as partidas eram sempre disputadas nos campos do Tupi, do Sport e do Tupinambás, e que uma das características marcantes do Volante era a persistência em vencer, tendo surpreendido os adversários em diversas ocasiões ao ganhar partidas consideradas difíceis.

O radialista revelou que o campo do Volante era onde hoje está localizado o Museu de Arte Moderna Murilo Mendes (MAMM), na Rua Benjamin Constant, esquina com a Rua Santo Antônio. Os treinos eram promovidos no campo do Bairro Granbery, e o time contava com bons jogadores que, tempos depois, foram comprados pelo Sport Club.

Entre esses destaques estavam o goleiro conhecido como “Português” e o zagueiro, conhecido como “Suíço”.

O aposentado Moacir Toledo acrescentou a essa lista um dentista, que estava entre os fundadores do Volante: Antônio, o qual jogava com a camisa 2 e era o técnico do time. Outro destaque foi o cen-

troavante “Boi” que, de acordo com o aposentado, era sempre o artilheiro dos campeonatos da cidade.

Moacir explicou que os jogadores foram deixando o time, porque não havia mais como pagá-los. O número de associados também caiu e, com isso, o time acabou.

Sobre o Parque da Lajinha, o secretário de Meio Ambiente, Luís Cláudio Santos, afirmou que ele havia sido revitalizado com o intuito de se constituir como um atrativo para os juiz-foranos e como uma das poucas unidades de conservação no país abertas para o público.

A analista ambiental Giselle Belcavello revelou que o Parque era uma fazenda, a qual fora desapropriada em 1978. O lugar se tornou parque somente em 1982, sendo considerado, a partir daquele momento, como unidade de conservação. Contudo, o decreto municipal que legalizou o local como unidade de conservação nos moldes do Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC) foi instituído somente em 2012.

Giselle explicou que, entre as obras de revitalização realizadas, estavam a limpeza do lago, a construção de uma ponte perto da cachoeira, uma academia de ginástica e um parquinho.

O parque já contou, inclusive, com um campo de futebol. Mas, com as obras de revitalização, o campo foi desativado. Isso porque o parque é uma reserva ambiental e, como tal, deveria seguir uma série de restrições.



De acordo o secretário ambiental, dentre tais restrições estavam não ser permitido o consumo de bebida alcoólica no parque ou o uso de bicicleta. Coletar flores e levar animais domésticos também eram outras das restrições.

O Padre José Leles da Silva revelou ter descoberto sua vocação para o sacerdócio ainda criança, com dez anos. Mais tarde, quando já cursava Estudos Sociais, em Belo Horizonte, descobriu a vocação para ser missionário redentorista e decidiu, então, cursar Filosofia na UFJF.

A primeira comunidade que Padre Leles assumiu como pároco foi em Juiz de Fora, no Bairro Mariano Procópio, chamada Comunidade de Santo Afonso, onde cuidava dos jovens que cursavam o Ensino Médio e queriam ser padres ou missionários redentoristas.

O pároco também atuou na Catedral Metropolitana, ao lado do Monsenhor Falabella de Castro, com quem afirmou ter aprendido muito. Após algum tempo nesse local, ele conversou com o bispo e confessou querer vivenciar uma experiência diferente. Assim, o bispo o realocou para as paróquias dos bairros Furtado de Menezes, Poço Rico e Olavo Costa. Mais tarde, ele pediu transferência novamente e foi encaminhado para a Capela da Santa Casa de Misericórdia, atuando, ainda, na diretoria do hospital.

O padre ressaltou, com muita emoção, que, das missas que celebrava na Catedral, a mais marcante em sua vida era a missa em intenção dos vestibulandos. A missa era celebrada com o intuito de acalmar o coração dos pais que ficavam desolados diante da possibilidade de verem os filhos saírem de casa para ingressarem na universidade.



#### FICHA TÉCNICA

**Apresentação:** Débora Almada, Júnio Nogueira e Natália Oliveira

**Produção:** Marcela Valladares, Mariana Cardoso e Matheus Andrade

**Edição:** Débora Almada, Glória Maria Baltazar e Mariana Müller

**Câmeras:** Douglas Ribeiro, Glória Maria Baltazar, Luciany Oliveira e Victor Silva

**Divulgação:** Laura Santos, Layrha Moura e Vanessa Ferreira

**Apoio técnico imagens e edição:** Gildo Leonel e Rodrigo Paschoalino



## Tuca Prazeres e Toninho Maria, Gil Horta e Palhaço Trombetinha

Esse programa contou um pouco da história do casal de jornalistas Tuca Prazeres e Toninho Maria, do ex-cirurgião Gil Horta e do palhaço Trombetinha.

Sem toda a maquiagem, roupas e encenação, o palhaço Trombetinha é Cláudio Belmiro Trombini. E, de Cláudio até Trombetinha, havia muita história. Ele começou a narrativa dizendo ser natural de São João Nepomuceno. Com oito anos se mudou para o Rio de Janeiro e, como sua família era pobre, foi trabalhar em uma funerária para aumentar a renda familiar.

Algum tempo depois, mudou-se para São Paulo, onde trabalhou durante 15 anos como office-boy de um escritório de advocacia. Durante os anos que morou na cidade paulista, Cláudio começou a fazer teatro amador.

Vindo de uma família de músicos, Cláudio acreditava que esse fato colaborou bastante para a criação do personagem Trombetinha.

Ele se tornou ator e atuou em vários espetáculos em São Paulo. Quando finalmente se mudou para Juiz de Fora, Cláudio viu um anúncio em que o Palhaço Fuzil convidava pessoas para trabalhar com ele. Dias após ter começado, Fuzil sugeriu que Cláudio se tornasse palhaço. A ideia foi aceita e ele se tornou o palhaço Trombeta.

Entretanto, Fuzil sugeriu que mudasse o nome para Trombetinha. Novamente, Cláudio seguiu o conselho. Os dois decidiram formar uma dupla, mas após algum tempo, Cláudio optou por seguir carreira solo. Ele contou que o que o motivava a seguir na profissão era conseguir um sorriso de alguém.

A conversa com a jornalista Tuca Prazeres começou com seu relato sobre o porquê de ter cursado Jornalismo. Segundo ela, uma vizinha sabia do seu gosto pela leitura e lhe sugeriu o curso. Ela ingressou na faculdade em 1969, no período da Ditadura Militar. Ela disse que sua turma foi uma das primeiras a serem alocadas para o campus da UFJF, visto que nesse espaço as turmas ficavam separadas e não tinham a chance de trocar ideologias ou se organizar politicamente. O campus estava em construção e as obras foram apressadas para que os alunos pudessem estudar.

Graduada, Tuca atuou no jornal Diário Mercantil. Quando ingressou no jornal, Toninho já era repórter fotográfico e, por questão de afinidade, os dois sempre cobriam as pautas juntos, até que resolveram deixar de serem meros amigos e se tornarem um casal.

Sobre sua história, Toninho revelou que seu amor pela fotografia começou com o Foto Mazzei, um especialista em casamento, com quem aprendeu a fotografar. Após 15 anos fotografando fora de um jornal, Toninho entrou para o Diário Mercantil, em 1970. Ficou 13 anos nesse emprego, deixando-o somente quando o referido órgão de imprensa fechou.

A partir de então, trabalhou para diversos veículos de comunicação, tais como: Jornal do Brasil, O Globo, todos os jornais de Belo Horizonte e terminou sua carreira no Diário Regional.

Além de terem trabalhado juntos no Diário Mercantil, o casal também atuou junto em um estúdio de fotografia, o qual durou mais de 20 anos.



Juntos há 30 anos, Tuca e Toninho se orgulhavam de cada um ter a sua vida e acreditavam ser esse o segredo dessa união duradoura.

A história de Gil Horta foi contada por seu filho, o aposentado Guilherme Dutra Horta. O aposentado disse que o primeiro emprego de Gil foi na Santa Casa de Misericórdia, juntamente com o Doutor João Vilaça. Mas, depois de algum tempo, optou por seguir sozinho e se especializou em ginecologia.

De acordo com Guilherme, o pai também se tornou obstetra e somente optava por fazer cesarianas quando todas as possibilidades de conseguir um parto normal se esgotavam. Ele ainda acrescentou que os amigos de Gil diziam que ele xingava todos que trabalhavam ao seu redor o tempo todo. O comportamento se modificava somente com os clientes.

Além disso, o médico também era conhecido por atender a todos que necessitavam de seus cuidados, não importando a classe social, se teriam dinheiro para pagá-lo ou não.

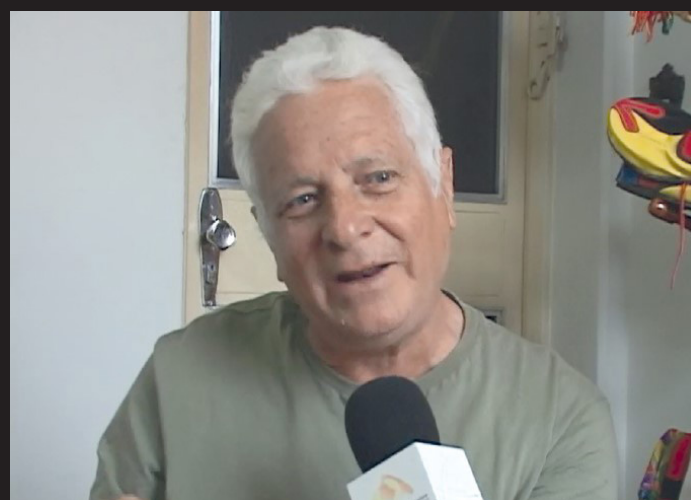
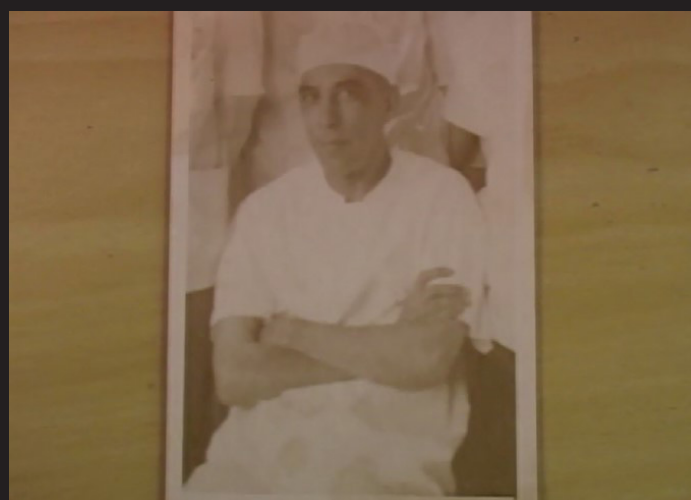
Muito dedicado ao trabalho, Gil não tinha tempo para a família ou para o lazer. Mas tinha duas paixões: torcer pelo Tupi e pelo Fluminense.

Segundo Guilherme, antes de falecer, o médico havia sido reeleito presidente do Conselho Deliberativo do Tupi.

Nenhum dos cinco filhos e dos netos do médico seguiu os passos do patriarca dentro da Medicina.

Gil Horta faleceu aos 46 anos e, em seu enterro, houve uma grande comoção, visto que vários de seus pacientes e amigos queriam dizer um último adeus.





#### FICHA TÉCNICA

**Apresentação:** Matheus Sampaio, Natália Oliveira e Yuri Fernandes

**Produção:** Júlia Horta, Lívia Honório e Rômulo Heleno

**Edição:** Matheus Sampaio e Mariana Müller

**Câmeras:** Douglas Ribeiro e Maristela Rosa

**Divulgação:** Layrha Mora, Laura Santos e Vanessa Ferreira

**Apoio técnico imagens e edição:** Gildo Leonel e Rodrigo Paschoalino

## Gráficas de Juiz de Fora, Luiz Gamonal e Joãozinho da Percussão

O Mosaico 92 visitou as gráficas de Juiz de Fora e entrevistou o cantor Luiz Gamonal e o músico Joãozinho da Percussão.

Na entrevista com Joãozinho, ele disse que seu gosto pela música começou quando tinha cinco anos e assistia aos ensaios da banda de seu tio. O grupo tocava na igreja do Bairro São Mateus e, naquele tempo, Joãozinho aprendeu a tocar bateria e a ser ritmista graças ao incentivo e apoio do tio, o qual o percussionista considerava um mentor.

Ele ainda afirmou que, dentre os momentos mais marcantes de sua carreira estava: sua participação no primeiro Rock in Rio, ao lado de Pepeu Gomes e Baby Brasil; a gravação com Jorge Ben Jor, na Inglaterra; e ter trabalhado com Benito de Paula.

Joãozinho consolidou sua carreira não somente no Brasil. Países como Alemanha e Itália conheceram seu talento em uma turnê promovida em 2001.

Seu nome verdadeiro é João Baptista Pereira. Sobre o nome artístico, “Joãozinho da Percussão”, ele disse não saber de onde tinha vindo. Mas, antes do apelido, o músico já era conhecido como “Batistinha do Pandeiro”, “Batista do Bangô” e “Batistinha do Bangô”.

Joãozinho disse não saber o que seria de sua vida sem música, pois lembra pensando nela e a respira o tempo todo.

Ao visitar as gráficas da cidade, o Mosaico descobriu que a Gráfica Brasília era uma das mais antigas de Juiz de Fora e, no período em que o

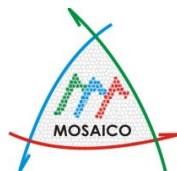
programa foi gravado, ainda conservava seu maquinário antigo. O gerente da gráfica, José Tomás de Almeida, trabalhava nesse ramo desde 1952 e contou um pouco de sua história.

Ele revelou que a Gráfica Brasília foi fundada a partir de outra que estava desativada. O gerente ainda ressaltou que a digitalização das notas fiscais foi prejudicial para o estabelecimento, já que mais de 50% do lucro obtido advinha da confecção dessas notas.

Outra gráfica antiga na cidade era a Laura Vicuna. De acordo com o sócio-gerente do local, Valdir Santos, o nome adveio de uma santa que vivia no Chile. Depois de 26 anos trabalhando como empregado, Valdir comprou a gráfica e homenageou a santa. Ele disse sentir falta do tempo em que havia muito trabalho, pois todo mundo dependia das gráficas.

A história da gráfica Renk também foi contada. De acordo com a sócia gerente Aline Fabiana Renk, a gráfica surgiu a partir de outra que havia fechado. A princípio, o estabelecimento trabalhava com plotagens técnicas para Engenharia e Arquitetura. No entanto, surgiu a necessidade de adequar a gráfica para atender outros serviços, como impressões rápidas (o diferencial é entregar rápido o serviço solicitado), comunicação visual e confecção de banners.

Aline salientou que, quando a empresa foi aberta, esse segmento era majoritariamente masculino. Contudo, a receptividade e aceitação dos clientes foram rápidas e muitos até preferiam que o



trabalho fosse feito por mulheres, porque, segundo Aline, o trabalho era mais caprichado.

Já na entrevista com Luiz Gamonal, o cantor revelou que começara em 1994 e logo já estava se apresentando. O espaço de tempo em que começou a cantar e se apresentar profissionalmente foi tão curto que seus pais nem sabiam que ele gostava de cantar. Só descobriram quando começou a se apresentar. E o apoio foi incondicional à sua decisão.

Gamonal ainda afirmou que a música foi a última arte a entrar em sua vida, pois já foi ator, sabia fazer esculturas e desenhava.

Ele ressaltou que somente após algumas apresentações é que começou a fazer aulas de canto. Fez cursos para aprimoramento em São Paulo e na Europa.

No início, Luiz disse ter tentado cantar música popular. Mas, como as pessoas não gostavam do resultado, ele resolveu parar. Voltou em 2013, quando decidiu fazer um crossover (mistura) de música popular cantada por uma voz lírica.

O cantor disse ter passado por uma grande mudança de vida por volta de seus vinte e poucos anos, pois era web designer e decidiu largar a profissão para se dedicar e viver de música.

Ele também era compositor e revelou que todas as músicas que já havia composto eram românticas e que sua musa era a sua esposa.



#### FICHA TÉCNICA

**Apresentação:** Luana Alencar, Michele Ferreira e Tainá Voltas

**Produção:** Ludmila Azevedo, Márcio Niheus, Matheus Andrade e Thaiza Gribel

**Edição:** Débora Almada, Glória Maria Baltazar, Luana Alencar e Mariana Müller

**Câmeras:** Ingridy Castro, Luciany Oliveira e Victor Silva

**Divulgação:** Layrha Moura, Laura Santos e Vanessa Ferreira



## Alexandre Silveira, Fundação Machado Sobrinho e Andréa Andrade

Esse programa foi sobre o fundador do Zine Cultural, Alexandre Silveira, a Fundação Machado Sobrinho e a jornalista Andréa Andrade.

Andréa contou que antes de se tornar jornalista já desempenhara várias funções, tais como: manipular fantoches, ser atriz de teatro, figurante em novela da Rede Globo, foi bailarina, modelo e atuou no cinema. Ela também ingressou na faculdade de Arquitetura, mas, um dia, um professor do Instituto de Artes e Design (IAD) lhe disse que estava no lugar errado, pois deveria estar na faculdade de Comunicação. Sem hesitar, Andréa seguiu o conselho e mudou de curso.

Logo que saiu da Faculdade, ela já conseguiu emprego e trabalhou em lugares como Globo e SBT. Andréa citou alguns dos momentos mais marcantes de sua carreira, como quando foi enviada para fazer uma matéria em Paris; quando entrevistou um menino de 12 anos que nunca tinha comido frango; e quando entrevistou outro garoto que morava num local invadido e que sonhava ter uma casinha de tijolos. Quando a família ganhou a casa, Andréa relatou que eles enlouqueceram de tanta felicidade.

Quem contou um pouco mais sobre a história da Fundação Machado Sobrinho foi o bisneto de Machado, Hélio Noronha Filho, que revelou que o bisavô fora jornalista, tendo fundado o jornal “O Correio” (no Rio de Janeiro), onde trabalhou durante algum tempo. Ele também foi poeta e escritor.

O Colégio Machado Sobrinho foi fundado em 1909 e, no princípio, chamava-se Lucindo Filho. Em 1912, começou a funcionar o Instituto

Comercial Mineiro. Na década de 1940, o Instituto se transformou na Escola Técnica de Comércio Machado Sobrinho e, posteriormente, em 1961, tornou-se a Fundação Educacional Machado Sobrinho.

Além de ser bisneto do fundador, Hélio revelou ter estudado na Fundação, o que tornava seu amor pela instituição ainda maior. A partir da década de 1980, ele começou a trabalhar no local. Quando o programa foi gravado, ele havia se tornado o coordenador do Centro Memorial Machadense, que era responsável pela parte de preservação histórica do colégio.

E não é só em tradição que o Machado é conhecido. Durante muito tempo, em comemoração ao Sete de Setembro, ele desfilou na Fanfara do Machado Sobrinho. Hélio contou que o período áureo da Fanfara foi da década de 1970 à década de 1990. Os ensaios duravam três meses e eram feitos na quadra da escola. Mas, em algumas ocasiões, principalmente às quintas e sextas-feiras, os alunos saíam do colégio e iam ensaiar na Rua Tiradentes, a fim de melhorar a formação da equipe.

O colégio possuía uma empresa júnior, a Machado Sobrinho Consultoria Integrada (Masci). Fundada em 1990, ela se constituía como a primeira empresa júnior de Minas e a terceira do Brasil, e tinha como objetivo oferecer serviços de consultoria administrativa e contábil e na área de Engenharia de Produção. Segundo Hélio, os serviços eram oferecidos gratuitamente.





O diretor teatral Trajano Amaral disse que, no teatro do Machado Sobrinho, funcionou durante dois anos um curso de formação de atores, o qual atendia tanto aos alunos da instituição quanto à população no geral. A iniciativa de criar o curso surgiu da necessidade de formar, em Juiz de Fora, atores profissionais que pudessem trabalhar em teatro, cinema e outros meios. A parceria com a escola foi estabelecida e o curso foi viabilizado.

Outro diferencial da fundação é a Faculdade Machado Sobrinho, que funciona no bairro Cruzeiro do Sul. O professor José Luiz Botti contou que quem idealizou a construção da Faculdade e a tornou viável foi o professor Fernando de Paiva Matos. Entre os cursos oferecidos pela Faculdade estão o de Administração e o de Engenharia de Produção.

Na entrevista com o empresário Alexandre Silveira, ele contou ser natural de Juiz de Fora e formado em Psicologia. A graduação nesse curso veio a partir da necessidade que sentia de se tornar um melhor ouvinte, pois era muito comunicativo e falava mais do que ouvia.

Sua ideia para criar o Zine Cultural surgiu a partir de um outdoor que vira em um posto de gasolina, na beira da estrada, em que havia informação sobre os shows e atividades que seriam promovidas na cidade onde ele estava. Logo, pensou que era esse tipo de conteúdo que precisava ser levado para o meio digital.

O nome “Zine” é um diminutivo da palavra em inglês magazine, que significa “revista”. Esse diminutivo começou a ser associado para denominar as fanzines, revistas produzidas artesanalmente por grupos que eram fãs de alguma banda ou de outra produção artística e cultural. Como Alexandre tinha

o intuito de criar algo independente, resolveu juntar os dois nomes e formar o “Zine Cultural”.

Com o passar do tempo, o Zine foi se adequando aos avanços da sociedade e passou a produzir conteúdo não só para internet, mas passou a abranger as rádios, as televisões os jornais impressos.

Ele explicou, ainda, que a primeira logo do Zine era um ZC, simbolizando o nome da empresa, mas não teve grande adesão entre a população. Quando a nova logo foi criada – redonda, com letras brancas e fundo vermelho – essa identificação veio e as pessoas começaram a tirar fotos com a logo nas festas e eventos, popularizando ainda mais a empresa.



#### FICHA TÉCNICA

**Apresentação:** Débora Almada, Caio Zóia e Michele Ferreira

**Produção:** Letícia Santos, Ludmila Azevedo e Thales Rodrigues

**Edição:** Débora Almada, Júnio Nogueira, Mariana Müller, Matheus Sampaio e Natália Oliveira

**Câmeras:** Douglas Ribeiro, Ingridy Castro, Luciany Oliveira, Maristela Rosa e Yuri Fernandes

**Divulgação:** Laura Santos, Layrha Moura e Vanessa Ferreira

**Vinheta:** Davi Ferreira

**Apoio técnico imagens e edição:** Gildo Leonel e Rodrigo Paschoalino



## Labibe Simão, Cacá Salermo e Maria José Baeta Reis

O programa 94 foi uma homenagem à figurinista Labibe Simão, ao colunista Cacá Salermo e à fundadora da Ascomcer Maria José Baeta Reis.

A primeira história contada foi a de Maria José, que nasceu em Rio Pomba, em 1906, e se mudou para Juiz de Fora aos 14 anos, acompanhada de sua mãe e de dois irmãos.

O seu filho, José Pedro Reis, disse que a mãe era autodidata e entendia grego e alemão mesmo sem ter terminado o segundo grau. Ela se casou, teve três filhos, mas logo se separou. Assim, exerceu os papéis de mãe e pai para seus rebentos, além de ter colocado os jovens para trabalhar cedo, a fim de ajudarem na renda familiar.

Foi a partir da iniciativa de Maria José, em 1957, que foi criada a Associação Feminina de Combate ao Câncer, obra filantrópica responsável pela conscientização e tratamento do câncer em Juiz de Fora. Um dia, ela comunicou aos filhos que auxiliaria uma senhora, para que ela tivesse uma morte mais humana. Apesar de não ser enfermeira nem médica, ela cuidou dessa senhora, que todo dia ia até a casa de Maria.

O filho de Maria ainda destacou que o sonho da mãe sempre fora ter um hospital e, quando a Ascomcer foi fundada, ele agradeceu ao presidente e às voluntárias da fundação, pois se tratava da frutificação do sonho de sua mãe.

A nora de Maria, Edith Maria Reis, afirmou ter conhecido a matriarca da família pouco antes de seu casamento, quando veio morar em Juiz de Fora. O fato que marcou Edith em sua chegada à

cidade foi o acolhimento da sogra, a quem considerava como uma mãe. Edith ressaltou que um dos passatempos de Maria era levar os netos para passear nas Lojas Americanas.

O voluntário Italo da Silva Barbeiro salientou que nunca conhecera ninguém com a abnegação característica de Maria. Ele disse que Maria não gostava de aparecer e somente queria ajudar os doentes. O trabalho com os enfermos era feito na própria residência de Maria, até que ela conseguiu uma parceria com a Sociedade São Vicente de Paula. Entretanto, precisaram se mudar e foram para a Fundação João de Freitas. Ele disse que o legado de Maria José foi ensinar para todos os que com ela conviveram que o amor pelo próximo deveria vir em primeiro lugar.

Na sequência do programa, o jornalista José Oscar Salermo, mais conhecido como Cacá Salermo, contou que o apelido foi criado por sua avó, quando ele ainda era criança. No momento em que iniciou sua carreira, resolveu torná-lo seu nome profissional.

Natural de Visconde do Rio Branco, Minas Gerais, Cacá disse ter tido a infância perfeita: morava em uma casa com uma área muito grande, onde cultivavam legumes e frutas e tinham vários animais de estimação.

Ele se mudou para Juiz de Fora em 1986, para prestar concurso para o Banco do Brasil. Já conhecia algumas pessoas na cidade e ficou maravilhado quando chegou. No fim, não prestou o concurso. Arrumou emprego como vendedor de consórcio para se manter na cidade. Em 1990, uma jornalista de Ubá o convidou para escrever uma coluna social.



Ele aceitou e, a partir de então, começou a carreira como jornalista.

Cacá chegou a ir para a França, onde trabalhou como promotor de uma casa noturna. Quando retornou, trabalhou com o César Romero e, mais tarde, criou seu próprio site, uma coluna social eletrônica. O jornalista também trabalhou em rádio e no jornal impresso.

Por último, o programa abordou a história da figurinista Labibe Simão, que relatou ser natural de Juiz de Fora e que seu amor pela sua profissão surgiu quando fazia teatro e se interessou em fazer os figurinos dos personagens. Começou a cursar Psicologia, mas não concluiu a graduação. Optou, então, por fazer Moda, no Rio Janeiro, ao mesmo tempo em que mantinha uma loja em Juiz de Fora. Começou a fazer Cinema e foi para a área de figurino.

Sua primeira assinatura de figurino aconteceu em 2004, na novela “Cabocla”. Naquele mesmo ano, participou também da novela “Malhação”. Depois disso, não parou mais. Fez filmes, novelas como “Esperança”, “Mulheres Apaixonadas”, “Presença de Anita”, “O Astro”, “Amor à Vida”, “Gabriela”, entre outras.

Mesmo trabalhando no Rio de Janeiro, Labibe tinha um projeto em Juiz de Fora, junto com o irmão Antônio. Eles eram sócios na Done Produtora, a qual promovia eventos como o “É Festa”, o “Fashion Days” e o “Comida Di Buteco”.

Seus planos para o futuro incluíam continuar se aprimorando, como pessoa e como profissional, a fim de ser melhor a cada dia.



#### FICHA TÉCNICA

**Apresentação:** Mariana Müller, Matheus Sampaio e Tainá Voltas

**Produção:** Isabela Paiva, Júlia Horta e Mariana Cardoso

**Edição:** Débora Almada, Natália Oliveira, Marcela Valladares, Mariana Müller e Matheus Fernandes

**Câmeras:** Douglas Ribeiro, Ingridy Castro, Luciany Oliveira e Yuri Fernandes

**Divulgação:** Henrique Tavares, Laura Santos, Layrha Moura e Vanessa Ferreira

**Vinheta:** Davi Ferreira

**Apoio técnico imagens e edição:** Gildo Leonel e Rodrigo Paschoalino





## Paulo Medina, Júlio Gasparette e Moda em Juiz de Fora

O programa foi sobre o advogado Paulo Medina, o político Júlio Gasparette e a moda em Juiz de Fora.

A cidade, historicamente, destacava-se pelas grandes malharias. E é dessa tradição que o mercado de moda se mantém. Um exemplo disso é a estilista Aline Firjam, responsável por promover grandes eventos de moda em Juiz de Fora. Um desses eventos é o Guest Fashion, produzido pela FWorks Produtora. Ela disse que a ideia de criar o evento surgiu quando viajou para São Paulo e viu que alguns hotéis participavam de um evento em que vendiam produtos apenas por atacado. Logo quis trazer a ideia para Juiz de Fora, com uma pequena diferença: as vendas seriam feitas diretamente para o consumidor final. O primeiro Guest Fashion ocorreu em 2006.

A estilista Roberta Brandão, que possuía um ateliê para confeccionar suas peças e uma loja, disse que o juiz-forano já estava acostumado com o calendário anual da moda, no qual duas coleções eram liberadas (outono-inverno e primavera-verão), e já ficavam atentos para as novidades que estariam nas vitrines da loja.

Já a empresária Patrícia Alvim possui uma agência de modelos que leva seu nome. Ela disse que o fato de a moda estar globalizada a torna homogênea e viável para todo mundo. Ela mesma contou que, há alguns anos, quando se viajava para fora do país e se adquiria um artigo de moda, você retornava para casa e as pessoas ficavam deslumbradas, achando aquele artigo uma “coisa de outro mundo”.

Na entrevista com Paulo Roberto Medina, ele contou que viera para Juiz de Fora em 1955, para estudar no Instituto Granbery, tendo prestado vestibular para Direito em 1958, quando a faculdade ainda era no espaço em que hoje funciona o Fórum da Cultura. Dez anos depois, em 1968, Paulo se tornou professor do curso de Direito, onde trabalhou até agosto de 1971, quando se aposentou. Ele disse que esse fato foi o início da realização de um sonho, e que a influência para a escolha da advocacia foi o livro “Rui, pequena história sobre uma grande vida”, de Cecília Meireles. A história narrada era sobre Rui Barbosa, o patrono dos advogados no Brasil.

Após ter se aposentado, recebeu o título de professor emérito. O seu sogro, professor Borges Moacyr de Mattos, foi o primeiro reitor da UFJF, diretor da Faculdade de Direito e uma fonte de inspiração. Ele também exerceu essa função e foi presidente do diretório acadêmico Benjamin Colucci, da Faculdade de Direito.

O ex-vereador Júlio Gasparette contou que decidiu ingressar na política quando, por volta de 1985, o Doutor Nery Mendonça e o Doutor Alana o aconselharam a se candidatar a prefeito de Juiz de Fora. Ele disputou uma convenção do partido, por volta de 1991, para a eleição de 1997. Mas perdeu a eleição por um voto.

Antes de se tornar político, Júlio era empresário. Trabalhou nesse ramo até 1990, quando decidiu se dedicar totalmente à vida política.

Uma paixão de Júlio é o futebol. Na adolescência, ele foi jogador do Sport Clube, à convite de



Geraldo Vieira, mais conhecido como Seu Futrica. Começou no time infantil e se tornou jogador profissional do time, tendo sido campeão juvenil e amador. Ele ressaltou que ascendeu de jogador a presidente-interino do clube, pois houve um problema com a diretoria do Sport e o convidaram para ocupar a presidência. Em seguida, foi feita uma nova eleição para a presidência e Júlio foi eleito.

Ele entrou no mundo dos negócios porque seus pais acreditavam que o futebol não lhe garantiria um bom futuro. Assim, fizeram com que Júlio aprendesse a profissão de mecânico. Mais tarde, tornou-se presidente do Sindicato da Categoria Econômica Metalúrgica.



#### FICHA TÉCNICA

**Apresentação:** Luciany Oliveira, Vanessa Ferreira e Yuri Fernandes

**Produção:** Livia Honório, Márcio Niheus e Thaiza Gribel

**Edição:** Débora Almada e Matheus Sampaio

**Câmeras:** Ingridy Castro, Luciany Oliveira, Maristela Rosa e Victor Silva

**Divulgação:** Henrique Perissinotto, Laura Santos, Layrha Moura e Vanessa Ferreira

**Apoio técnico imagens e edição:** Gildo Leonel e Rodrigo Paschoalino



## Álvaro Americano, Xico Teixeira e Mirantes de Juiz de Fora

O programa Mosaico de número 96 homenageou o professor Álvaro Americano, o jornalista Xico Teixeira e contou um pouco mais sobre os mirantes de Juiz de Fora.

O arquiteto Marcos Olender contou a história do Morro do Cristo. Ele disse que o imperador veio a Juiz de Fora em 1862 e um dos lugares que visitou foi o Morro do Imperador, onde fez um piquenique com sua família.

Como já mencionado, o local se chamava Morro do Imperador, mas devido à construção da capela, passou a se chamar Morro do Cristo.

Marcos afirmou que a construção do cruzeiro era o grande sonho do empresário Francisco Batista de Oliveira. Contudo, ele faleceu em 1902 sem alcançar seu intento. A família de Francisco resolveu viabilizar esse sonho, contatando Pantaleone Arcuri, que, em vez de construir o cruzeiro, fez uma capela com o Cristo Redentor em cima, tornando-se, segundo Marcos, o primeiro lugar do Brasil a ter a estátua do Cristo.

A artesã Vanessa Rinaldi possuía um pequeno comércio no local e relatou que, na infância, seus pais a levavam para brincar no morro e que manteve essa mesma tradição com seus filhos.

Outro mirante apresentado no programa foi o do Bairro São Bernardo. A comerciante Rose Mary Leopoldo Azalim contou que havia a história de que Bernardo Mascarenhas construía a capelinha para vigiar sua fábrica. Antes dessa construção, no local havia um cruzeiro. Ela revelou ter feito sua primeira

comunhão nessa capela e atuado como catequista anos depois.

O mirante do Bairro Eldorado também foi mostrado. Desse lugar era possível ver o próprio bairro, a Zona Norte da cidade e a Mata do Krambeck, a qual, de acordo com o professor Theodoro Guerra, constituía-se como a maior área de floresta tropical em território urbano do mundo.

Na entrevista com o professor Álvaro, ele contou que optara por cursar Comunicação Social, uma vez que sempre gostara muito de ler, assistir jornal e da parte de produção jornalística. Ele achava que lidar com o texto e a imagem era um desafio e seria interessante para ele exercer essa profissão.

Ele começou a trabalhar antes mesmo de se formar. Atuou durante cinco anos na Rede Globo local, como repórter cinematográfico. Trabalhou na extinta TV Tiradentes, no jornal Tribuna de Minas e também no rádio.

Mesmo não pensando em retornar à Faculdade de Comunicação, Álvaro descobriu o amor pelo magistério e decidiu investir seu tempo e dedicação para se tornar professor. Ele foi coordenador da Faculdade de Comunicação (Facom) da UFJF e participou da criação do curso noturno de Comunicação Social.

Já o jornalista Francisco de Assis Couto Teixeira, mais conhecido como Xico Teixeira, nasceu em Juiz de Fora. Filho de Mozart Teixeira, que dá nome ao Hospital de Pronto Socorro (HPS) de Juiz de Fora, ele disse ter muito orgulho do pai, que foi um dos primeiros médicos cardiologistas da



cidade e deixou um grande legado de dedicação e amor ao próximo.

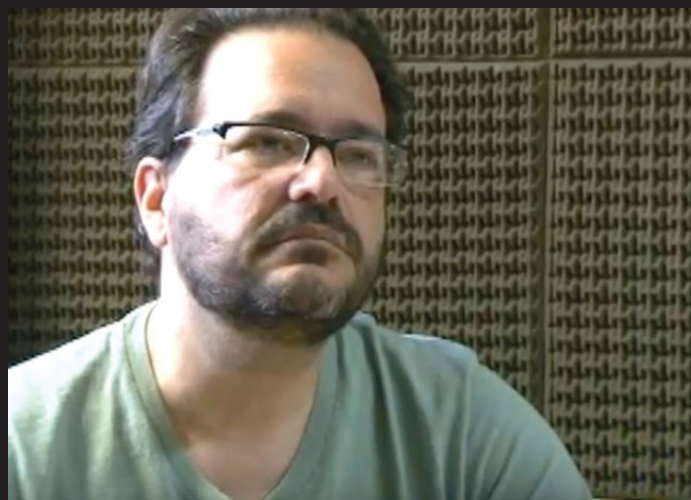
Uma das paixões de Xico era a música, sem a qual ele disse não conseguir viver. Outra paixão era o Botafogo. Ele disse que escolheu ser jornalista porque havia feito teatro amador, mas não teve coragem de seguir nesse ramo. Procurou, então, por alguma área que tivesse afinidade com o teatro e encontrou o jornalismo.

Xico destacou que, quando começou a estudar, o Jornalismo era um departamento da Faculdade de Direito da UFJF e acrescentou que a luta para que esse departamento se tornasse um curso independente foi grande.

Ele foi um dos responsáveis pela criação do Diretório Acadêmico Wladimir Herzog (DAWN) da Facom, e salientou que fora fundado em 1974, em um período em que todos os Diretórios Acadêmicos haviam sido fechados.

Entre os meios de comunicação onde trabalhou estavam o jornal Diário da Tarde, a Rádio Nacional, a Rádio Jornal do Brasil e a extinta TV Manchete.





#### FICHA TÉCNICA

**Apresentação:** Mariana Müller, Matheus Sampaio e Tainá Voltas

**Produção:** Isabela Paiva, Júlia Horta e Mariana Cardoso

**Edição:** Débora Almada, Natália Oliveira, Marcela Valladares, Mariana Müller e Matheus Fernandes

**Câmeras:** Douglas Ribeiro, Ingridy Castro, Luciany Oliveira e Yuri Fernandes

**Divulgação:** Henrique Tavares, Laura Santos, Layrha Moura e Vanessa Ferreira

**Apoio técnico imagens e edição:** Gildo Leonel e Rodrigo Paschoalino



## Espacial José Luiz Ribeiro

O programa 97 foi um especial que homenageou o jornalista, ator, dramaturgo, professor, marido e pai José Luiz Ribeiro, que comemorava, em 2013, 50 anos de teatro.

José Luiz se formou em Jornalismo e se tornou professor da Faculdade de Comunicação (Facom) da UFJF, constituindo-se como uma referência no meio teatral do país.

De acordo com a atriz e professora Marcinha Falabella, José possuía uma cultura geral e teatral como ela nunca vira antes, o que a impressionava muito.

Ela estava ao lado dele há 27 anos. Nesse tempo todo, Marcinha contou que primeiro o via como um mito. Com o passar dos anos, o mito se tornou um amigo e, naquele momento, ela o via como uma mãe. Ela ainda relatou que José era conhecido por ser uma pessoa difícil de lidar. Entretanto, ela negou tal afirmação, dizendo que, para conviver bem com ele, era preciso sempre prezar a franqueza, pois essa era uma das características principais dele.

Marcinha ainda relatou que, quando ia contracenar com pessoas novatas, sentia-se um pouco insegura, pois eles poderiam errar e não saber contrapor esse erro. Contudo, quando além dela e dos novatos estava o José Luiz, sentia segurança e sabia que todos conseguiriam apresentar um ótimo espetáculo, pois, em qualquer eventualidade, José estaria ali para resolver.

Porém, a caminhada dele não se restringia aos palcos. Ele também era apaixonado por ministrar aulas e pela Comunicação.

O professor Adilson Zappa disse que a sua história com José Luiz e com a Facom se fundiam,

pois, quando ele ingressou na Faculdade de Direito, em 1966, José já estudava lá e, então, eles lutaram juntos para que fosse criada uma Faculdade de Comunicação, o que se concretizou em 1990.

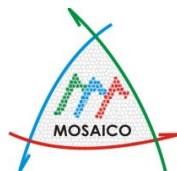
A jornalista Josianne Matozinho contou que José Luiz foi um de seus primeiros professores na Facom. A jornalista disse que ele ensinava sobre tudo, tinha uma dinâmica de aula que motivava os alunos a quererem estar em sala de aula aprendendo. Depois de ter sido sua aluna, Josianne comentou nunca mais ter assistido uma matéria em um telejornal da mesma forma, pois José motivava os alunos a terem um olhar aguçado sobre a maneira como as matérias eram produzidas.

O professor universitário Ricardo Bedendo falou que conheceu José Luiz através da amizade que construiu com o filho dele, o Frederico. E quando ingressou como professor da UFJF, Ricardo assumiu o que disse ter sido uma grande responsabilidade ao dividir o ambiente acadêmico com José.

Parceira de José Luiz na vida e nos palcos há mais de 40 anos, Maria Lúcia Ribeiro revelou que, em casa, o esposo era o mais perfeito dono de casa. Disposto a fazer de tudo para contribuir, fosse nos afazeres domésticos, fosse para cuidar de algum enfermo, sempre estava com um sorriso no rosto.

Maria Lúcia revelou que o momento mais marcante de sua vida com José Luiz foi o nascimento dos filhos, que são dois: Tarsila, em homenagem à Tarsila do Amaral, e Frederico, por causa do dramaturgo e poeta espanhol Frederico Garcia Lorca.

O filho do casal, Frederico Rocha Ribeiro, afirmou que José Luiz era o melhor pai que ele



poderia ter, e que o trabalho de José com o Grupo Divulgação era o mesmo feito com a família, prezando sempre pelo amor e união entre todos.

A assistente social Maiara Batista contou que se mudou para Juiz de Fora por causa do Grupo Divulgação, pois seu sonho era fazer parte dessa família. Ela afirmou que, certa vez, depois de ter ingressado no grupo, uma apresentação em Bicas a marcou e mostrou o lado humano de José Luiz. Ela havia queimado o braço durante uma cena em que precisava acender um incenso. Apesar do susto, o show continuou e Maiara disse que foi a melhor apresentação da peça naquela temporada, e que, de madrugada, José a levou para o hospital e lhe comprou todos os remédios necessários.

E, para comemorar a trajetória desse personagem, foi organizado o livro “José Luiz Ribeiro – 50 anos de teatro”, por Iêda Alcântara, ex-membro do Grupo Divulgação e engenheira.

A engenheira revelou que a ideia de organizar o livro surgiu quando José Luiz estava para se aposentar do magistério. Iêda percebeu, então, que era necessário registrar toda a contribuição que ele dera para a sociedade ao longo dos anos.

O professor e escritor Rodrigo Fonseca Barbosa foi convidado por Iêda para escrever o texto sobre a vida de José Luiz e afirmou que, com todo o talento do ator, ele poderia ter feito muito sucesso se saísse de Juiz de Fora. Entretanto, José preferiu ficar e lutar pelo teatro local.



#### FICHA TÉCNICA

**Apresentação:** Michele Ferreira

**Produção:** Caio Zóia, Matheus Bertolini, Ruth Gonçalves, Michele Ferreira e Yuri Fernandes

**Edição:** Júnio Nogueira, Natália Oliveira, Mariana Müller, Matheus Sampaio e Yuri Fernandes

**Câmeras:** Caio Zóia, Luciany Oliveira e Yuri Fernandes

**Divulgação:** Henrique Perissinotto, Laura Santos, Layrha Moura e Vanessa Ferreira

**Apoio técnico imagens e edição:** Gildo Leonel e Rodrigo Paschoalino



## Murilo Hingel e Padre Wilson Vale da Costa

Esse programa foi sobre o ex-professor da UFJF e ex-ministro da educação, Murilo Hingel, e sobre um grande comunicador de Juiz de Fora, o Padre Wilson Vale da Costa.

Padre Wilson começou sua vida religiosa no Seminário Santo Antônio e conquistava todos com seu carisma e bondade. Até mesmo quem não conviveu com ele por muito tempo guardava uma lembrança especial do padre.

Uma dessas pessoas era a sobrinha do padre Wilson, Heloísa Costa. Ela contou que o padre era muito próximo da família e que vários ensinamentos que os membros da família aprenderam foram passados pelo padre. Além disso, Heloísa disse que, quando pequeno, com apenas quatro anos, o menino Wilson já reunia os animais da fazenda de sua avó e celebrava missa para eles.

Após as celebrações das missas, Heloísa afirmou que o padre tinha o costume de ir jogar futebol com seus amigos sacerdotes. Eles atuavam no time Volante e jogavam de batina mesmo.

De acordo com Monsenhor Hernani de Oliveira, Padre Wilson ingressou no Seminário Santo Antônio em 1939, e eles se tornaram amigos desde o primeiro ano em que se conheceram. Eles foram ordenados padres no mesmo dia, em 8 de dezembro de 1948. No ano seguinte, os amigos reabriram o seminário, que estava fechado para reforma e limpeza. Wilson foi o primeiro reitor do local.

Monsenhor Hernani ainda contou que Padre Wilson tinha uma relação muito próxima com os taxistas e que, certa vez, comprou um táxi e o entre-

gou para que um homem humilde pudesse trabalhar como taxista.

E não era somente no Seminário que Wilson se destacava. O padre também desempenhou um importante papel no Exército. Segundo o ex-diretor da Rádio PRB-3, Mário Manzolilo, Wilson saiu do seminário para ser capelão do 2º Batalhão. Ele ganhou a patente de capitão e se destacou perante os demais capelães ao acompanhar uma força de paz que saiu de Juiz de Fora e foi para o Canal de Suéz, no Egito, quando mais um grande conflito se desenvolava no local.

Mário destacou que conheceu o padre quando ele rezava a Ave-Maria na PRB-3 e por causa do programa “Problemas da Vida”, lançado pelo próprio padre e que tinha grandes índices de audiência. A convivência entre ambos aumentou quando Mário recebeu a missão de reformular o departamento de rádio-teatro da PRB-3. Com isso, o padre procurou Mário, disponibilizando-se para escrever textos para a rádio.

Além de presenciar os ensaios, o padre sempre fazia um resumo, no início da rádio-novela, do que acontecera no capítulo anterior. Isso, segundo Mário, aumentava ainda mais a identidade que os ouvintes já tinham com o padre. A popularidade dele era tão grande que, quando ele chegava à rádio, várias pessoas o aguardavam para saudá-lo.

O sobrinho de Padre Wilson, Anderson Herédia, relatou que o enterro de seu tio foi um dos eventos mais comoventes de Juiz de Fora. O cortejo saiu da Catedral Metropolitana em direção ao Cemitério Municipal a pé. O número de pessoas





acompanhando foi tão grande que, enquanto o cortejo já havia chegado ao Cemitério, ainda havia uma multidão deixando a Catedral.

Já na conversa com Murilo Hingel, ele começou revelando não ser natural de Juiz de Fora, mas de Petrópolis. Entretanto, por ter se mudado para Juiz de Fora com apenas dois anos, considerava-se um verdadeiro juiz-forano, tendo sido homenageado como cidadão honorário da cidade. Ele revelou que, na infância, adorava brincar de amarelinha e jogar futebol na Rua Santa Rita, uma vez que não havia movimento de automóveis no local.

Quando ainda cursava o segundo grau, Murilo foi convidado pelo Padre Leopoldo Krieger para dar aulas no curso preparatório de admissão no Colégio Academia de Comércio. Foi nesse período que ele descobriu a vocação para ensinar e começou a trilhar os caminhos que o levaram a ser professor.

Em 1956, ele se tornou professor da Faculdade de Filosofia e Letras (Fafle) e, em 1964, tornou-se diretor da instituição que, nessa época, não tinha uma sede própria e funcionava no local onde atualmente é a Casa de Cultura da UFJF. Logo após ele ter se tornado diretor, conseguiram comprar a Casa de Cultura para ser a sede oficial da Fafle. Ele relatou, emocionado, que essa compra só foi possível porque todos os funcionários e professores se uniram e forneceram os recursos necessários.

Com a reforma na educação, em 1968, a Fafle deixou de existir e deu lugar para a Faculdade de Educação (Faced), que teve sua sede transferida para a UFJF. Ele contou que se tornou Ministro da Educação quando Itamar Franco assumiu a presidência do país, pois os dois haviam trabalhado juntos na época em que Itamar fora prefeito de Juiz de Fora. Murilo atuara na Secretaria de Educação.

Além de ter sido Ministro da Educação, foi Ministro dos Desportos, Secretário Estadual de Educação de Minas Gerais, Assessor Técnico do Ministério da Educação e membro do Conselho Nacional de Educação.

Murilo também recebeu vários títulos, entre eles o de cidadão honorário de Juiz de Fora, o de Professor Honorífico da UFJF e um diploma concedido pelo Primeiro Ministro Francês de Chevalier de Palmes Académiques – medalha instituída por Napoleão Bonaparte quando fora imperador da França.

Quanto à sua vida profissional, Murilo já havia se aposentado quando o programa foi gravado, mas nem por isso deixou de se interessar por Educação, leitura, cinema e música clássica.



#### FICHA TÉCNICA

**Apresentação:** Mariana Müller e Tainá Voltas

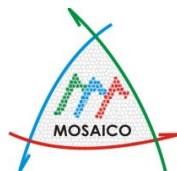
**Produção:** Júlia Horta e Yuri Fernandes

**Edição:** Júnio Nogueira, Marcela Valladares, Mariana Müller e Yuri Fernandes

**Câmeras:** Caio Zóia, Ingridy Castro e Yuri Fernandes

**Divulgação:** Henrique Perissinotto, Laura Santos, Layrha Moura e Vanessa Ferreira

**Apoio técnico imagens e edição:** Gildo Leonel e Rodrigo Paschoalino



## Talentos de Juiz de Fora que se Expressam por suas Vocações

Neste Mosaico, pessoas comuns e pouco conhecidas, mas que possuem habilidades em suas respectivas áreas, seja na música, nas artes plásticas, na pintura ou na dança, tiveram suas histórias contadas.

O protético Alexandre Silva foi um dos entrevistados e contou ser origamista. Ele disse que começou a fazer dobraduras como terapia para parar de fumar e alegou ter aprendido essa arte assistindo a vídeos na internet, além de ter participado de encontros internacionais com outras pessoas que fazem origamis.

O poeta Marco Fietto, que tinha mais de 3.000 poemas escritos, também foi entrevistado e afirmou ter começado a escrever porque, quando pequeno, sentia-se sufocado por não ter como se expressar e desabafar. Além de ser um suporte para sua existência, a poesia tinha lhe proporcionado o encontro com muitas pessoas, que se tornaram amigas, e com a poesia conquistou, também, a sua esposa.

A arte educadora Fernanda Toledo disse que seu interesse pelo desenho se iniciou por intermédio de seu pai, que fazia estampas de blusas, e começou a trabalhar desenhando para ele. Somente aos 16 anos se envolveu, efetivamente, com o grafite. Ela ressaltou que também levava sua arte para outros estados do Brasil, como Rio de Janeiro. No Rio, Fernanda participava de um evento chamado “Meeting of Favela”, no qual os artistas iam para as favelas e pediam aos moradores para pintar os muros das residências.

O jornalista Guilherme Monteiro era compositor e disse que sua paixão pela música teve início

aos quatro anos, quando seu irmão ouvia Raimundos e Charlie Brown Júnior. A partir daí, comprou uma guitarra e começou a tocar em bandas de colégio. Quando passou no vestibular para Comunicação na UFJF, sua paixão pela música passou a se manifestar através do jornalismo de entretenimento e das críticas musicais. Decidiu, então, criar o programa “Jardim do Rock” para a Rádio Facom – a rádio universitária da UFJF. Guilherme se orgulhava ao dizer que, mesmo após sua formatura, o programa havia continuado no ar, e que tocava rock em um bar, às sextas-feiras, para pessoas com mais de 60 anos.

O bailarino Rafael Pitta disse ter conhecido a dança ainda pequeno, vendo sua irmã e sua tia dançando. Seus pais não o deixavam dançar e só pôde se dedicar ao completar 18 anos. O apoio dos familiares veio quando o viram dançando. Ele revelou que escolhera o balé devido a um conselho de sua professora de dança. No início, não gostou, mas logo se acostumou e se apaixonou pelo balé clássico. Rafael finalizou dizendo que se sentia muito bem ao subir no palco para se apresentar e receber o reconhecimento do público, mas a gratidão por poder ensinar a dança para outras pessoas era muito maior.



#### FICHA TÉCNICA

**Apresentação:** Caio Zóia, Matheus Sampaio e Yuri Fernandes

**Produção:** Letícia Santos, Michele Ferreira e Thales Rodrigues

**Edição:** Júnio Nogueira, Marcela Valladares, Matheus Sampaio e Yuri Fernandes

**Câmeras:** Ingridy Castro, Jessika Prata, Luciany Oliveira, Maristela Rosa e Victor Silva

**Divulgação:** Henrique Perissinotto, Laura Santos, Layrha Moura e Vanessa Ferreira

**Apoio técnico imagens e edição:** Gildo Leonel e Rodrigo Paschoalino



## Comemoração de 100 Programas no Formato Novo

Por se tratar do centésimo programa no novo formato, o Mosaico fez um especial no qual alguns entrevistados ao longo dos anos foram revisitados pela equipe, a fim de verificar quais mudanças ocorreram em suas ruas e bairros com o decorrer do tempo.

A primeira entrevistada foi a estudante Luísa Torres Americano, a qual havia concedido uma entrevista em 2008 sobre seu bairro, o Jardim Laranjeiras. Na ocasião, ela disse que gostava do bairro, uma vez que se tratava de um local tranquilo em que podia brincar na rua com segurança.

Após rever sua entrevista, Luísa concluiu que poucas mudanças haviam ocorrido no Jardim Laranjeiras nos últimos sete anos, como a construção de prédios e de casas e a diminuição do número de crianças que brincavam na rua.

A história da aposentada Zeny da Penha Knopp também foi lembrada. Ela foi entrevistada em 2011 e morava no Bairro Bairu. A senhora disse esperar, ansiosamente, pela passagem do caminhão do Demlurb. Isso porque era a encarregada de preparar o café para os garis. Ao ser revisitada pela equipe em 2013, Zeny afirmou que ainda desempenhava tal atividade e que, assim como os garis, ficava triste quando precisava sair de casa e não podia dar o café para os rapazes. A aposentada ainda declarou que servirá o café até o último de seus dias.

Outra personagem lembrada foi a cachorra Amarelinha, do Jardim Laranjeiras. De acordo com a inspetora de escola Paulla Apolaor, em 2011, a cachorra havia chegado ao bairro com cerca de quatro meses, e os moradores logo se afeiçoaram e começa-

ram a alimentá-la. Com isso, a cachorra se tornou parte da família dos moradores da rua. Em 2013, o aposentado Antônio Ribeiro da Silva contou que a cachorra havia sido levada para Rio Novo, por um casal que gostava de animais e tinha um sítio naquela cidade.

Outro entrevistado que foi visitado novamente foi o médico José Luiz Guedes que, em 2011, havia aberto as portas de sua casa para o Mosaico. A casa, localizada no Bairro Santa Helena, fora um refúgio para várias pessoas durante o período da Ditadura Militar.

Ao retornar ao local, dois anos depois, a equipe constatou que a casa fora vendida e, em seu lugar, um prédio de apartamentos fora erguido. Segundo o antigo proprietário, José Luiz, a venda fora necessária, pois não se pode ficar preso ao passado. O prédio construído teria o nome de seu pai, Luiz Gonzaga Guedes.

Uma personagem que era bem conhecida no Bairro Jardim Casablanca era a Cida dos gatinhos, entrevistada pelo Mosaico em 2011.

Nessa ocasião, ela tinha 50 gatos em casa e cuidava de todos com muito carinho e amor. Quando a residência dela foi visitada novamente, em 2013, o número de animais havia aumentado. Cida tinha 60 gatos, 30 galinhas, oito cachorros e duas maritacas. A aposentada disse que se Deus estava lhe concedendo forças para cuidar dos animais, ela o faria até o dia em que isso não fosse mais possível.





#### FICHA TÉCNICA

**Apresentação:** Júnio Nogueira, Matheus Sampaio e Yuri Fernandes

**Produção:** Isabella Paiva, Letícia Santos e Thaiza Gribel

**Edição:** Júnio Nogueira, Mariana Müller, Matheus Sampaio e Natália Oliveira

**Câmeras:** Ingridy Castro, Luciany Oliveira, Maristela Rosa, Vânia Silva e Victor Silva

**Divulgação:** Henrique Perissinotto, Laura Santos, Layrha Moura e Vanessa Ferreira

**Apoio técnico imagens e edição:** Gildo Leonel e Rodrigo Paschoalino



## Márcio Sabones, Carroceiros e Cristiane Hübner

O Mosaico de número 101 foi uma homenagem ao jornalista Márcio Sabones e à jornalista e radialista Cristiane Hübner. Além disso, o programa abordou o dia a dia dos carroceiros de Juiz de Fora.

Natural da cidade de Lajinha, em Minas Gerais, Cristiane se mudou para Juiz de Fora após o casamento de sua irmã mais velha, que viera para Juiz de Fora. Ela contou que, antes de se mudar efetivamente, vinha para a cidade passar as férias. Numa dessas ocasiões, pegou um catálogo telefônico e, de posse dos endereços de vários veículos de comunicação da cidade, bateu de porta em porta com seu currículo e uma carta de recomendação nas mãos à procura de um emprego.

Quando conseguiu emprego, logo apareceram dois de uma só vez, pois foi chamada para trabalhar na Rádio Alvorada e na Solar FM. Na primeira, trabalhava de segunda a sábado e, na última, aos sábados e domingos. Ela se orgulhava de poder dizer que foi a primeira locutora da Solar FM, um veículo composto majoritariamente por homens.

Cristiane revelou que o que mais a encantava no rádio era a possibilidade de entrar na casa das pessoas sem que elas nem ao menos a conhecessem, e o desafio de sempre era transmitir uma boa energia e alto-astral, mesmo quando sua vida não estava bem.

Ela ainda afirmou que se sentiu muito querida e especial pelos ouvintes quando engravidou e, todos os dias, recebia presentes para seu filho.

Cristiane recomendou àqueles que gostavam de rádio-jornalismo e tinham o sonho de atuar na área que se especializassem, fazendo cursos para

aprimorar a voz, a dicção e cursos de inglês. Além disso, ela disse ser importante que não se restringissem somente à graduação jornalística, buscando fazer uma especialização, pós-graduação, entre outras coisas.

O jornalista Márcio Sabones ficou muito conhecido por apresentar o programa “Alterosa em Alerta”, na TV Alterosa. Mas, ao contrário do que muitos pensavam, ele não nasceu em Juiz de Fora, mas, sim, em São João Nepomuceno. Bem-humorado e com espírito de criança, Sabones contou que antes de se tornar jornalista já desempenhara diferentes atividades, tais como: jogador de basquete, atendente bancário, funcionário público, dono de bar, ajudante na lanchonete de seu irmão, produtor teatral e ator e rei do Bloco do Barril.

Ele decidiu cursar Comunicação Social depois que fora convidado para ajudar a comentar uma partida de futebol em São João Nepomuceno. Fez seu primeiro vestibular após 10 anos sem estudar e foi aprovado em sétimo lugar na UFJF. Algum tempo após ingressar na Faculdade de Comunicação, foi convidado para fazer um teste como apresentador do programa “Alterosa em Alerta”.

Sabones destacou que o bordão que criou – “O leite vai ferver!” –, assim como uma dancinha (ele ficava nas pontas dos pés e balançava os braços), serviu para aproximá-lo ainda mais do telespectador, que o parava na rua para dizer que “o leite ia ferver” ou pedia para fazer a dancinha.

Ele revelou que “Sabones” é um nome artístico. Seu nome verdadeiro era Márcio Heleno Silva.



O “Sabones” veio quando ainda era jogador de basquete e começou a ser apelidado assim pelos colegas, por causa de outro jogador de basquete, da seleção da Lituânia, chamado Arvydas Sabonis. Ele resolveu adotá-lo, pois lhe trazia muita sorte.

Após a saída da TV, ele voltou para o funcionalismo público e se tornou sócio do portal “SJ Online”, no qual produzia matérias jornalísticas sobre esporte e pontos turísticos de São João Nepomuceno.

Os carroceiros são parte da história de Juiz de Fora. Esta presença é tão marcante que eles foram representados no brasão da cidade, mostrando a importância dessa tradição que, em alguns casos, era passada de pai para filho.

O primeiro carroceiro entrevistado foi Carlos Alberto Ferreira, que relatou que o primeiro em sua família a ingressar no negócio foi seu bisavô. Seu avô e o pai foram pelo mesmo caminho. Ele revelou que o aumento do fluxo de automóveis na cidade dificultou um pouco o trabalho dos carroceiros. Um exemplo dessa dificuldade imposta pelo grande fluxo de veículos era a restrição do horário que lhes era permitido circular pela Avenida Rio Branco. No entanto, a fim de desempenhar bem o trabalho, eles pegavam rotas alternativas.

Carlos acrescentou que é comum os carroceiros serem vítimas de preconceito, pois as pessoas pensam que todos eles desempenham esse trabalho por não terem outra opção ou por não serem estudados. Contudo, Carlos afirmou que muitos eram carroceiros porque gostavam do ofício.

O presidente do Sindicato dos Carroceiros, Marçal de Paula Soares, disse que estava no ramo há 38 anos, e que a tradição passara de seu pai para ele. O carroceiro afirmou que o tratamento dispensado aos cavalos era repleto de carinho e que, além dos animais ganharem nomes, era difícil ver um cavalo

de algum carroceiro machucado ou sendo maltratado. Os maus-tratos não ocorriam, porque existia o respeito dos donos pelos animais, que eram instrumento de trabalho e grandes parceiros de vida de seus proprietários.

Ao finalizar, Marçal disse que, para os carroceiros, a profissão exercida tinha a mesma importância que a função exercida por um médico ou por um juiz e que, apesar de todas as dificuldades, eles passavam por cima de tudo para desempenhar o trabalho com muito amor.



#### FICHA TÉCNICA

**Apresentação:** Luciany Oliveira, Michele Ferreira e Natália Oliveira

**Produção:** Livia Honório, Márcio Niheus e Mariana Cardoso

**Edição:** Marcela Valladares, Mariana Müller, Matheus Sampaio, Natália Oliveira e Yuri Fernandes

**Câmeras:** Caio Zóia, Jéssika Prata, Maristela Rosa e Vânia Silva

**Divulgação:** Henrique Perissinotto, Laura Santos, Layrha Moura e Vanessa Ferreira

**Apoio técnico imagens e edição:** Gildo Leonel e Rodrigo Paschoalino



## Bairro Estrela Sul, Raquel Silvestre e Dormevilly Nóbrega

Nesse programa, foi possível conhecer um pouco mais sobre o curioso juiz-forano de alma Dormevilly Nóbrega, a cantora Raquel Silvestre e o Bairro Estrela Sul.

Com pouco mais de 10 anos, o Estrela Sul era um dos bairros mais recentes de Juiz de Fora. A região havia atraído muitos investimentos devido a sua localização e tranquilidade. Um dos entrevistados foi o publicitário Marcos Monteiro da Rocha. Ele disse que a construção do Independência Shopping colaborou para a valorização de toda a área ao redor desse empreendimento.

Além disso, Marcos afirmou que quando chegou ao bairro existiam poucos prédios, e o número de casas era grande.

Outra construção que alavancou o crescimento do bairro foi o Centro de Ensino Superior (CES). O então reitor da instituição relatou que a proposta de construção de um campus no Estrela Sul partiu da antiga reitoria do CES, com o intuito de oportunizar outros espaços acadêmicos.

O arquiteto Ricardo Machado, um dos responsáveis pelo projeto do campus, disse que, após a construção e inauguração da obra, o número de residências e apartamentos no bairro aumentou.

Uma das curiosidades sobre o Bairro Estrela Sul é que ele possui ruas com nomes de poesias. O projeto foi aprovado pela Câmara Municipal, em homenagem ao poeta Murilo Mendes e outros artistas, como Afonso de Santana e Cleonice Rainha.

O bairro também possui, no trevo de entrada do Estrela Sul com a Alameda Alexandre Leonel, um relógio solar, construído para homenagear o Caminho Novo e preservar a história da cidade. O monumento contava com um poema de Álvaro Lobo, artista plástico e idealizador da obra.

Já a cantora Raquel Silvestre revelou ter começado a cantar em 1976, aos 22 anos, no Bar do Beco, e também cantou, durante algum tempo, no Clube do Papo. No início, ela não contava com o apoio de sua mãe, mas, como seu irmão já era músico, Raquel decidiu seguir com sua carreira. Com o passar do tempo, a mãe acabou aceitando e apoiando a ideia.

Raquel revelou que um dos momentos marcantes de sua carreira foi quando abriu o show de Elizete Cardoso, uma das vozes femininas que lhe inspiravam. O show foi no Clube do Papo e, ao final da apresentação de Raquel, Elizete foi cumprimentá-la.

Outro momento marcante em sua carreira foi quando encontrou Zeca Pagodinho pela primeira vez. A cantora disse que, na ocasião, Zeca tinha 18 anos e ainda não era conhecido. Eles se sentaram em roda de amigos no antigo Restaurante Santo Antônio e cantaram juntos. O que mais lhe chamou atenção no artista foi a simpatia e o carisma. Depois que Zeca ficou famoso, ele voltou a Juiz de Fora e se encontrou com Raquel no Bar do Beco, onde cantaram juntos novamente.

Raquel levou sua carreira para Itaipava e para São João Nepomuceno, onde disse ter cantado em todos os bares da cidade. Entretanto, quando o





programa foi gravado, a cantora já não fazia mais shows, e disse sentir saudade do tempo em que cantava em bares, rodas de amigos, e podia contar com o carinho dos fãs e admiradores de seu trabalho.

Nascido em Três Corações em 17 de novembro de 1921, Dormevilly Nóbrega se tornou juiz-fo-rano de alma e coração quando ainda era criança. Seu pai era oficial do Exército e se mudou para Juiz de Fora, acreditando que a cidade forneceria melhores oportunidades de crescimento profissional para o filho, que na época possuía 11 anos. A conclusão dos estudos foi feita em Recife, porque o pai de Dormevilly precisou se mudar de cidade novamente.

O aposentado Daury Nóbrega era um dos filhos do personagem do programa e contou que, com seus rebentos, Dormevilly era extremamente severo. Mas, com as outras pessoas, era gentil e educado. A amizade com os filhos veio quando eles se casaram.

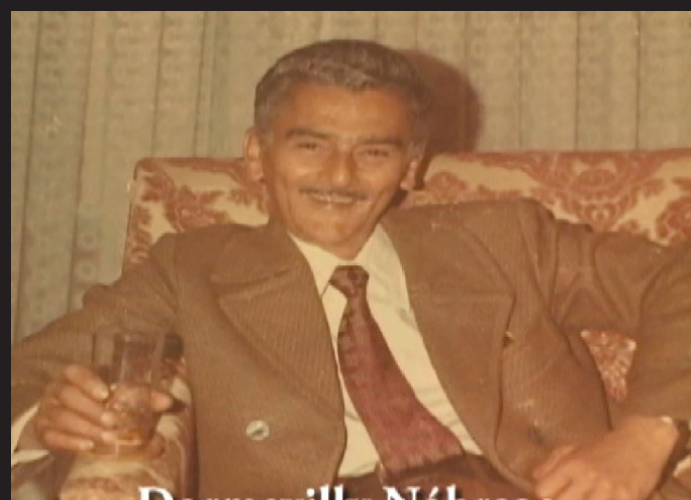
Dentre tantas atividades desempenhadas, Dormevilly foi tipógrafo, professor, jornalista e artista plástico.

Por ser amante da literatura, o pai de Daury produzia cartões e os distribuía na rua, pedindo que as pessoas não jogassem livros no lixo, disponibilizando-se a ir às casas das pessoas para recolhê-los.

Ele criou uma biblioteca em sua casa, e seu acervo ocupava grande parte de sua residência com mais de 20 mil títulos. O biblioteconomista Carlos Rafael da Fonseca revelou que a consulta das obras era disponibilizada para a população, e que o dono do acervo sabia onde se encontrava cada livro que possuía. Alunos da UFJF iam fazer consultas aos livros, assim como autores de Juiz de Fora.

De acordo com Daury, o acervo foi vendido pela família, uma vez que Dormevilly não tinha condições de cuidar da biblioteca sozinho, e tanto

ele quanto seu irmão não moravam em Juiz de Fora para auxiliar o pai. Foi então que o ex-reitor da UFJF, Henrique Duque, e o professor José Roberto Pinho entraram em contato com a família para negociar a venda do acervo, o qual possuía periódicos antigos de Juiz de Fora e região – como o Lince e o Farol – poesias, documentos e fotos sobre Juiz de Fora.



#### FICHA TÉCNICA

**Apresentação:** Caio Zóia, Mariana Cardoso e Natália Oliveira

**Produção:** Ludmila Azevedo, Matheus Andrade e Thales Rodrigues

**Edição:** Júnio Nogueira, Marcela Valladares, Mariana Müller, Matheus Sampaio, Natália Oliveira e Yuri Fernandes

**Câmeras:** Douglas Ribeiro, Luciany Oliveira, Maristela Rosa e Victor Silva

**Divulgação:** Henrique Perissinotto, Laura Santos, Layrha Moura e Vanessa Ferreira

**Apoio técnico imagens e edição:** Gildo Leonel e Rodrigo Paschoalino



## Família Bara e José Gilberto de Melo

Esse programa homenageou uma das famílias que ajudou no desenvolvimento de Juiz de Fora e que deixou seu nome marcado não somente no edifício Gattás Bara, mas também na história da cidade. O programa contou a história da família Bara. Além disso, mostrou a trajetória do atleta e grande campeão de corridas no Brasil, José Gilberto de Mello.

José Gilberto, mais conhecido como Giba, contou que sempre fora envolvido com esportes, mas que antes de se tornar corredor foi nadador no clube do Sport. Após algum tempo, desistiu da natação e se tornou corredor.

Giba revelou que sua primeira corrida foi no aniversário do Clube Olímpico, e que um amigo o inscreveu contra sua vontade, por acreditar que ele possuía o biótipo de corredor. Quando percebeu, já estava no meio dos outros corredores, preparado para correr. Ficou nervoso e afirmou que esse era um defeito que possuía: o de sempre ficar nervoso, como se fosse a primeira vez numa disputa. O resultado foi que Giba não ficou entre os primeiros colocados, mas essa participação serviu para que se apaixonasse pelo esporte e decidisse competir sempre. Participou, inclusive, de corridas nos Estados Unidos – onde morou durante anos – e da meia-maratona de Buenos Aires.

Giba afirmou que a corrida lhe deu mais anos de vida, pois tinha um problema de coração e, se não praticasse atividade física, poderia ter morrido.

Ele também revelou que, em sua primeira corrida, disse para um amigo que havia competido e chegado em quinto lugar e que esse amigo nunca

mais chegaria em sua frente em qualquer corrida. E o amigo não chegou mesmo.

O patriarca da família Bara era José Gattás Bara, um sírio de registro, mas mineiro de coração. Foi ele quem trouxe a família Bara para o Brasil. De acordo com o microempresário Pedro Gattás Bara, José veio para o Brasil e se encantou com as terras brasileiras. Precisou retornar para Síria, onde se casou com Nagibe Haddad, e então se mudaram definitivamente para o Brasil, em 1911. Ao chegarem aqui, instalaram-se em Santos Dumont.

A professora Regina Maria Bara Paschoalino disse que, nessa cidade, José trabalhou como mascate e não levava uma vida fácil. Em 1928, ele se mudou para Juiz de Fora, onde começou a trabalhar como atacadista. Com a enchente de 1940, José teve a oportunidade de melhorar de vida. Isso porque passou a vender pela metade do preço os produtos atingidos pela enchente. Assim, tornou-se um grande atacadista.

Pedro acrescentou que José investiu, também, na área imobiliária. Comprou terrenos na Rua Marechal Deodoro e na Francisco Bernardino, onde foi construído o edifício Gattás Bara, que era um hotel na parte superior e um conjunto de lojas na parte baixa.

A jornalista Christiane Bara Paschoalino disse que a figura de José era muito imponente e transmitia respeito. Já a figura de Nagibe, sua bisavó, era mais maternal, e ela adorava a convivência com a mulher que sempre que visitava lhe oferecia balas.

Ela relatou, ainda, que depois que Nagibe e José faleceram, a casa em que moravam foi alugada



para a Aliança Francesa e que ela foi uma das alunas dessa instituição. Um momento que a marcou foi quando entrou na sala de aula pela primeira vez, pois aquele ambiente havia sido o quarto onde passara tantos momentos com Nagibe.

O técnico de vôlei José Eduardo Gattás Bara afirmou que o esporte sempre esteve presente no cotidiano da família e que, quando as crianças ensaiavam os primeiros passos, já ganhavam uma bola para aprender a jogar.

Pedro contou que se tornou jogador de vôlei e, por ser um bom atleta, recebeu um convite para se tornar técnico de um time feminino de vôlei. Com isso, envolveu ainda mais sua família no esporte, na medida em que levava seus familiares para o auxiliarem nos treinos.

O professor Maurício Gattás Bara Filho foi treinador do time de vôlei da UFJF. Ele relatou que não foi atleta profissional, mas, a partir da influência de seus pais, decidiu se envolver com esportes e, depois de adulto, optou por cursar a Faculdade de Educação Física. Seu intuito era trabalhar com esporte.

Ele começou na UFJF como professor na Faculdade de Educação Física e Desportos, e mais tarde, decidiu iniciar o projeto do time de vôlei da Universidade.

A artista plástica Nadja Gattás Bara revelou que a família sempre fora unida, e que a criação de todas as gerações era diferente da criação de outras famílias brasileiras. Ela disse que os familiares foram criados no mesmo prédio, cercados pela tradição árabe, a qual estava presente desde a forma de vestir até a forma de comer.



#### FICHA TÉCNICA

**Apresentação:** Mariana Müller e Vanessa Ferreira

**Produção:** Izabela Thébas, Lívia Honório, Luíza Dias e Michele Ferreira

**Edição:** Marcela Valladares, Mariana Müller e Yuri Fernandes

**Câmeras:** Ingridy Castro, Luciany Oliveira, Maristela Rosa e Matheus Bertolini

**Divulgação:** Henrique Perissinotto, Laura Santos, Layrha Moura e Vanessa Ferreira

**Apoio técnico imagens e edição:** Gildo Leonel e Rodrigo Paschoalino





## William Boy, Flávio Villela e Arlete Heringer

No Mosaico de número 104, o espectador conheceu as histórias do esportista Flávio Villela, do radialista William Boy e da jornalista Arlete Heringer.

Arlete revelou ser natural de Manhumirim, interior de Minas Gerais, e disse que o lado artístico sempre esteve presente em sua vida. Como em Juiz de Fora não havia um curso de Artes Cênicas, ela cogitou fazer Odontologia. Contudo, ao pensar que poderia ter que lidar com cadáveres todos os dias, desistiu e se voltou para a área das Humanas, decidindo investir no curso de Comunicação.

Antes de se mudar para o Rio de Janeiro, Arlete trabalhou como repórter na Rádio Solar e na TV Globo da cidade, onde atuou como produtora, criando roteiros comerciais.

Após se mudar para o Rio de Janeiro, começou a trabalhar na Rede Globo, atuando no Globo Repórter, no Jornal Nacional e no Fantástico. Ela disse não ter sido um caminho fácil, mas que, ao olhar para trás e ver tudo o que conquistara, sentia-se orgulhosa da trajetória que percorrera.

Arlete destacou que, quando trabalhava no Globo Repórter, não tinha uma rotina de trabalho, uma vez que cada dia era diferente do outro. Havia dias em que permanecia dentro da redação, pesquisando e entrando em contato com as fontes que seriam necessárias para o programa. Mas, em outros dias, ficava fora da redação todo o tempo, viajando para produzir o programa que seria veiculado.

Além de jornalista, Arlete também era atriz. Sua história no meio teatral teve início no Grupo Divulgação, em Juiz de Fora. Ela revelou que conciliar a faculdade com as atividades teatrais foi um dos

melhores momentos de sua vida.

Como atriz, na Rede Globo, ela participou das novelas *Laços de Família*, *Mulheres Apaixonadas*, *Malhação* e *Salve Jorge*. Dentre todas essas novelas, Arlete confessou que teve mais tempo para se dedicar a *Mulheres Apaixonadas*, pois teve a oportunidade de trabalhar somente na novela. Essa dedicação exclusiva não foi possível no caso de seus outros trabalhos, pois permanecia alternando com o jornalismo.

Flávio Villela contou que gostava de esportes desde quando era criança. Ele começou a praticar esportes quando estudou no Colégio Jesuítas e no Colégio Academia. Foi treinador do time de vôlei do Clube Bom Pastor, com o qual disse ter sido muito vitorioso, sendo, inclusive, convidado para se tornar professor nesse Clube por Mário Helênio e por Pedro Edison.

Quando saiu do Clube, foi convidado para atuar no Tupi, onde ficou durante dois anos. Depois disso, foi para o Tupynambás e, posteriormente, para a Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul), onde trabalhou com Giovani Gávio.

Como treinador e professor, Flávio revelou ter sido rígido, ter prezado pela disciplina dos seus atletas e ter sido amigo de todos. E acrescentou que esse seu comportamento colaborou para que fosse um treinador vitorioso e orgulhoso de sua equipe.

Em 2011, Flávio recebeu uma Moção de Aplauso e se emocionou ao contar que, no momento em que a recebeu, passava por uma fase difícil em sua carreira e que a iniciativa de homenageá-lo – a



qual partiu do então vereador Francisco Canalli – lhe deu forças para seguir em frente.

William da Mata Pimentel, mais conhecido como William Boy, revelou que ganhou o apelido quando começou a trabalhar em rádio, pois ainda era muito novo, um “boy”.

Ele disse que, certa vez, quando trabalhava na Rádio Cidade em Juiz de Fora, fazia um programa no qual tocava apenas música romântica. E William havia acabado de sair de um relacionamento. Quando estava no ar, o radialista afirmou que transmitia ao ouvinte a imagem de homem mais feliz do mundo. Contudo, no momento em que saía do ar, chorava igual criança. Esse fato de ter que lidar com as emoções e suprimi-las quando estava no ar era algo que o encantava no rádio, pois se constituía como um grande desafio.

William acrescentou que seus maiores incentivadores e críticos eram seus pais, que sempre o apoiaram em suas escolhas.



#### FICHA TÉCNICA

**Apresentação:** Luciany Oliveira, Matheus Sampaio e Thaiza Gribel

**Produção:** Júlia Horta, Márcio Niheus, Ruth Gonçalves e Vanessa Ferreira

**Edição:** Júnio Nogueira, Marcela Valladares, Matheus Sampaio, Natália Oliveira e Yuri Fernandes

**Câmeras:** Douglas Ribeiro, Ingridy Castro e Luciany Oliveira

**Divulgação:** Henrique Perissinotto, Laura Santos, Layrha Moura e Vanessa Ferreira

**Vinheta:** Davi Ferreira

**Apoio técnico imagens e edição:** Gildo Leonel e Rodrigo Paschoalino



## Antônio Marcos, Patrícia Alvim e Primeiro Mercado Municipal de Juiz de Fora

Esse programa foi uma homenagem ao jornalista Antônio Marcos, à empresária Patrícia Alvim e contou a história do primeiro Mercado Municipal de Juiz de Fora.

Construído em 1904 para ser o primeiro Mercado Municipal da cidade, o prédio se destacava na paisagem urbana da Avenida dos Andradas.

O advogado João Carlos de Souza Figueiredo fora criado na região em que se o encontrava o Mercado. Ele se lembrava que o estabelecimento era uma espécie de feira, onde era possível encontrar frutas, legumes e verduras, mas também oferecia serviços como cabeleireiro, amolador de tesoura e de faca. Além disso, João se recordou que o local era ponto de encontro para muitas pessoas que, aos sábados, iam para o lugar conversar com os amigos e tomar cerveja.

O prédio do antigo Mercado Municipal foi comprado na década de 1930 para alojar a primeira agência de veículos da cidade, a GM Veículos. Quando o programa foi gravado, a construção abrigava lojas na parte externa, e um estacionamento e uma quadra de esportes no seu interior.

Antônio Marcos era o filho mais novo de uma família de seis irmãos. Natural de Miradouro, em Minas Gerais, ele conquistou o carinho do público ao comandar o programa Panorama Esporte.

A irmã de Antônio Marcos, Maria Antônia Campos, disse que ele fora uma criança muito esperta, cheia de energia e com um carisma que conquistava todos ao seu redor. Ela afirmou não se lembrar do irmão falando de outra profissão que

não fosse a de jornalista. Ela inclusive se lembrou de quando a família morava em um sítio e tinha o costume de criar e matar porcos. Quando o porco era morto, Antônio pegava um utensílio, o qual servia como microfone, e criava uma história de mistério envolvendo essa morte.

A viúva de Antônio, Márcia Lídia Cesário Campos, revelou que o esposo nunca levava os problemas de seu trabalho para dentro de casa, e que, depois que seu filho (Tiago) nasceu, sempre que chegava em casa, Antônio imitava o Pato Donald, o que deixava o pequeno Tiago encantado.

Márcia ainda acrescentou que, mesmo nos momentos mais difíceis, Antônio sempre encontrava uma forma de sorrir, e esse fato lhe deu forças para que não se abatesse após a perda do esposo. Se ele conseguia transmitir alegria, mesmo estando triste, ela pensava que também conseguiria.

Antônio ganhou, ainda, um dos maiores prêmios do jornalismo esportivo, o “Troféu Bola de Ouro”, e foi receber a honraria em Brasília.

Um dos grandes amigos de Antônio era o jornalista Ricardo Bedendo, que revelou que a amizade teve início no período da faculdade, devido ao amor que ambos tinham pela Comunicação e pelo jornalismo esportivo. Bedendo ainda contou que eles tinham o costume de se juntar com um grupo de amigos, todos apaixonados por jornalismo esportivo, ir para o apartamento de Antônio, ligar a televisão e um gravador para fazer transmissões esportivas. As fitas gravadas os ajudaram a conseguir, por intermédio de Márcio Guerra – que era chefe



da equipe de esportes da Rádio Solar – um estágio nessa rádio.

Para Bedendo, o grande legado de Antônio foi a alegria de viver, a forma de olhar para o esporte, valorizando todas as modalidades – não somente o futebol – e as relações humanas.

A jornalista Érica Salazar também foi uma das amigas de Antônio e afirmou que, quando estava deixando seu emprego na TV Tiradentes, indicou o amigo para preencher a sua vaga. Ele ingressou na TV e, com seu carisma e profissionalismo, conseguiu conquistar seu espaço e inserir o esporte na grade de programação da TV Panorama. Essa inserção foi feita através da criação do programa Panorama Esporte.

A jornalista ressaltou que Antônio adorava colocar apelido em todo mundo, assim como tinha a mania de pegar na orelha das pessoas, tendo feito isso, inclusive, com Itamar Franco, quando ele era governador de Minas. Ela disse que Antônio tinha o dom de levar leveza para o ambiente em que se encontrava, mesmo que esse ambiente fosse de trabalho. Quando o dia havia sido exaustivo e tudo dera errado, ele conseguia desanuviar as tensões com seu bom humor e alegria de viver.

A conversa com Patrícia Alvim começou com a modelo e empresária contando que, antes de ser modelo, se formouformou-seum tempo na área. Contudo, sua paixão sempre fora a Moda e a Comunicação. Apresentou o programa de TV Panorama Revista, o Jornal do SBT e da Bandeirantes.

A família de Patrícia sempre a apoiou em suas decisões e foi sua mãe quem lhe disse que precisava fazer um curso de modelo, para que aprendesse a se maquiar e a andar de salto. A jovem seguiu o conselho e ingressou em um curso de modelo. A partir

disso, as oportunidades para trabalhar como modelo foram surgindo, e ela se apaixonou pelo ofício.

Para finalizar, Patrícia contou que a ideia de abrir sua agência de modelos surgiu porque ela já apresentava o Panorama Revista e contratava modelos de várias agências da cidade. Um dia, sugeriram que ela criasse a sua própria agência. No início, ficou um pouco receosa, mas acabou seguindo a ideia e criando a sua empresa de modelos.





#### FICHA TÉCNICA

**Apresentação:** Caio Zóia, Júnio Nogueira e Vanessa Ferreira

**Produção:** Letícia Santos, Matheus Andrade e Thaiza Gribel

**Edição:** Júnio Nogueira, Marcela Valladares, Mariana Müller, Matheus Sampaio, Natália Oliveira e Yuri Fernandes

**Câmeras:** Caio Zóia, Douglas Ribeiro, Ingridy Castro, Jessyka Prata, Maristela Rosa e Victor Silva

**Divulgação:** Henrique Perissinotto, Laura Santos, Layrha Moura e Vanessa Ferreira

**Vinheta:** Davi Ferreira

**Apoio técnico imagens e edição:** Gildo Leonel e Rodrigo Paschoalino



## Melhor Assim, Moacyr Borges de Mattos e Adhemar Rezende de Andrade

Esse programa contou um pouco sobre a trajetória do grupo de pagode Melhor Assim, sobre o primeiro reitor da UFJF, Moacyr Borges de Mattos, e sobre o comerciante e ex-prefeito de Juiz de Fora Adhemar Rezende de Andrade.

Adhemar nasceu em uma fazenda no interior de Leopoldina, em 1897, mas veio para Juiz de Fora a fim de concluir seus estudos. Esse também foi o local onde constituiu sua família.

O historiador Roberto Dilly escreveu para a revista “Em Voga” um artigo sobre os prefeitos de Juiz de Fora desde 1850, no qual resgatava o legado dos prefeitos da cidade. E o último prefeito a ser mencionado no artigo foi Adhemar Rezende de Andrade. Ele esteve na Prefeitura de Juiz de Fora de 1955-1959, retornando ao cargo nas eleições de 1962. Ao pesquisar sobre essa autoridade, Roberto descobriu que ele fora um prefeito com ações e medidas eficazes, pois também era engenheiro.

Roberto criou, então, um acervo de fotografias sobre o ex-prefeito e, através desse acervo, o telespectador lembrou que Adhemar foi o gestor responsável pela construção do Aeroporto da Serrinha e pelo início da construção da Avenida Brasil. Esse acervo, de acordo com Roberto, seria exposto na escola Adhemar Rezende de Andrade, no Bairro São Pedro, em Juiz de Fora, a fim de que os alunos conhecessem aquele que dava o nome à instituição onde estudavam.

O historiador afirmou que o que mais lhe chamou atenção ao reunir todas as fotos foi perce-

ber que Adhemar era um prefeito presente, que se preocupava de fato com os problemas da cidade.

O advogado Paulo Medina foi amigo e vice-prefeito de Adhemar e contou que ele foi mais um administrador do que um político e dizia, inclusive, que não gostava de política. Ele lembrou que obras como o Aeroporto da Serrinha, o Pronto Socorro, a Rodoviária e a iniciação das obras da Avenida Brasil e da Itamar Franco foram frutos dos dois mandatos de Adhemar.

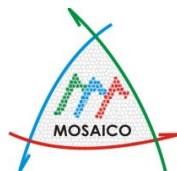
O advogado ressaltou, ainda, que o terreno onde se localiza a UFJF também foi doado por Adhemar para a construção do campus.

O corretor de imóveis Rogério de Andrade era neto de Adhemar e relatou que seu avô era um homem simples, que adorava jardinagem e receber pessoas em casa, além de ser alegre e gozador.

Em entrevista para o projeto Memória, produzido pela Produtora de Mídias da UFJF, em 29/04/2007, Moacyr contou que foi com muito orgulho e um certo receio que assumiu a reitoria da Universidade. Receio porque, naquela época, havia perdido sua casa, não tinha dinheiro ou empregados que pudessem trabalhar ao seu lado.

Apesar disso, assumiu o cargo, comprou o terreno que fora um campo de futebol da Academia de Comércio e negociou para que a Reitoria fosse construída. Isso aconteceu em 1966.

O repórter fotográfico Roberto Dornelas criou uma exposição com fotos de Moacyr. A exposição tinha cerca de 80 fotos e contava o início



da história da UFJF. Os registros foram feitos no período em que trabalhou ao lado do então reitor. Ele foi convidado pelo próprio Moacyr para criar o Departamento Fotográfico da UFJF.

No dia da inauguração, Roberto contou que Moacyr estava eufórico, principalmente pelo fato de que o então Presidente Castelo Branco também participaria do evento.

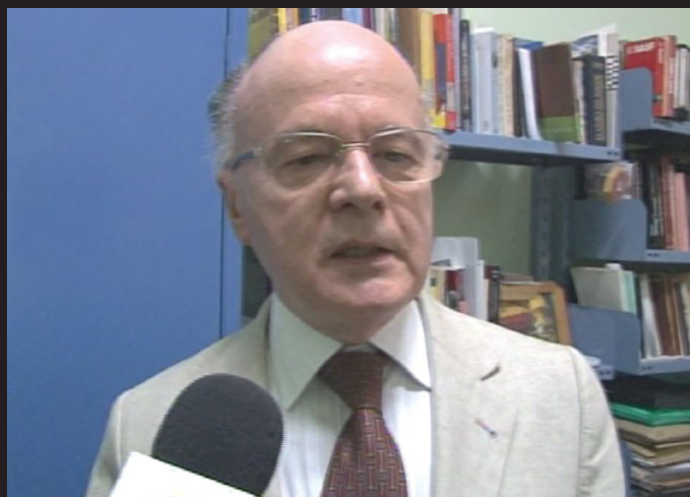
Roberto revelou que a preocupação que Moacyr tinha com a família era tão grande, que no Natal havia uma festa no prédio da antiga Reitoria (onde hoje se encontra o Museu de Arte Murilo Mendes, o MAMM) em que ele levava a sua família para confraternizar com as famílias dos funcionários. Além da festa, Moacyr comprava um presente para os filhos de todos os servidores também.

O grupo Melhor Assim – composto por Rodrigo, Neca (Ednaldo) Souza, Carlão Oliveira, Sávio dos Santos, Luciano Silvestre e Igor Giovanni – surgiu de uma mistura de outros dois grupos: Pirasamba e Melhor Assim. De acordo com o vocalista do grupo, Igor Giovanni, todos eles já se conheciam, mas a decisão de cantarem juntos foi tomada no final de 2009.

O primeiro nome do grupo foi Novo Sabor. A escolha do nome Melhor Assim se deu em 2010, quando o grupo foi gravar o seu primeiro CD com um produtor do Rio de Janeiro, que estranhou o nome Novo Sabor. Após pensarem em algumas sugestões, resolveram colocar Melhor Assim.

O grupo já se apresentou ao lado de nomes importantes no cenário musical de todo o Brasil, tais como: Sorriso Maroto, Arlindo Cruz, Zeca Pagodinho, Alexandre Pires, Fundo de Quintal, Buchecha, Revelação, Zé Ramalho, Tá Na Mente e RPM.

O Melhor Assim planejava lançar um disco a nível nacional, em parceria com uma grande gravadora do Rio de Janeiro.



#### FICHA TÉCNICA

**Apresentação:** Michele Ferreira, Thaiza Gribel e Yuri Fernandes

**Produção:** Isabella Paiva, Ludmilla Azevedo, Ruth Gonçalves e Thales Rodrigues

**Edição:** Júnio Nogueira, Marcela Valladares, Mariana Müller, Matheus Sampaio e Yuri Fernandes

**Câmeras:** Douglas Ribeiro, Jéssyka Prata e Luciany Oliveira

**Divulgação:** Henrique Perissinotto, Laura Santos, Layrha Moura e Vanessa Ferreira

**Vinheta:** Davi Ferreira

**Apoio técnico imagens e edição:** Gildo Leonel e Rodrigo Paschoalino



## Ivan Costa, Negro Bússola e Flora Nanibe

Esse programa foi sobre Ivan Costa, o ativista Negro Bússola e sobre a atriz Flora Nanibe.

Natural de Vargem Grande, em Minas Gerais, Flora se mudou para Juiz de Fora com aproximadamente cinco anos. Ela contou que, quando criança, gostava muito de cantar e, por isso, participava de um programa infantil na antiga Rádio PRB-3, onde cantava sempre.

Aos 14 anos começou a namorar e se casou aos 20. Aos 88 anos, quando o programa foi gravado, Flora já havia enfrentado grandes perdas. Uma delas foi a de seu filho, Dimas Augusto, que faleceu em um acidente de automóvel. Para homenageá-lo, a rua onde Flora morava, no Bairro São Pedro, recebeu o nome de seu filho, Dimas Bergo Xisto.

Seu sonho, desde criança, era ser atriz, mas conseguiu realizá-lo somente depois de adulta, e a oportunidade surgiu quando decidiu fazer um curso de teatro de José Luiz Ribeiro. Depois que começou, aos 70 anos, não parou mais.

Por fim, Flora revelou que sua fonte de inspiração era Dercy Gonçalves, pois essa era uma mulher feliz e cheia de amor pela vida.

Jeferson da Silva Januário, mais conhecido como Negro Bússola, explicou a origem da alcunha. Segundo ele, esse apelido foi escolhido porque “Negro” é uma autoafirmação e “Bússola” representa o caminho de Deus que encontrara e a missão que recebera de mostrar o caminho do bem para as pessoas. Como muitos jovens, Negro Bússola enveredara por caminhos tortuosos e perigosos. Conseguiu sair graças à confiança e o auxílio de um pastor, que lhe mostrou a Palavra de Deus.

Ele utilizou a Palavra de Deus e seu amor pela música para criar o Ministério Galera de Cristo, que era como um culto para funkeiros. Com isso, grupos de jovens que eram rivais na rua se unificavam dentro da igreja em nome da fé e da música.

Negro Bússola também esteve à frente da criação da Casa de Cultura Evalton Vilela, no Bairro Santa Efigênia. Na Casa, eram oferecidos cursos de Inglês (em parceria com a AIESEC, da UFJF), de garçom (em parceria com o Fátima Buffet), de pedreiro e de atendimento ao público.

Ele salientou que sua luta era e sempre seria para que a voz da periferia fosse ouvida.

Já o radialista Ivan Costa contou que era formado em Direito, inscrito na Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), e já trabalhara na área.

Na área jornalística, Ivan contou que, no início de sua carreira, trabalhou como jornalista policial nos Diários Associados. Além disso, foi redator e apresentador na TV Industrial.

No rádio, Ivan começou na antiga Rádio Sociedade, como locutor de cabine, lendo textos. Depois, passou a ser narrador de trechos de radio-novelas e, certa vez, um repórter esportivo faltou a uma transmissão. Ivan o substituiu uma vez e não parou mais de fazer transmissões esportivas.

O radialista disse que, para um narrador de jogos, é importante a criação de bordões. Os dois bordões por ele criados foram “Vai que dá” e “Me chama que eu vou”.

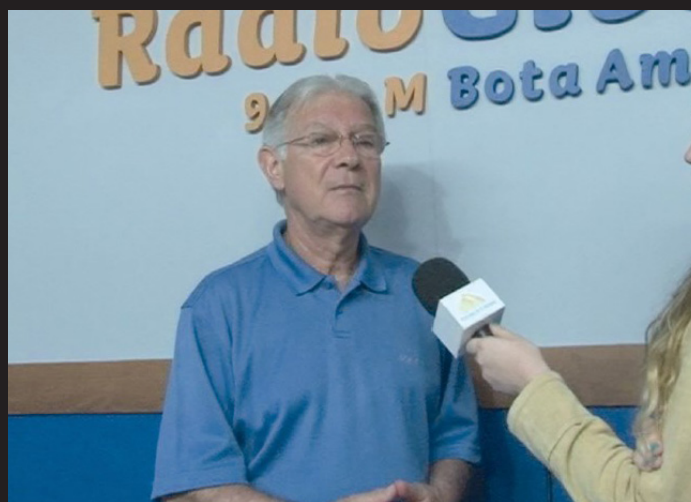
Ele disse que, além de ter recebido de presente a voz que Deus lhe deu, foi preciso fazer cursos





para aprimorá-la, assim como cursos que melhorassem a sua dicção.

Para finalizar, Ivan afirmou que fazia uma preparação antes dos jogos. Para narrar uma partida, ele fazia questão de conhecer a escalação do time e identificar cada jogador, para que durante o jogo não os confundisse.



#### FICHA TÉCNICA

**Apresentação:** Ingridy Castro, Marcela Valladares e Natália Oliveira

**Produção:** Júlia Horta, Michele Ferreira e Lívia Honório

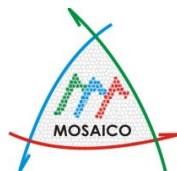
**Edição:** Júnio Nogueira, Marcela Valladares, Matheus Sampaio, Thales Rodrigues e Yuri Fernandes

**Câmeras:** Douglas Ribeiro, Maristela Rosa e Victor Silva

**Divulgação:** Henrique Perissinotto, Laura Santos, Layrha Moura e Vanessa Ferreira

**Vinheta:** Davi Ferreira

**Apoio técnico imagens e edição:** Gildo Leonel e Rodrigo Paschoalino



## Ernani Ciuffo, Terezinha Bóbio e Alessandra Crispim

Esse programa contou a trajetória de Ernani Ciuffo, Terezinha Bóbio e Alessandra Crispim.

Alessandra começou a se interessar pela música ainda criança e ganhou destaque nacional em 2013, ao participar do reality show *The Voice Brasil*. Ela disse que sua vida profissional como cantora começou aos 13 para 14 anos. Já cantou pagode, MPB, axé e consolidou sua carreira no samba.

Além de ter marcado a vida de Alessandra, o samba também marcou a vida de Ernani Ciuffo, que se destacou por suas belas composições, apesar de nunca ter estudado teorias musicais. Ele abandonou a carreira de compositor ao se casar, pois sua esposa o queria mais presente em casa.

Já Alessandra se enveredou pela Comunicação e disse ter entrado nessa profissão com o intuito de aprender a lidar com as ferramentas dessa área e aliá-la à sua carreira como cantora.

A cantora revelou que a participação no programa *The Voice* foi um divisor de águas em sua carreira, na qual já estava há cerca de 10 anos. Isso porque o programa lhe concedeu uma grande visibilidade e mais oportunidades de trabalho.

De volta ao compositor, Ciuffo foi um pai exemplar. De acordo com sua filha, Vera Lúcia Ciuffo, seu pai a levava ao cinema, ao Sport Club para assistir jogos de futebol e jogavam tênis juntos também. Ela descreveu o pai como o “filósofo que sempre cantou o amor”.

O músico Roger Resende disse que teve contato com o trabalho de Ciuffo pela primeira vez em

2002, através de uma fita que lhe foi passada por Márcio Gomes. A partir dessa fita, Márcio lhe fez a proposta de gravar um CD somente com músicas de Ciuffo. Roger disse que o fato de não ter conhecido o compositor, mas ter se identificado com suas músicas, chamou-lhe a atenção. Outra coisa que lhe atraiu a atenção foi o fato de que Ciuffo não tocava nenhum instrumento harmônico, o que não o impediu de compor grandes canções.

Já a musicista Terezinha nasceu em Rio Novo, mas passou parte de sua infância em Ponte Nova. Contudo, mudou-se para sua cidade natal a fim de concluir seus estudos, e foi em Rio Novo que teve seu primeiro contato com o acordeão, instrumento pelo qual se apaixonou. Quando se mudou para Juiz de Fora, inaugurou a Academia de Acordeão Mascarenhas. No momento em que o programa foi gravado, ela ainda ministrava aulas de acordeão.

Terezinha afirmou que, quando tocava, esquecia-se de que o instrumento pesava e tocava durante horas e horas.

As aulas de acordeão eram ministradas no Pró-Música e, de acordo com Terezinha, elas atendiam alunos de todas as idades, talentosos ou nem tanto. Quando via um aluno pouco talentoso, Terezinha disse que se esforçava ainda mais para passar seu conhecimento e levar alegria para esse aluno.



#### FICHA TÉCNICA

**Apresentação:** Caio Zóia, Luciany Oliveira e Mariana Cardoso

**Produção:** Isabela Thebas, Letícia Santos, Luiza Dias, Márcio Niheus e Ruth Gonçalves

**Edição:** Júnio Nogueira, Marcela Valladares, Matheus Sampaio, Thales Rodrigues e Yuri Fernandes

**Câmeras:** Douglas Ribeiro, Ingridy Castro, Matheus Bertolini e Victor Silva

**Divulgação:** Henrique Perissinotto, Laura Santos, Layrha Moura e Vanessa Ferreira

**Vinheta:** Davi Ferreira

**Apoio técnico imagens e edição:** Gildo Leonel e Rodrigo Paschoalino



## AMAJF, Aldeia SOS e Reciclagem

O Mosaico 109 teve como assuntos a Associação pelo Meio Ambiente (AMAJF), a Aldeia SOS e a importância da reciclagem.

A AMA existia há 17 anos e, de acordo com o coordenador da ONG, Theodoro Guerra, o trabalho desempenhado tinha como objetivo a educação ambiental. Isso era feito através de visitas às escolas para conscientizar os alunos e recebê-los na sede da AMA, além da produção de mudas destinadas para lugares degradados ou em fase de recuperação.

A AMA possuía uma estufa que produzia cerca de 100.000 mudas de plantas de Mata Atlântica por ano. A instituição trabalhava em parceria com a Tha Nature Conservancy (NTC), uma ONG voltada para a conservação da Mata Atlântica e que tinha a ambição de plantar 1.000.000.000 de árvores na região de Mata Atlântica do Brasil.

A AMA buscava visibilidade em Juiz de Fora e na região através da venda de camisetas e promoção de encontros em áreas verdes da cidade, como o Parque da Lajinha.

Já a Aldeia SOS foi criada no período pós-Segunda Guerra Mundial, na Áustria, com o intuito de oferecer abrigo para as crianças que haviam ficado desamparadas e oferecer carinho para as mães que haviam perdido seus filhos. A ideia se espalhou pelo mundo e chegou a Juiz de Fora.

O gestor da Aldeia, Edson Neris Bahia, contou que a instituição estava presente na cidade desde 1985 e, no momento em que o programa foi gravado, atendia 63 crianças, as quais ficavam alojadas em sete casas. A Aldeia possuía uma parceria com a

prefeitura através de convênios para manutenção do local e do uso desse espaço pela comunidade.

Com o passar do tempo, o objetivo da Aldeia mudou e passou a ser beneficiar a comunidade com as medidas adotadas para cuidar das crianças que eram encaminhadas pelo Conselho Tutelar e pela Vara da Infância.

A assistente de desenvolvimento familiar Alexandra Oliveira Marcos revelou que toda criança e adolescente que chegava ao local era acolhida pelas mães sociais e era feito um trabalho de escolarização e tratamento de saúde, para que eles crescessem como adultos responsáveis e conscientes de seu papel como cidadãos. Além de atender essas crianças e adolescentes, a Aldeia também atende famílias que precisam ter seus vínculos e relações trabalhadas.

A Aldeia SOS de Juiz de Fora contava com uma boa estrutura para receber os jovens. Além do prédio administrativo, havia dez casas (onde os jovens ficavam alojados), uma quadra poliesportiva, um campo de futebol e uma piscina.

A cuidadora residente (mãe social) Regina Maria Oliveira era a mãe mais antiga da Aldeia e disse que, além de sua relação com as crianças e adolescentes ser de muito amor e afeto, orgulhava-se de em poder transmitir seus conhecimentos para aqueles jovens. As mães sociais eram responsáveis por cuidar da alimentação e do bem-estar das crianças que moravam nas Aldeias. Cada uma delas era encarregada de cuidar de nove crianças.

Sobre reciclagem, a Associação de Catadores de Juiz de Fora (Ascajuf) era responsável pelo material recolhido pelo Departamento de Limpeza





Urbana (Demlurb) durante a coleta seletiva. Carla Adriana da Silva era membro da associação e contou que eles não trabalhavam de carteira assinada e que, em 2012, receberam o 13º salário pela primeira vez, o que havia sido uma grande vitória, assim como conseguir um espaço digno para reciclar os materiais.

A artista plástica Gabriela Gonçalves Pereira trabalhava há mais de 10 anos com a utilização de lona de caminhão para fazer bolsas. Ela afirmou que a reciclagem das lonas era importante para preservar a história dos caminhoneiros, a qual podia ser contada através da lona e representava economia e oportunidade de criar algo novo.



#### FICHA TÉCNICA

**Apresentação:** Ingridy Castro, Mariana Cardoso e Thaiza Gribel

**Produção:** Isabella Paiva, Júlia Horta e Thales Rodrigues

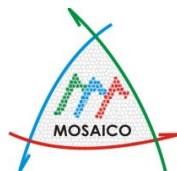
**Edição:** Júnio Nogueira, Matheus Sampaio, Natália Oliveira, Thales Rodrigues e Yuri Fernandes

**Câmeras:** Douglas Ribeiro, Jéssyka Prata, Luciany Oliveira e Vânia Aparecida

**Divulgação:** Henrique Perissinotto, Laura Santos, Layrha Moura e Livia Honório

**Vinheta:** Davi Ferreira

**Apoio técnico imagens e edição:** Gildo Leonel e Rodrigo Paschoalino



## Vereadores Homenageados na Câmara Municipal, Banda Daki e Pedro Guedes

Esse programa homenageou quatro vereadores que foram cassados durante a Ditadura Militar e que, em 2014, foram homenageados na Câmara Municipal de Juiz de Fora. Além disso, o programa falou sobre a Banda Daki e sobre o artista plástico Pedro Guedes.

Pedro se apaixonou pela arte quando ainda era criança, devido à influência de sua mãe, que trabalhava com costura. O desenho sempre estivera presente em vida, fato que o ajudou a se tornar o artista que é. Porém, decidiu se dedicar totalmente à arte somente depois que se casou e se mudou para o sul do país.

A primeira exposição de Pedro foi em 1986, em Volta Redonda, quando um professor daquela cidade expôs o trabalho de todos os seus alunos. Depois disso, Pedro promoveu várias exposições. Contudo, a que o marcou de forma especial foi uma que fez em 2005. Isso porque havia pintado um quadro da Santa Ceia, o que atraiu muito a atenção do público e, no total, ele estimou que cerca de 20.000 pessoas viram essa exposição.

A Banda Daki surgiu em 1972, a partir da reunião de um grupo de amigos que se denominava “Turma do São Roque”. Como o carnaval começava no domingo e ia até terça-feira, o jornalista e escritor Ivanir José Yazbeck afirmou que lançara ao membro mais conhecido do grupo, Luiz Carlos Novaes Rosa (conhecido como Capeta), o desafio de criar um evento para o sábado de carnaval. A ideia era fazer um evento nos moldes da Banda de Ipanema,

em que uma banda tocava as marchas e sambas de carnavais antigos e atuais.

O empresário Marcelo Guedes Barra afirmou que, nos primórdios da banda, não existiam os trios elétricos, e que, para animar a festa, eram utilizados carros de som.

O comerciante José Carlos (Zé Kodak) revelou que ficou decidido que o bloco sairia no sábado de carnaval, às nove da manhã. O auge da festa acontecia na Rua Halfeld e as pessoas brincavam até 12h30, 13h e, depois, dispersavam-se no Bar do Bolão, que ficava localizado na Rua São João.

Zé Kodak afirmou ainda que a iniciativa do poder público de tombar a Banda Daki foi muito boa, pois as despesas eram muitas e ficava caro para os foliões pagar do próprio bolso. Com o tombamento e a distribuição de recursos públicos para a Banda, tornava-se possível melhorar o carnaval da cidade. Ele era conhecido como o “General da Banda”. O apelido foi dado por Marcelo Guedes, pois queria homenagear Zé Kodak e se lembrou da ocasião em que o mesmo se vestira de general em um desfile do bloco Domésticas de Luxo.

A história de Zé com o bloco começou em 1972. Segundo ele, quando ouviu o grito de “Viva a Banda” e viu toda a alegria dos foliões no dia do desfile, disse para si mesmo que no ano seguinte estaria no meio da folia. E foi o que aconteceu.

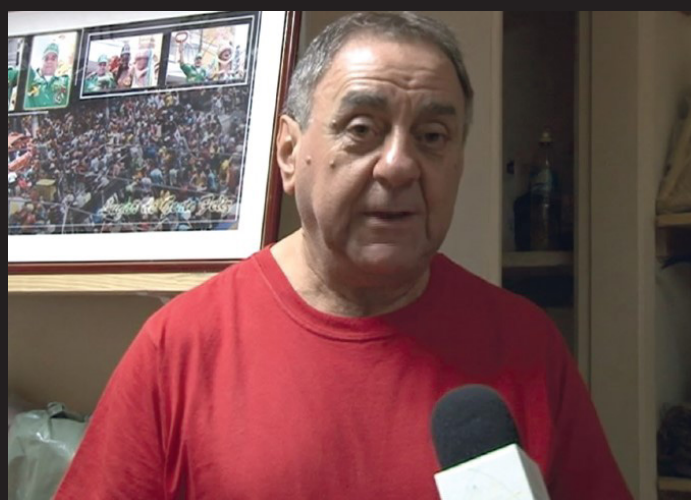
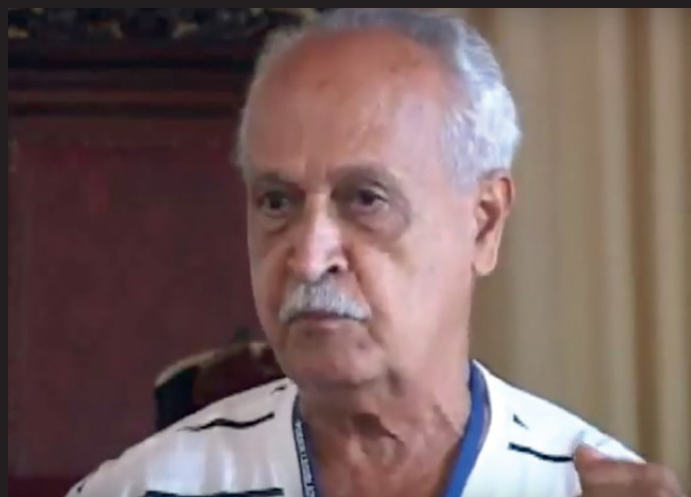
A Banda Daki se tornou responsabilidade de Zé Kodak em 1979 e ele fez questão de manter o trabalho feito pelo bloco da mesma forma.



O porta-estandarte da banda, Marcelo Portela Carvalho, afirmou que, quando criança, sempre desfilava ao lado do caminhão do rei e da rainha, almejando um dia se tornar o rei. No momento em que seu sonho se tornou realidade, disse ter sido muito emocionante e surreal.

Sobre a homenagem aos vereadores cassados em 1964, o então presidente da Câmara Municipal, Júlio Gasparette, mostrou à equipe do Mosaico uma pirâmide criada com os nomes de todos os vereadores que passaram pela Câmara Municipal. O objetivo era homenagear os vereadores Peralva de Miranda Delgado, Nery de Mendonça, Jair Reihn e Francisco Afonso Pinheiro, que tiveram seus mandatos cassados durante a Ditadura Militar. Essa homenagem foi prestada em 2014, uma vez que o ato da cassação dos vereadores havia completado 50 anos naquele ano.

O chefe de divisão da Câmara, Raymundo Nonato Mendes, esteve presente no dia da cassação e relatou que, no dia em que tudo aconteceu, havia pessoas do Exército armadas e outras à paisana, aguardando para assistir à cassação. Ele acrescentou que o único vereador que não votou a favor da cassação foi Newton Vianna. O motivo da cassação foi porque os quatro eram do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), partido do então presidente João Goulart, e, por isso, foram considerados comunistas.



#### FICHA TÉCNICA

**Apresentação:** Júlia Horta, Marcela Valladares e Matheus Sampaio

**Produção:** Larissa Garcia, Ludmila Azevedo, Letycia Bernadete, Luiza Dias e Matheus Andrade

**Edição:** Marcela Valladares, Matheus Sampaio, Thales Rodrigues e Yuri Fernandes

**Câmeras:** Caio Ferreira, Ingridy Castro, Igor Santos, Matheus Bertolini e Luciany Oliveira

**Divulgação:** Henrique Perissinotto, Layrha Moura e Laura Santos

**Apoio técnico imagens e edição:** Gildo Leonel e Rodrigo Paschoalino





## O Carnaval de Juiz de Fora

Nesse programa, o tema foi o carnaval de Juiz de Fora. Componentes das escolas de samba mostraram como era feita a Festa de Momo da cidade.

A primeira entrevistada foi Nancy de Carvalho, primeira porta-bandeira de Juiz de Fora. Ela relatou que cresceu em meio a um ambiente em que se respirava carnaval. Em 1952, ela foi eleita rainha do carnaval, mas Nelson Silva (um dos maiores nomes da música na cidade) decidiu que haveria uma mudança do título de porta-estandarte para porta-bandeira e que Nancy seria a primeira. Os dois foram para a casa de Nancy, e Nelson lhe ensinou tudo o que havia para saber sobre porta-bandeira. Ela falou que o desfile começou na Praça da Estação e terminou na Rua Halfeld, e que foi uma emoção muito grande ser a primeira porta-bandeira da cidade.

O intérprete da Turunas do Riachuelo Zezé do Pandeiro contou que sua história com o carnaval começou quando tinha 18 anos e foi convidado para compor e interpretar o samba-enredo da Escola Castelo de Ouro.

Um destaque no carnaval é sempre a bateria e, em Juiz de Fora, havia uma mulher que comandava a bateria da Juventude Imperial. Era Mestre Jô, cuja família também já possuía ligação com o carnaval de Juiz de Fora. Porém, a surpresa entre seus familiares foi grande quando ela decidiu se tornar mestre de bateria. Jô afirmou que a surpresa também atingiu as pessoas que foram à avenida ver o desfile, pois acreditavam que lugar de mulher era no chocalho e não como mestre.

Em Juiz de Fora, as escolas do grupo A contavam com uma média de 80 a 100 ritmistas na

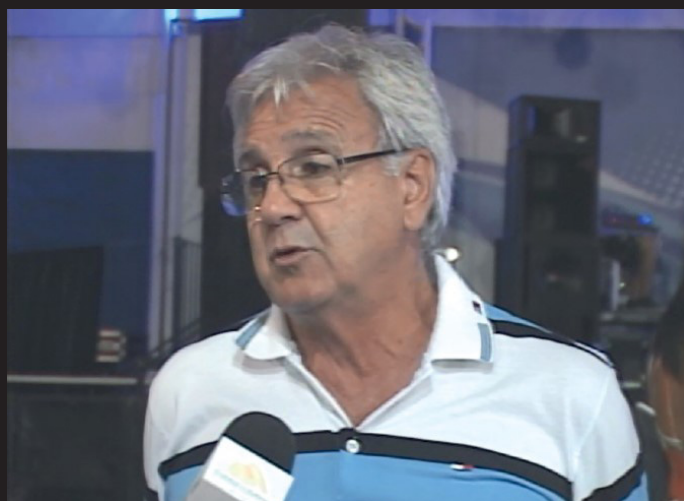
bateria, os quais também já possuíam uma longa trajetória na escola. Um deles era o Wardersom Augusto, que era ritmista da Turunas do Riachuelo há mais de 10 anos. Ele revelou que sua motivação para continuar na escola era o amor que nutria por seu ofício e pelo sentimento gratificante que sentia toda vez que entrava na avenida.

Sandra Portela também era um nome importante no carnaval da cidade. Ela foi a primeira intérprete feminina na avenida de Juiz de Fora. Sandra relatou que sua mãe era compositora de sambas para a Juventude Imperial e a levava para a quadra da escola, onde permaneceram durante anos, chegando até mesmo a dormir no local. Assim, Sandra herdou o amor e o talento de sua mãe para compor e interpretar sambas.

Ela interpretou um samba na Juventude pela primeira vez em 2002, quando estava grávida de três meses, a convite de Flavinho da Juventude e do presidente da escola, Davi Chaves. Logo depois foi convidada para desfilar pela Mocidade do Progresso e ganhou o Pandeiro de Ouro, prêmio concedido pela Funalfa, como melhor intérprete. Constituiu-se, assim, como a primeira mulher a ganhar esse prêmio.

Flavinho da Juventude também era uma figura importante e conhecida no meio carnavalesco da cidade. Como compositor, ele ressaltou que ao escrever seus sambas queria sempre transmitir mensagens de justiça, igualdade e solidariedade.

Para finalizar, o Mestre Gordo, mestre de bateria da Turunas, revelou que a escola era sua vida, onde nasceu, foi criado, estava vivendo e onde pretendia ser velado quando morresse.



#### FICHA TÉCNICA

**Apresentação:** Luciany Oliveira, Michele Ferreira e Thaiza Gribel

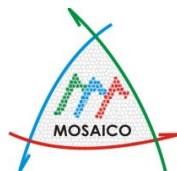
**Produção:** Letícia Santos, Márcio Niheus e Ruth Gonçalves

**Edição:** Júnio Nogueira, Marcela Valladares, Matheus Sampaio, Thales Rodrigues, Natália Oliveira e Yuri Fernandes

**Câmeras:** Douglas Ribeiro, Ingridy Castro, Vânia Aparecida e Vitor Marcelino

**Divulgação:** Henrique Perissinotto, Layrha Moura, Laura Santos e Lívia Honório

**Apoio técnico imagens e edição:** Gildo Leonel e Rodrigo Paschoalino



## José Carlos Lery Guimarães e a História do Comércio de Juiz de Fora

Esse programa contou um pouco sobre a história do comunicador José Carlos Lery Guimarães e sobre o comércio de Juiz de Fora.

O primeiro estabelecimento comercial visitado foi a Casa Chic, uma loja de tecidos localizada na Rua Marechal Deodoro. De acordo com a comerciante Mounira Haddad, a Casa já tinha 83 anos de funcionamento. Ela revelou que o segredo do sucesso era conquistar a confiança dos clientes e velar pela credibilidade conquistada.

Mounira contou que a loja já enfrentou algumas crises no decorrer dos anos (em 1964 e em 1982), mas que, mesmo assim, o estabelecimento não parou de funcionar. O fato de a loja não ter parado de funcionar se deveu a um tecido que a Casa Chic recebeu de uma loja de São Paulo, o qual dizia que quem decidisse parar até que as coisas melhorassem, mais tarde podia se arrepender disso, ao ver que as outras pessoas haviam continuado a jornada e já estavam muito à frente de quem parara.

A primeira iluminação de mercúrio de Juiz de Fora foi instalada na Rua Marechal Deodoro, patrocinada pelos comerciantes. Uma das lojas envolvidas nesse processo foi a Casa Orion, especializada em calçados. Fundada em 1930, a loja patrocinara, durante 30 anos, o programa “No Giro da Bola”, de Mário Helênio, e os gols da rodada, do programa Fantástico da Rede Globo.

O comerciante Oddone Villar Turolla era o proprietário do local e revelou que, na época em que a Rua Marechal era vítima constante de enchentes, o artifício empregado para não perder todos os produ-

tos da loja era colocá-los sobre um cavalete. Quando a chuva começava, era possível salvá-los.

Outro comércio tradicional na cidade era a Joalheria Fellet. Localizada na galeria Epaminondas Braga, no centro da cidade, a história desse estabelecimento começou em 1938.

O comerciante Jorge Hélio Fellet contou que a joalheria fora criada por seu pai, que abriu uma pequena oficina e relojoaria na Rua Halfeld. Havia 55 anos que Jorge trabalhava no local e disse que sentia orgulho por prosseguir com o estabelecimento de seu pai e por ter fidelizado tantos clientes. Ele destacou que atendia famílias que já estavam na terceira geração e que frequentavam a joalheria desde a primeira.

A comerciante Cláudia Franchini falou sobre a Casa Combate, localizada na Rua Marechal Deodoro. Ela disse que seu avô fundou o estabelecimento e que, nesse período, a loja vendia tecidos, em vez de ser um armarinho. Mas, devido a uma viagem que um dos filhos de seu avô fez, ele decidiu que o melhor era abrir um armarinho.

Para Cláudia, a Casa Combate representava muito mais do que o local de onde retirava seu sustento. O amor que sentia pelo estabelecimento era tão forte quanto o de sua sócia e tia, que já era idosa, mas trabalhava na Casa Combate desde os sete anos.

A loja Moda Jenny, situada na galeria Epaminondas Braga, também foi um dos comércios visitados pela equipe do Mosaico. O nome vinha da primeira proprietária e carregava consigo lembranças dos tempos dos desfiles de moda em Juiz



de Fora. A loja já funcionou na Rua Marechal e, de acordo com a comerciante Omara Pereira de Martinez, nessa época, a loja contava com 50 costureiras, uma oficina para a confecção de roupas jeans e promovia desfiles em todas as cidades vizinhas de Juiz de Fora. Ela lembrou que os desfiles eram prestigiados pela alta sociedade e que, em uma dessas ocasiões, Monique Evans desfilou no Clube Bom Pastor. Omara afirmou que, no fim dos eventos, praticamente todas as roupas eram vendidas.

José Carlos de Lery Guimarães foi um grande nome da comunicação em Juiz de Fora. Trabalhando com rádio, jornais e televisão, consolidou sua carreira na cidade. Apesar disso, não deixou de dedicar tempo para sua família. A filha do comunicador, Ludmila de Lery Guimarães, relatou que seu pai adorava contar suas experiências e histórias no horário das refeições.

Ludmila acrescentou que José Carlos gostava de ler e de jogar buraco nas horas vagas e que os jogos adentravam a madrugada.

José Carlos também foi professor do curso de Comunicação Social da UFJF. Sobre essa fase, o professor aposentado Adilson Zappa revelou que José era muito querido pelos alunos e respeitado, uma vez que seu vasto currículo o capacitava para estar em sala de aula.

O professor acadêmico Márcio Guerra revelou ter sido aluno de José Carlos, e que o professor lecionava em uma época em que a precariedade de equipamentos na Facom era muito grande, mas, mesmo assim, a vontade de transmitir conhecimento demonstrada por José era ainda maior.

O assessor de imprensa Renato Henrique Dias afirmou que, além de professor, José era amigo de seus alunos, e que sua principal preocupação era que seus pupilos aprendessem e vivenciassem

a Comunicação. Nota era algo que ele não considerava. Além de ser professor, ele trabalhou na TV Industrial, em Juiz de Fora, e na TV Continental, no Rio de Janeiro.

De acordo com o radialista Natálio Luz, José Carlos criou o Jornal Sete, em Juiz de Fora, participou da implantação do Jornal Tribuna de Minas e foi diretor da Revista Flagrantes, que também dava nome a um programa de rádio.

José Carlos também marcou o carnaval da cidade. Isso porque o compositor Nelson Silva chamou José para compor um samba para a escola de samba Feliz Lembrança, o qual Natálio classificou como antológico para o carnaval da cidade. O enredo de 1966 recebeu o nome de “Mascarada Veneziana” e misturava tarantela, samba e valsa. Venceu o carnaval da cidade e foi tocado nas rádios de todo o país.

José Carlos também se aventurou pelos caminhos do teatro. Natálio disse que ele produziu peças de Nelson Rodrigues, como “A Mulher Sem Pecado” e “A Falecida”. Produziu, ainda, espetáculos de massa como “Cristo Total” e “Aquarela do Brasil”.

O diretor teatral José Luiz Ribeiro destacou que José Carlos trabalhou o teatro de comédia, junto com Natálio Luz, e uma dramaturgia genuinamente juiz-forana, com histórias sobre a cidade.





#### FICHA TÉCNICA

**Apresentação:** Júlia Horta, Matheus Sampaio e Yuri Fernandes

**Produção:** Isabella Paiva, IzabelaThebas, Larissa Garcia, Letycia Bernadete e Mariana Cardoso

**Edição:** Júnio Nogueira, Marcela Valladares, Natália Oliveira, Thales Rodrigues e Yuri Fernandes

**Câmeras:** Caio Ferreira, Douglas Ribeiro, Matheus Bertolini e Luciany Oliveira

**Divulgação:** Henrique Perissinotto, Layrha Moura, Laura Santos e Livia Honório

**Apoio técnico imagens e edição:** Gildo Leonel e Rodrigo Paschoalino





## Mestre Pinheiro, Associação de Belas Artes Antônio Parreiras e Helena Bittencourt

Esse programa foi sobre a Associação de Belas Artes Antônio Parreiras, sobre o Mestre Pinheiro e Helena Bittencourt.

Conhecida como a “Mineirinha de Voz de Ouro”, Helena conquistou seus ouvintes ao longo de um trabalho de 40 anos no rádio. Ela tinha um programa na antiga PRB-3 que levava seu nome.

De acordo com o radialista Paulo César Magella, que foi repórter do programa de Helena, tratava-se de um programa de variedades, que tinha receitas culinárias, utilidade pública e reportagens de rua, pois a radialista tinha uma preocupação muito grande com os problemas da cidade. Desse modo, as reportagens de rua expunham as demandas da população.

O neto de Helena, Bruno Procópio, afirmou que se tornou músico graças à influência da avó, que teve um papel fundamental na compra do primeiro piano de Bruno. Além disso, ele contou que Helena sempre lhe falava sobre a beleza de Paris e lamentou não ter tido a oportunidade de conhecer a cidade e sua vida cultural ao lado da avó.

Valéria Magalhães era sobrinha de Helena e, também, radialista. Ela revelou que foi inspirada por sua tia a seguir a profissão, pois crescera ouvindo Helena no rádio.

Valéria relatou que Helena era muito alegre, à frente de seu tempo, dinâmica, adorava boa música, tornou-se pianista, amava dançar e foi uma das primeiras mulheres de Juiz de Fora a usar calça comprida.

O radialista Léo de Oliveira ressaltou que Helena também foi vereadora e rainha do carnaval de Juiz de Fora em 1950.

Como vereadora, a principal bandeira que Helena defendia era o meio ambiente. Segundo Paulo César, ela criou uma lei para proibir a circulação de barcos na represa João Penido, porque eles estavam derramando óleo na água e comprometendo o uso da água da represa.

Mestre Pinheiro relatou que seu interesse por capoeira lhe foi inculcado por um professor do curso do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai). Isso porque Pinheiro havia brigado com um colega de classe e, vendo a situação, o professor lhe disse que se ele não aprendesse capoeira, apanharia muito na rua.

Mestre Pinheiro começou a ministrar aulas de capoeira gratuitamente para crianças e adolescentes dos bairros Cidade do Sol e Nossa Senhora Aparecida, a fim de lhes conceder uma oportunidade de praticar esporte e de sair das ruas. Ele também lecionava em cidades vizinhas de Juiz de Fora, como Piau, e disse ser gratificante ver o sorriso de gratidão no rosto das crianças.

Mestre Pinheiro também se orgulhava por ter ganhado o prêmio do Instituto do Patrimônio Artístico Nacional (Iphan) como um dos 100 principais mestres de capoeira do Brasil.

O então presidente da Associação de Belas Artes Antônio Parreiras, Lucas Marques do Amaral, revelou que ela fora fundada em 1934, com o nome de Núcleo Antônio Parreiras, por um grupo de ar-



tistas amadores que haviam sido alunos do artista César Turati. O grupo de fundadores foi encabeçado por Carlos Gonçalves e por Américo Rodrigues, que institucionalizaram o Núcleo somente em 1941, quando o artista Aníbal Matos veio expor seu trabalho em Juiz de Fora e sugeriu a institucionalização.

Os frequentadores do Núcleo, naquele tempo, eram operários, muitos deles pintores de paredes, que não tinham recursos para pagar um curso no Rio de Janeiro.

A primeira sede da associação foi na Rua Halfeld. Anos mais tarde, mudou-se para o local onde ela ainda se encontrava, na Praça da Estação.

Quando o Mosaico foi gravado, a Associação possuía um ateliê de desenho, onde eram ministradas as aulas de desenho, aquarela e pastel, pintura a óleo, pintura em acrílico e modelagem.

José Tornel da Silveira era professor na instituição desde 2005 e lecionava desenho artístico. Ele explicou que os alunos aprendiam noções de proporção, luz e sombra, volume e a reproduzir a imagem que era colocada diante deles.

A professora de textura sobre tela, Adélia Sena, estava na associação há 12 anos. Ela disse que o fato de o artista texturizar atribuía à obra um aspecto e resultado diferentes, visto que, no processo de confecção, toda a energia do artista era passada para a tela.

Adélia também afirmou que tinha orgulho de trabalhar na associação por toda a liberdade de criação que o espaço fornecia aos artistas.

Para finalizar, a aluna Vera Lúcia Mellino disse que frequentava as aulas porque, no meio de tantos artistas, sentia que amadurecia como ser humano e via que era capaz de deixar sua marca no mundo.



#### FICHA TÉCNICA

**Apresentação:** Ingridy Castro, Luciany Olivera e Marcela Valladares

**Produção:** Júlia Horta, Luiza Dias e Ludmila Azevedo

**Edição:** Marcela Valladares, Matheus Sampaio, Natália Oliveira, Thales Rodrigues e Yuri Fernandes

**Câmeras:** Matheus Bertolini, Vânia Aparecida e Victor Silva

**Divulgação:** Henrique Perissinotto, Layrha Moura, Laura Santos e Livia Honório

**Apoio técnico imagens e edição:** Gildo Leonel e Rodrigo Paschoalino



## Marcelo Van Gasse, Renê Matos e Padre Expedito de Castro

O Mosaico de número 114 foi sobre a vida do Padre Expedito de Castro, do árbitro Marcelo Van Gassi e do ex-reitor da UFJF Renê Matos.

Renê era natural de Chiador (Minas Gerais), mas deixara sua terra natal aos dez anos para vir morar em Juiz de Fora. Estudou no Seminário, onde permaneceu até seus 14 anos, quando foi estudar na Academia de Comércio.

Após concluir essa etapa, prestou vestibular para o curso de Farmácia da UFJF, em 1966, e passou. Logo que ingressou na vida acadêmica, interessou-se pela política estudantil. Foi eleito presidente do Diretório Acadêmico e, posteriormente, presidente do Diretório Central dos Estudantes (DCE).

Ele se tornou professor do curso de Farmácia, da UFJF. Em 1990, foi eleito diretor dessa Faculdade e contou, com orgulho, que foi o responsável pela construção da Farmácia Universitária, uma conquista que ele disse ter sido difícil, principalmente pelo fato de existirem poucas farmácias universitárias no Brasil.

Anos depois, Renê foi eleito reitor da UFJF. No início de seu mandato, implantou a Pró-Reitoria de Pesquisa, que, até então, era integrada à Pró-Reitoria de Ensino. Fundou o Centro Regional de Inovação e Transferência de Tecnologia (Critt) e construiu oito mini-hospitais em oito cidades na região próxima a Ubá. Os hospitais funcionaram e, de acordo com Renê, mudaram a forma como a saúde era vista e tratada nesses locais. Criou, também, o Hospital Universitário (HU) – Centro de Atenção à

Saúde (CAS). Renê também foi candidato a prefeito de Juiz de Fora.

Padre Expedito contou que sua vocação para o sacerdócio se manifestou quando ele era criança. Ele relatou que se reunia com seus amigos, pegava um lençol branco e o utilizava como a vestimenta típica dos padres para a celebração da missa. Quando era adolescente, mudou-se para Belo Horizonte e fez um curso técnico, desistindo do sacerdócio. Aos 22 anos, conheceu, através de um padre de Piau, chamado Renato Carrera, o Seminário Santo Antônio, onde ingressou.

Padre Expedito atuou, durante dois anos, em Bias Fortes, e se orgulhava ao revelar que visitara todas as casas desse município. Ele saía na segunda-feira, a cavalo, e ia para a zona rural. Aonde quer que fosse, se lhe oferecessem refeições e abrigo, ele aceitava.

Veio para Juiz de Fora em 2004 e passou por diversas igrejas. Quando o programa foi gravado, ele era pároco na Paróquia Nossa Senhora Mãe de Deus, no Bairro de Lourdes.

Tanto a atendente paroquial Sebastiana Francisco (mais conhecida como Cida) quanto o seminarista Fernando Augusto Martins, que conviviavam diretamente com o padre, ressaltaram que o sacerdote era extremamente bem-humorado. Essa característica, de acordo com o seminarista, fazia com que as pessoas quisessem ficar mais próximas do padre e, conseqüentemente, de Deus.

O padre também era professor de Filosofia. Começou a lecionar em Piau, para adolescentes, nas



aulas de Educação Artística. Ele afirmou que essa experiência o ajudava a lidar com os jovens na igreja.

Expedito também tinha um espírito aventureiro e tinha paixão por motos e trilhas. Ele ressaltou que muitas pessoas estranhavam um padre com esses gostos, mas quando elas começavam a conviver com ele, logo se acostumavam e passavam a admirá-lo pelo amor que tinha pela natureza.

O pároco ainda tinha um programa religioso, o “Encontro com Deus”, na Rádio Solar AM, há cerca de dez anos. Ele explicou que a indicação para que assumisse o programa havia surgido porque o Padre Camilo de Paiva, que era quem comandava o “Encontro com Deus”, mudou-se para a Itália. Monsenhor Miguel Falabella então indicou Expedito. Segundo Expedito, o programa de meia hora era importante para seu trabalho de evangelização, uma vez que o rádio atingia um grande número de pessoas em diferentes lugares.

O árbitro Marcelo Van Gasse, que era um dos árbitros brasileiros cotados para apitar jogos da Copa do Mundo de 2014, iniciou a conversa relatando que, antes de cursar Educação Física, cursou Engenharia, na UFJF. Mas logo desistiu desse curso e optou pela Educação Física. Na faculdade, começou a apitar jogos de futebol de salão. Depois, ingressou na Liga de Futebol de Salão. Decidiu, então, fazer um curso de árbitros, em São Paulo.

Começou a apitar jogos nas divisões de base e se dedicou muito para chegar às divisões profissionais. Após muito esforço e dedicação, conquistou espaço na primeira divisão. Em 2003, passou a integrar o quadro da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) para ser árbitro do Campeonato Brasileiro. Ele estreou na série B, mas logo conseguiu ir para a série A.

Quando criança, Marcelo jogava futebol e não pensava em ser árbitro. Isso só passou por sua cabeça quando ingressou na Faculdade Educação Física.

A esposa de Marcelo, Eliane Moreira Van Gasse, revelou que sempre apoiava o marido. Acendia velas na frente da televisão e orava a cada transmissão dos jogos que Marcelo apitava.

Marcelo disse que um jogo que marcou sua carreira foi a final do Mundial de Clubes, no Marrocos, o qual lhe deu visibilidade para que fosse cotado para apitar jogos na Copa do Mundo.





#### FICHA TÉCNICA

**Apresentação:** Júnio Nogueira, Michele Ferreira e Natália Oliveira

**Produção:** Larissa Garcia, Letycia Bernardete e Thaiza Gribel

**Edição:** Marcela Valladares, Matheus Sampaio, Natália Oliveira, Thales Rodrigues e Yuri Fernandes

**Câmeras:** Caio Ferreira, Douglas Ribeiro e Igor Santos

**Divulgação:** Henrique Perissinotto, Laura Santos, Layrha Moura e Vanessa Ferreira

**Vinheta:** Davi Ferreira

**Apoio técnico imagens e edição:** Gildo Leonel e Rodrigo Paschoalino



## Clube Acadêmicos, Aldo Manfrói e Turma do São Roque

Esse programa contou a história do Clube Acadêmicos, do atleta Aldo Manfrói e da Turma do São Roque.

O jornalista Ivanir José Yazbeck era um dos membros da Turma do São Roque e contou que ela foi formada a partir da amizade de crianças das imediações do Largo de São Roque. O nome do grupo era também uma homenagem à Igreja de São Roque, a qual se localizava no trecho conhecido como Largo de São Roque.

O aposentado Evandro Dore, outro membro do grupo, disse que a turma tinha o costume de se reunir no Sport Club para aproveitar o carnaval e para dançar nos bailes promovidos pelo clube nos finais de semana.

Os integrantes da Turma também jogavam basquete. Segundo Evandro, o time treinava no Sport e ganhava todas as competições das quais participava. Alguns jogadores – e Evander estava entre eles – se destacaram e foram jogar em times grandes, como o Flamengo.

Eles também tinham um time de futebol com o mesmo nome da turma e disputaram vários jogos com times de fora da cidade.

Sobre o Clube Acadêmicos, o ex-presidente Edézio Fonseca Mendes contou que ele foi criado em 1º de outubro de 1948 por um grupo de garotos da Rua Santa Rita, ao criar um time de futebol. Ele disse que existia um bar na esquina da Rua Santa Rita com a Batista de Oliveira chamado Acadêmicos. Os garotos, então, resolveram colocar esse nome no time.

Edézio afirmou que recebeu um convite para orientar garotos que jogavam futebol de salão, em 1969. Mas acabou se apaixonando pelo clube e trabalhou no local por cerca de 30 anos.

O ex-presidente do Clube Acadêmicos, Adilson Zappa, relatou que o então presidente da Confederação Brasileira de Desportos (CBD) João Havelange esteve em Juiz de Fora a convite do Clube Acadêmicos. Ao chegar à cidade, João se mostrou entusiasmado com a criação do clube e incentivou a Prefeitura a doar um terreno para sediar o Acadêmicos. Um terreno no Bairro Bairu, então, foi doado.

O então vice-presidente do Acadêmicos, Ronaldo Domingos de Oliveira, salientou que desde 2002 o clube não disputava campeonato nenhum. Entretanto, como eles possuíam uma quadra de esportes na sede do clube, os membros planejavam retornar à prática do futebol.

Ronaldo revelou que a memória do clube era preservada e narrada através dos troféus ganhados até 2002, dos documentos e reportagens sobre o Clube. Ele acrescentou que o time de futebol estava parado porque o custo para manter um time era alto e porque os jogadores não jogavam mais por amor à camisa.

O professor de Educação Física Toninho Buda contou como conheceu Aldo Manfrói. Ele revelou que isso aconteceu durante as corridas das quais participava e que todos falavam muito sobre Aldo.

Dois fatos de sua convivência com Aldo que marcaram Toninho foi quando ultrapassou o atleta pela primeira vez e quando, em uma corrida, havia



ficado em segundo lugar e foi comentar, feliz, esse fato com Aldo. A reação do outro foi perguntar porque o segundo lugar e não o primeiro. Com isso, Toninho concluiu que Aldo era como Ayrton Senna, pois também não se contentava com o segundo lugar.

Aldo começara a praticar atividade física por problemas de saúde. Mas, após ter começado, não deixou mais de treinar. Praticou ciclismo, corrida e natação desde a adolescência. Porém, sua grande paixão era mesmo a natação.

Ele chegou a ser professor de natação. O empresário José Gilberto de Mello disse que foi um dos alunos de Aldo, que ensinava técnicas de natação diferentes das que eram ensinadas pelos demais professores de natação.

A professora Tânia Vilaça revelou que Aldo fez do esporte seu estilo de vida e se preocupava muito em se alimentar saudavelmente. Ela destacou que todos os que conviviam com o atleta se surpreendiam com o fato de que ele nunca saía da dieta, e muitas dessas pessoas acabaram se tornando adeptos da alimentação saudável devido à influência de Aldo.

Tânia ainda lembrou que em muitas ocasiões, mesmo doente, febril ou recém-curado de uma pneumonia, o atleta ainda encontrava energias para correr. Com quase 80 anos, Aldo conseguiu vencer uma competição de 200 metros de nado borboleta. Seu sonho, de acordo com Tânia, era ver o número de triatletas crescer em Juiz de Fora.

A filha de Aldo, Mônica Manfrói, contou que não se lembrava de ver seu pai parado, descansando. Ele também tinha paixão por fotografia e gostava de fazer mosaicos. Mônica afirmou que, às vezes, ele ficava de seis meses a um ano sem fazer mosaico nenhum, mas quando começava algo novo, ficava obcecado e não parava até terminar o serviço.

A qualidade do pai que Mônica mais admirava era essa persistência. Ela ressaltou que, quando ele se propunha a fazer qualquer coisa, ele vivia, inteiramente, para aquela realização.



#### FICHA TÉCNICA

**Apresentação:** Luciany Oliveira, Marcela Valladares e Thaiza Gribel

**Produção:** Letícia Santos, Márcio Niheus e Ruth Gonçalves

**Edição:** Marcela Valladares, Matheus Sampaio, Natália Oliveira, Thales Rodrigues e Yuri Fernandes

**Câmeras:** Caio Ferreira, Matheus Andrade, Vânia de Paula e Vitor Silva

**Divulgação:** Henrique Perissinotto, Laura Santos, Layrha Moura e Vanessa Ferreira

**Vinheta:** Davi Ferreira

**Apoio técnico imagens e edição:** Gildo Leonel e Rodrigo Paschoalino



## Especial Arides Braga

Esse programa foi uma homenagem ao jornalista esportivo Arides Braga.

De acordo com o filho de Arides, Laerte Braga, o jornalista foi um pai exemplar, compreensivo e carinhoso em uma época em que a figura paterna era vista como repressora. Laerte disse que o pai sempre tinha algum conselho para oferecer, não se importava que os filhos participassem de sua vida e os incentivava a ler sempre.

Laerte revelou que, apesar de ser uma figura tranquila em casa e com os filhos, para a sociedade, Arides mostrava uma personalidade um pouco diferente. Quando não se sentia satisfeito com algo, fazia questão de demonstrar seu descontentamento, sendo até rude algumas vezes, ao exprimir suas ideias e pensamentos contrários ao objeto de seu desagrado.

O filho de Arides destacou que o pai era formado em Educação Física pela antiga Universidade do Brasil (atual Universidade Federal Fluminense) e, no período em que morou no Rio de Janeiro, além de ter trabalhado no jornal O Globo, fez amizades com jornalistas como Antônio Maria e Jorge Curi. Como ele também gostava da vida boêmia, fez amizade com os boêmios do Rio e logo se tornou um deles.

Laerte acrescentou que outro amor de Arides era o esporte, e nesse quesito tinha um vasto currículo. Ele foi diretor do Botafogo, foi juiz do Superior Tribunal de Justiça Desportiva e integrante do Conselho Arbitral da antiga Confederação Brasileira dos Desportos (atual Confederação Brasileira de Futebol, CBF). Além disso, foi correspondente do jornal O Globo, em Juiz de Fora, na área esportiva, e

trabalhou, durante um curto período, como comentarista esportivo na Rádio Nacional.

Arides ainda trabalhou nos Diários Associados, que eram compostos pelo Diário Mercantil e Diário da Tarde. No primeiro, manteve-se por cerca de 50 anos – a coluna “Diz que Diz Diário...”, que falava sobre futebol e onde inseria, ocasionalmente, comentários sobre política. Uma curiosidade era que Arides assinava a coluna com seu nome escrito ao contrário: “Sedira”.

No Diário da Tarde, Arides mantinha uma coluna, a “Pessoas e Fatos da Cidade”, que falava de tudo, menos de futebol. Segundo Laerte, essa coluna era, às vezes, um tanto agressiva. O filho relatou que, certa vez, Arides publicou um artigo denominado com “Os Dez Mais Chatos de Juiz de Fora”, o que causou uma grande comoção na cidade.

O jornalista Ismair Zaghetto afirmou que a maior de todas as virtudes de Arides era a generosidade.

A professora Maria Luiza Moraes finalizou o programa revelando que Arides, além de extremamente educado, era elegante e gostava muito de usar terno de linho branco.





#### FICHA TÉCNICA

**Apresentação:** Vitor Ramos

**Produção:** Vitor Ramos

**Edição:** Vitor Ramos e Cristiana Magalhães

**Câmeras:** Vitor Ramos e Juliana Neves

**Divulgação:** Henrique Perissinotto, Laura Santos, Layrha Moura e Vanessa Ferreira

**Apoio técnico imagens e edição:** Gildo Leonel e Rodrigo Paschoalino



## Clube Ginástico, Ítalo Paschoal Luiz e Leonardo de Freitas e Fabiano

Esse programa foi sobre o antigo Clube Ginástico e seu último presidente, Ítalo Paschoal Luiz, e a dupla sertaneja Leonardo de Freitas e Fabiano.

Os rapazes da dupla sertaneja se conheceram quando Fabiano, que era natural de Tabuleiro (Minas Gerais), tinha uma banda nessa cidade e foi gravar uma demo (gravação musical demonstrativa amadora) na casa de Leonardo. O anfitrião logo viu talento em Fabiano e, como precisava de um cantor para fazer um trabalho no carnaval, resolveu chamá-lo. Depois disso, durante um ano, os dois seguiram carreira solo. No entanto, novamente surgiu a oportunidade de trabalharem juntos.

Fabiano disse que, quando começaram a cantar, não sabia fazer segunda voz e que foi preciso muito trabalho para que conseguisse aprender.

A música já estava presente na vida dos cantores desde suas respectivas infâncias. Leonardo começou a cantar aos sete anos, quando seu pai lhe presenteou com um violão. Aprendeu a tocar teclado e começou a tocar em festas de igreja. Com o passar do tempo, o número de festas só aumentou.

Já Fabiano tinha um pai que era músico e lhe presenteou com um violão quando ele tinha 12 anos. Começou a ir para bailes de forró, a fim de observar os músicos, memorizar o que eles faziam e tentar reproduzir tudo em casa, sozinho.

No momento em que o Mosaico foi gravado, a dupla se apresentava todas as semanas na casa de shows German (no Bairro São Pedro), em shows beneficentes e em outros estados. Mas, no início da carreira, apresentavam-se em torneios leiteiros e

festas agropecuárias, até que conseguiram começar a se apresentar, regularmente, na casa de shows MHall (no Bairro Mariano Procópio).

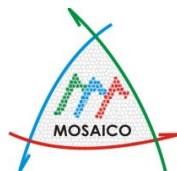
Leonardo afirmou que o segredo do sucesso da dupla era a amizade e a sintonia que eles construíram, pois, sem elas, não seria possível transmitir de verdade seus trabalhos para o público.

Importante para a cultura esportiva dos juizes-foranos, o Clube Ginástico foi objeto de estudo de várias pessoas.

O funcionário público Sálcio Del Duca explicou que o Clube fora fundado pelos alemães que se instalaram em Juiz de Fora e tinham o costume de se encontrar nos parques das cervejarias para confraternizarem. A partir desses encontros, surgiu a necessidade de praticar a ginástica e, então, criaram o Clube Ginástico.

A professora Jakeline Duque disse que o Clube foi fundado em 1909, em um parque da cervejaria Dois Leões, onde funcionou até 1913. Nesse ano, o presidente da Liga Mineira Contra a Tuberculose criou uma escola dentro do estabelecimento da Liga, chamada Dona Maria do Carmo, e convidou o Clube para mudar suas instalações para a nova escola.

Jakeline salientou que, durante os 70 anos de atividade do Clube, cerca de 4 mil pessoas exerceram atividades no local, e ele teve uma grande importância para a cidade, na medida em que incentivou o gosto pelas práticas esportivas em Juiz de Fora. Ela disse que o Clube oferecia basquete, esgrima, atletismo, vôlei e boxe.



O professor Caetano Evangelista foi o professor que ficou durante mais tempo no Clube. Ingressou em 1913 e parou as atividades em 1961, quando faleceu, e se constituiu, desse modo, como uma das pessoas mais importantes da história do Clube.

O local fechou, pois a sede era emprestada pelo estado que, na década de 1960, reivindicou o espaço. Além disso, a abertura de novos clubes também foi um fator que colaborou para que o estabelecimento fechasse.

O último presidente do Clube, Ítalo Paschoal Luiz, começou a frequentar o local aos 20 anos, tendo aulas com o professor Caetano Evangelista, que muito o ensinou. Com a morte do professor, Ítalo assumiu a presidência e deu continuidade a sua história na ginástica.

O ginasta Ítalo Paschoal contou que, quando completou três anos como discípulo de Caetano, o mestre permitiu que começasse a lecionar no Clube.

Contudo, com a extinção do local, anos mais tarde, Ítalo passou a ministrar aulas em sua residência. Construiu seu próprio ginásio no segundo andar de sua moradia e chegou a ter mais de mil alunos, trabalhando também nos finais de semana e nos feriados.

Ítalo teve seu primeiro contato com a ginástica aos 13 anos e pretendia levá-la consigo até o último de seus dias. Ele também gostava muito de futebol, tendo sido goleiro aos 17 anos, e escrevera cinco livros, quatro deles publicados. Um era sobre Educação Física e os outros eram histórias que ele inventava.



#### FICHA TÉCNICA

**Apresentação:** Júlia Horta, Ingridy Castro e Mariana Cardoso

**Produção:** Isabella Paiva, Izabela Thebas e Luiza Dias

**Edição:** Marcela Valladares, Matheus Sampaio, Natália Oliveira, Thaiza Gribel e Thales Rodrigues

**Câmeras:** Igor Santos, Matheus Andrade e Matheus Bertolini

**Divulgação:** Henrique Perissinotto, Laura Santos, Layrha Moura e Vanessa Ferreira

**Vinheta:** Davi Ferreira

**Apoio técnico imagens e edição:** Gildo Leonel e Rodrigo Paschoalino



## Paulo Gonçalves, Ricardo Ribeiro e Jairo Souza

O Mosaico 118 narrou a trajetória do autor Paulo Gonçalves, do jornalista Ricardo Ribeiro e do fotógrafo Jairo Souza.

Jairo começou a se interessar por fotografia aos 17 anos, quando pediu para sua mãe de presente de Natal uma máquina fotográfica. Passou a fotografar o time de futebol de sua rua e de seus amigos. Aprimorou sua técnica através de cursos e, aos 22 anos, decidiu tornar a fotografia uma profissão. Dessa forma, criou seu estúdio fotográfico.

Jairo revelou que o que mais gostava de fotografar eram jogos de futebol. Seus dois maiores ídolos eram Itamar Franco e Zico, o qual teve a oportunidade de fotografar por cerca de dez anos, quando trabalhava no Rio de Janeiro e cobria jogos do Flamengo.

Já o escritor Paulo Gonçalves era natural de Rio Pomba e morava em Juiz de Fora. Dentre poesias e romances, ele já havia publicado 30 livros. Ele escrevia desde pequeno, mas seu interesse pela poesia veio somente na década de 1990, sendo que passou a se dedicar a escrever em 1996.

Paulo era reconhecido tanto em Juiz de Fora quanto no sul do país e no exterior, devido ao seu projeto “Mago Cultural”. O projeto tinha 15 anos, circulava no formato de livro e tinha publicação bimestral.

Para escrever, Paulo se inspirava em acontecimentos do cotidiano e em sua família, principalmente em sua filha Mariáh Gonçalves, que desde criança já escrevia. Ele disse que a poesia era tão importante quanto o ar que respirava.

Paulo tinha sua própria gráfica em casa, o que diminuía o custo do livro. As ilustrações das capas eram feitas por ele também. Ele dizia que não fazia livro. Fazia sonhos.

O escritor acrescentou que seu maior troféu eram as cartas que recebia de seus leitores, agradecendo por seu trabalho.

Jornalista há 15 anos, Ricardo Ribeiro passara por diferentes meios de comunicação. Esse amor pelo Jornalismo nasceu quando era criança e seu pai ouvia rádio. Com isso, o gosto diferenciado pela área da comunicação nasceu.

Durante a Faculdade de Comunicação, um veículo que atraía a atenção de Ricardo era o rádio. Ele relatou que, nesse período, o professor Márcio Guerra se reuniu com algumas pessoas – dentre elas, estava Ricardo – para pensar na estrutura da Rádio Universitária. Ele trabalhou por dez anos na TV Panorama (atual TV Integração) e sua relação com a TV foi diferente da que tinha com o rádio. Ele explicou que foi diferente, porque do rádio já gostava. Da TV, aprendeu a gostar à medida que foi praticando e se tornando uma profissão que trazia brilho aos seus olhos.

Ele revelou que saiu da TV, uma vez que já havia aprendido tudo o que podia nesse veículo. Em 2012, ingressou em uma campanha eleitoral e, quando esse processo terminou, foi convidado por Paulo César Magella para assumir a coordenação do jornalismo da Rádio Solar.

A reportagem de TV que fez e que mais o marcou foi a de uma apreensão de carne clandestina,





em que um promotor de justiça ligou pra Ricardo por volta das duas da manhã, avisando que a apreensão seria feita. Ele e o cinegrafista Humberto Campos transmitiram tudo ao vivo.



#### FICHA TÉCNICA

**Apresentação:** Júlia Horta, Mariana Cardoso e Thaiza Gribel

**Produção:** Isabella Paiva, Letícia Santos e Ludmila Azevedo

**Edição:** Ingridy Castro, Matheus Sampaio, Thaiza Gribel e Thales Rodrigues

**Câmeras:** Douglas Ribeiro, Igor Santos e Matheus Bertolini

**Divulgação:** Henrique Perissinotto, Laura Santos, Layrha Moura e Vanessa Ferreira

**Vinheta:** Davi Ferreira

**Apoio técnico imagens e edição:** Gildo Leonel e Rodrigo Paschoalino

## João Carlos Coelho Júnior, Eduardo Monsanto e Carlos Fernando Ferreira

Esse programa foi sobre o gestor em marketing João Carlos Coelho Júnior, sobre o jornalista esportivo Eduardo Monsanto e sobre o professor de música no Instituto de Artes e Design da UFJF e professor de Educação Física na Faculdade de Educação Física da UFJF, Carlos Fernando Ferreira.

Carlos começou a se envolver com esportes ainda criança, enquanto assistia aos jogos que eram transmitidos na televisão e jogava futebol. Quando foi para a escola, interessou-se ainda mais por esportes e chegou a jogar handebol. Essa experiência na escola foi um dos fatores que o levou a cursar Educação Física. Ele não praticava mais o handebol, mas descobrira outras paixões: a corrida e o tênis.

Carlos tinha um grupo de pesquisa na Faculdade de Educação Física (Faefid) chamado Grupo de Pesquisa em História da Educação Física e do Esporte, criado em 2002. Alguns objetivos desse grupo era fazer um documentário sobre a história das práticas corporais e do esporte em Juiz de Fora e criar um museu do esporte na Universidade.

Além disso, Carlos tinha um grande envolvimento com a música. Desfilava no carnaval do Rio de Janeiro, já havia participado de concursos de marchinhas e ministrava aulas de história da música popular. Também era cantor e compositor. Ele relatou que seu amor pelo carnaval foi herança de seus pais, pois sua mãe torcia pela Mangueira e o pai, pela Portela. Para não brigar com os dois, ele se tornou torcedor da escola Império Serrano.

Contudo, em 1984, tornou-se torcedor da Vila Isabel, após assistir a um desfile cujo enredo era sobre os trabalhadores do carnaval.

Ele ressaltou que o fato de ter cursado a Bituca – Universidade de Música Popular, localizada em Barbacena – lhe ofereceu mais confiança para mostrar seu talento como cantor e compositor.

João Márcio contou que, durante o período em que frequentou a Faculdade de Comunicação, participava da Rádio Universitária, o que ele ressaltou ter sido um grande aprendizado, pois o preparou para tomar decisões rápidas. João participava do programa Resumo Esportivo e tinha seu próprio programa de heavy metal, chamado “Metal Time”.

Ao se formar, o jornalista conseguiu um emprego na empresa de telecomunicações americana AT&T e revelou que foi selecionado para preencher a vaga por ter sido o único candidato que havia feito rádio. Trabalhou, também, no jornal Tribuna de Minas, no Jornal Panorama, em agência de publicidade, foi secretário de comunicação e diretor de marketing da Prefeitura e, quando o Mosaico foi gravado, era coordenador de marketing da Minas Arena – empresa que fazia a gestão do Mineirão.

João também cursou Administração, com o intuito de adquirir mais embasamento para trabalhar com marketing.

Já Eduardo Monsanto era natural de Petrópolis e estudara Jornalismo na UFJF. Na época de gravação do programa, ele trabalhava na ESPN, rede de TV por assinatura, a qual transmitia programas esportivos.



Ele afirmou que seu pai trabalhava na Rádio Nova Cidade e o levava para acompanhar as transmissões de futebol. Como ele gostava muito do esporte e havia crescido em uma rádio, a escolha pela profissão não foi difícil.

Quem lhe abriu as portas para o mercado esportivo foi o então chefe do departamento de esportes da antiga Rádio Solar, Ivan Costa. Após quatro meses de faculdade, o jovem foi começou a trabalhar na emissora.

Em 2000, estagiou na TV Panorama (atual TV Integração) e, dois anos depois, foi contratado. Ele disse que, no início, era repórter do MGTV e cobria as folgas do Antônio Marcos no esporte. Passou a apresentar o Panorama Esporte, de 2003 a 2005. Entretanto, ele revelou que sua grande vontade era de ser locutor esportivo. Mandou seu portfólio para a ESPN e conseguiu uma vaga.



#### FICHA TÉCNICA

**Apresentação:** Ingridy Castro, Luciany Oliveira e Thaiza Gribel

**Produção:** Letycia Bernadete, Luísa Dias e Ruth Gonçalves

**Edição:** Ingridy Castro, Luciany Oliveira, Matheus Sampaio, Thaiza Gribel e Thales Rodrigues

**Câmeras:** Caio Ferreira, Matheus Bertolini e Victor Marcelino

**Divulgação:** Henrique Perissinotto, Laura Santos e Layrha Moura

**Vinheta:** Davi Ferreira

**Apoio técnico imagens e edição:** Gildo Leonel e Rodrigo Paschoalino





## Rádio Catedral, Ângelo Atalla e Família Procópio Teixeira

O programa 120 falou sobre a Rádio Catedral, mostrou a história de Ângelo Atalla e da família Procópio Teixeira.

O programa começou com a diferenciação entre dois membros importantes da família Procópio Teixeira para Juiz de Fora. O advogado Maurício Teixeira revelou que José Procópio Teixeira era seu avô, enquanto José Procópio Teixeira Filho, seu pai. Ele acrescentou que o primeiro foi prefeito de Juiz de Fora por cerca de 15 anos, sendo que seu mandato começou em 1916. Já o pai de Maurício, que também foi prefeito da cidade, assumiu o cargo em 1946.

O avô de Maurício era natural de uma cidade chamada São Vicente de Minas, no sul de Minas Gerais, e veio para Juiz de Fora a fim de exercer as profissões de médico e pecuarista. Já o pai do advogado foi cafeeiro, além de ter se dedicado ao estudo das Ciências Sociais e Políticas – participou da edição de sete livros (de distribuição gratuita) – e ter sido diretor de um banco.

O advogado ainda disse que seu avô fundou o abrigo Santa Helena e a Casa Maternal Santa Helena, que levava o nome de sua avó.

Maurício revelou que seu pai participou da criação do Sport Club e foi seu segundo presidente. Nesse tempo, a sede do Sport era na Rua Benjamin Constant, onde hoje se localiza o MAMM. Isso porque esse terreno era do avô de Maurício, que o cedeu para a instalação do novo clube.

Quando a sede foi transferida para a Avenida Rio Branco, José Procópio Teixeira e seu filho foram homenageados pelo clube, tendo seus nomes atribu-

ídos à arquibancada. José também foi homenageado com o nome em uma das ruas do Bairro Bom Pastor.

O médico Ângelo Atalla também não era nascido em Juiz de Fora, mas, sim, em Ubá. Desde a sua infância, uma grande paixão que cultivou foi o cinema. Ele afirmou que o cinema era o único contato que tinha com o mundo fora de Ubá, e ver a diversidade que existia nesse mundo o motivou a sair de sua inércia e de sua terra natal. Veio para Juiz de Fora a fim de prestar vestibular. Passou para Medicina, mas não deixou o cinema de lado, tendo produzido cerca de 50 curtas-metragens nesse período.

Após ter se formado, optou pela área da Hematologia (especialidade voltada para o estudo do sangue). Prestou concurso para professor da UFJF e passou.

Foi para o Rio de Janeiro, onde participou de um treinamento para promover transplante autólogo de medula óssea e, de volta a Juiz de Fora, conseguiu fazer o primeiro transplante de medula custeado pelo Hospital Universitário. Ele se orgulhava em dizer que a arte o ajudara no desempenho como médico e que, sem ela e sem o lado humanitário, não seria possível ser médico.

Ele foi homenageado com o título de cidadão honorário de Juiz de Fora e recebeu a Comenda Juscelino Kubitschek, da UFJF.

O Padre Camilo de Paiva era o diretor da emissora e explicou como a Rádio Catedral foi criada. Ele disse que a iniciativa surgiu a partir da necessidade de a Igreja Católica conversar mais com a sociedade. A ideia foi de Dom Eurico dos Santos



Veloso e de um grupo de católicos da cidade, e o nome escolhido para a rádio tinha o objetivo de aliar fé e conhecimento (a palavra “Catedral” significa ensino e faz referência à igreja católica).

O radialista Rogério de Souza afirmou que tinha um programa na Catedral, o “Entre Amigos”, o qual possuía um caráter informativo e educativo, assim como o restante da programação da Rádio.



#### FICHA TÉCNICA

**Apresentação:** Júlia Horta, Matheus Sampaio e Michele Ferreira

**Produção:** Larissa Garcia, Márcio Niheus e Mariana Cardoso

**Edição:** Ingridy Castro, Luciany Oliveira, Thaiza Gribel e Thales Rodrigues

**Câmeras:** Caio Ferreira, Matheus Bertolini e Victor Marcelino

**Divulgação:** Henrique Perissinotto, Laura Santos, Livia Honório e Matheus Bertolini

**Vinheta:** Davi Ferreira

**Apoio técnico imagens e edição:** Gildo Leonel e Rodrigo Paschoalino